



6-1-33

8

S. PAULO VENCEU!



3

DO MESMO AUTOR:

OS SEM TRABALHO DA POLITICA (entrevistas com os politicos da Republica Velha) — 1931 — Flores & Mano, editores — (exgotado).

ARNON DE MELLO

S. PAULO! VENCEU!

PREFACIO DE
JOÃO NEVES

4.^a EDIÇÃO



editores — FLORES & MANO
RUA DO OUVIDOR, 145 — RIO

981.6
M52
Spv

A

Luis Moraes

e

Carlos Saboya

A O L E I T O R

Foi seguramente a imprensa a principal victima dos que defraudaram os intuitos fundamentaes da revolução de 1930. A campanha politica, que precedeu, preparou, animou e justificou a subversão da ordem legal, teve no jornalismo uma das maiores — sinão a maior — das armas de combate. Graças á prédica intrepida dos mais prestigiosos quotidianos e á campanha tenaz dos azes do publicismo brasileiro, o ambiente gelado das primeiras horas, pela memoria das decepções anteriores, converteu-se na chamma, que acabou por incendiar o paiz em todas as camadas, numa quasi unanimidade. O que toda gente reclamava — por la razón ó la fuerza — era acima de tudo a reconquista das liberdades publicas e das franquias civis, que uma pratica viciosa reduzira a expressões theoricas, embalsamadas, como letras mortas, no texto da lei fundamental. Grande e bella jornada de intelligencia e de bravura a que em 1929, valendo-se da penna e da palavra, ganhou a opinião, de ponta a ponta, como uma vasta preparação de artilharia a revolver o terreno dos ultimos preconceitos e reservas!

Jornalistas e tribunos reavivaram, no scenario inquieto do primeiro quartel do seculo XX, a idade de ouro da Abolição e da Propaganda. O levante armado foi assim apenas um passeio militar, quasi uma simples mobilisação geral, o que não impediu a superprodução de heróes, a despeito da exiguidade de batalhas. E' que a fortaleza estava minada desde os alicerces. Durante quatorze mezes, o poder do verbo oral e escripto reduziu as casamatas do regimen a méras ficções.

Tudo indicava — as promessas do candidato vendido pela acta falsa e empossado pela força, os antecedentes da jornada, a folha de serviços dos que, entricheirados na imprensa, haviam soffrido a censura, a prisão e o nome no index, que se abrisse desde logo o debate publico e irrestricto das novas directrizes programmaticas e que a critica honesta não encontrasse nos vencedores inimigos mais implacaveis do que aquelles que, a 24 de Outubro, tombavam com o systema. Desgraçadamente assim não foi. Não foi e não podia sel-o, porque os que occuparam o poder traziam disfarçado, sob a bandeira liberal, o contrabando sinistro da dictadura sine die. A Nação armada e desarmada abrira as portas do poder a uma ideia e os homens, que diziam encarnal-a, dissimulavam sob o véo das promessas mendazes apenas o appetite subalterno do mando para uma minoria de arrivistas sem programma, distanciados da época e dos sentimentos do Brasil.

Sabe toda gente o que foi o prélio tremendo entre a dictadura e o povo. Bafejado pela sympathia geral, o governo provisorio dissipou aquelle capital com uma prodigalidade insensata. Vimol-o em breve abandonado por todos, instaurando no paiz o regimen da excepção, innovando inconscientemente todos os rumos, perturbando os serviços publicos, creando uma atmospherá de sobresalto a todos os direitos, alarmando a consciencia publica com a prédica de ideologias exóticas, ferindo os melindres do sentimento provincial, fugindo aos compromissos, esquecido de deveres, inepto e desimantado, protelando, entre o caporalismo audacioso e mediocre, o implemento da sua unica e verdadeira finalidade — a recta consulta ao povo atravez de um pleito eleitoral honesto.

Animado de taes propositos, teria de ser a imprensa a sua victima predilecta, sacrificada até pela selvageria do empastellamento, official e impune. Até mesmo premiado, em cerimonia publica, com os mimos e o discurso do chefe do Estado, sorridente e insensível entre os heróes do attentado. Estava na logica das attitudes assumidas. Pelo suborno, a perseguição, a ameaça, o carcere e o desterro, a dictadura pretendeu amordaçar a voz da Nação rebelde aos caprichos olygarchicos. Em nenhuma fase da historia brasileira, foram consumadas maiores denegações da liberdade de pensamento. Tambem jamais, em nosso infortunado

paiz, o desplante do falso jornalismo — o da verba secreta — tomou proporções mais atrevidas.

Fechadas todas as valvulas de segurança, São Paulo, de armas em punho, durante tres longos mezes escreveu nos campos de Piratininga a mais rude epopéa da sua chronica.

Não é este o logar para fazer o relato dos antecedentes da pugna, que ficou como uma lição formidavel. Volte o leitor esta pagina descolorida e contemple, atravez do depoimento de um reporter á moderna, o esplendor da energia brasileira no Estado de São Paulo.

Arnon de Mello pertence á novissima geração de jornalistas. Tem os dois predicados indispensaveis ao métier — sabe observar e escrever. Neste livro, deixa elle, para o julgador de amanhã, o testemunho insuspeito dos que, combatendo contra a vontade da Patria, honraram ainda assim o Brasil pela resistencia a todas as provações. Lendo-o, nós, os vencidos, vemos pelo avesso o tecido da fulgurante jornada e lá, mais do que alhures, encontrámos a certeza de que estavamos de bom lado.

Neste livro, sobresáe, como verdade inconteste, o titulo — SÃO PAULO VENCEU! Os timidos, os maus observadores, os interesseiros vulgares suppõem que São Paulo perdeu a partida, porque o inimigo continuou no Cattete. Quem aprofundar, porém, um pouco

no cãos da actualidade brasileira, acabará convencido de que a dictadura é que foi campalmente derrotada a 29 de Setembro do anno passado. Nunca Pyrrho conquistou triumpho de semelhantes consequencias. A dictadura jogou comnosco o — perde-ganha. Si a derribassemos materialmente, perderia. Si capitulassemos, pela força, perderia tambem. E' simples a prova. Até 9 de Julho, não se alistava um eleitor, não se movimentavam os cadastros da cidadania, não se acreditava na realisação do pleito, embora a data estivesse fixada, os tutores do paiz não admittiam sequer a possibilidade dos comicios. O gabinete secreto tinha nas mãos a chave da situação. São Paulo, esmagado militarmente, obrigou, porém, os dictatoriaes ao appello ás urnas. Não foi um tumulo, mas um fiat. Os mais encarniçados inimigos do pleito renderam-se á imperiosa necessidade de o fazer. O governo de facto succumbiu no vale do Parahyba, nas margens do Paranapanema e na resistencia de Campinas.

Aos incredulos opponho a genuina expressão do que elles, os dictatoriaes, sentem e pensam.

Formando na propria casa do Ministro do Exterior o syndicato politico, que lhes garanta a continuidade do poder, elles mesmos affirmaram em nota official, com admiravel candura:

“Todas essas forças, que agora se unem contra

a Dictadura, estão convencidas de que a constituinte, por si só, não resolve o problema brasileiro. Entretanto fizeram della a bandeira da luta, calculando que, tendo que vir ou mais cedo ou mais tarde (sic!), o seu advento lhes proporcionaria, de qualquer forma, perante o povo, **UMA SITUAÇÃO DE MEIA VICTORIA**, que contam poder explorar **CONTRA OS PARTIDARIOS DA DICTADURA.**”

*Parece inacreditavel que, em taes termos inequívocos, a confissão possa ter brotado da penna de um grupo de homens, que desfructam a posse do poder e se arrogam o direito de dominar o povo brasileiro. Mas lá está escripto com todas as letras que elles eram **PARTIDARIOS DA DICTADURA** e que foram derrotados... por metade. Isto é, tiveram que engulir a solução eleitoral!*

*Os vencidos — e são elles os vencidos — ainda regateiam com a magistratura da opinião, para conceder-nos apenas, num recibo publico, a **MEIA VICTORIA**, como concordatarios de má fé!*

Não. A victoria foi integral, total, absoluta.

Bem sei que cada um dos syndicos da fallencia dictatorial ainda abriga a esperança de duper a consciencia civica do Brasil, arrancando de urnas viciadas pela fraude e a violencia uma assembléa de automatos,

que referende apenas o projecto delles e conserve no Cattete, como presidente, o dictador vencido pela energia bandeirante, vanguarda irresistivel da Nação desarmada. Tambem esse ultimo sonho não tardará a dissipar-se no ether das utopias politicas. Porque ou a eleição annunciada será um confronto livre entre correntes politicas, ou o povo brasileiro não a terá jamais como expressão de sua vontade soberana.

Esperemos.

De qualquer forma, São Paulo venceu. E a sua victoria quem a proclamou primeiro foi o general Waldomiro Lima, comprehendendo com acerto que não lhe tocava, como despojo de guerra, uma satrapia vacante, mas o governo de um grande povo, que impuzera, pelo sacrificio, ao Brasil os rumos inapagaveis da legalidade. Não recorreu s. ex. ás praticas que levaram os paulistas ás armas do desagravo. O exemplo era recente. A lição fôra proveitosa. Tem-lhe isso valido conSPIrações extremistas, ameaças, sobrecechos carregados? Seguramente. Que maior prova de que o que elles querem é um São Paulo occupado, talado, humilhado?

São Paulo venceu! Todas as penas que nos tocaram, no inventario das responsabilidades, são doces premios em confronto com a certeza de que os destruímos na louca tentativa de implantar no Brasil a di-

ctadura decennial, intuito confessado das primeiras horas, com a sobrecarga das legiões e dos clubs.

Passada esta fase torva de cavillações, o Brasil ha de chegar, pela somma das nossas renunciias, a comprehender, como Herriot, num artigo recente, que os seus dirigentes têm de pertencer “à ceux qui croient à l'identité de la conscience politique et la conscience morale.”

Bravos ao jornalista adolescente, que, entre os clares da sua juventude illuminada pela intelligencia, foi o primeiro a proclamar com desassombro — SÃO PAULO VENCEU! E essa segurança, que enfurece os nossos adversarios, dá-me hoje, na paz destas montanhas coroadas de gelos eternos, a alegria de verificar que os vencidos-vencedores, de hoje, amanhã dentro da Patria serão os vencedores magnanimos, para a edificação do Novo Brasil.

JOÃO NEVES.

PUNTE DEL INCA — CORDILHEIRA DOS ANDES — 25 de Março de 1933.

S. PAULO VENCEU!

Enviado especial dos Diarios Associados junto ás forças em operações no valle do Parahyba e tolhido pela censura de publicar qualquer cousa que ferisse os melindres da Dictadura, resolvi logo escrever um *diario*, em que puzesse tudo quanto visse e ouvisse no decorrer do movimento. Dahi, este livro, feito ao calor da luta mas em que eu procurei ser sempre fidedigno, soffrendo o mais possivel o meu entusiasmo de moço, francamente favoravel ao grito de protesto que, com sacrificio da sua população e da sua riqueza, S. Paulo ergueu em bem do Brasil.

Espectaculo grandioso o que presenciamos em 32: o maior Estado da Federação marchar, como um só homem, contra a oppressão e a anarchia para garantir as liberdades publicas e assegurar a ordem! Oliveira Vianna, nas *Populações Meridionaes do Brasil*, observa que, “em questão de serviço militar, o brasileiro é um refractario his-

torico, o tributo do sangue o apavora e elle não é capaz de aventurar-se por gosto nos prelios sangrentos, hombreando com a morte em convivio familiar". No entanto, viu-se com que ardor S. Paulo em peso, da mocidade á velhice, se lançou ás armas, acorrendo aos quartéis e dirigindo-se ás trincheiras para vencer ou para morrer. Que exemplo de bravura civica, que vivo sentimento de dignidade, que amôr á liberdade, já tão brilhantemente affirmados em 42!

Separatismo, communismo, guerra de plutocratas, contra-revolução, tudo foi dito do movimento paulista, para incompatibilizal-o e para occultar a sua bandeira de reivindicações nacionaes, tal qual já se fizera em 30 com o movimento encabeçado pelo Rio Grande do Sul. Principalmente em alguns Estados, desenvolveu-se uma campanha tenaz e insidiosa contra S. Paulo (isto, sim, é que é separatismo!), dado como inimigo do Norte e do Brasil. Inimigo do Norte, S. Paulo, onde os nortistas tanto prosperam; inimigo do Brasil, S. Paulo, a terra dos bandeirantes, a quem devemos o alargamento das nossas fronteiras...

Mas o paiz inteiro fez-se surdo aos tenores dictatoriaes, logo se deixando empolgar pela grandeza da causa constitucionalista. E o Governo contou, do começo ao fim do movimento, com a sua resistencia passiva, embora desde o inicio tivesse, solertemente, procurado inverter os papeis, apresentando-se como aggreddido, quando era o aggressor frio e implacavel da dignidade nacional.

É S. Paulo venceu! Venceu, porque teve ao seu lado toda a Nação contra uma dictadura moralmente fallida e sustentada apenas pela força. Venceu, porque assegurou a implantação da lei nas incertezas do momento. Venceu, porque, é um facto que ninguem ignora, deu novos rumos ao Brasil.

No terreno militar, se a sua victoria não se caracteriza pela resistencia heroica que, sozinho, quase sem armas e apenas com 35.000 homens em luta, oppoz, durante mais de oitenta dias, a um inimigo armado até os dentes e com 100.000 soldados em pé de guerra — ahi está a palavra insuspeita do general Góes Monteiro, na entrevista do fim deste volume. Elle diz que os paulistas teriam esmagado o Governo Provisorio, se, nos primeiros dez dias, o houvessem atacado com decisão e rapidez. É o general Waldomiro Lima, entrevistado por mim para o “Diario da Noite”, quando da sua primeira visita ao Rio, como governador militar de S. Paulo, declarou-me mais ou menos a mesma cousa, accentuando que os revolucionarios perderam por falta de commando.

Todos vêem, nestas condições, que ao commando geral das tropas constitucionalistas cabem as responsabilidades de uma derrota que seria uma victoria. Karl Marx já frizava que a “defensiva é a morte de toda insurreição armada, a qual fracassa antes de chocar-se com o inimigo”. Pois bem, os paulistas mantiveram-se sempre em defensiva, consumindo inutilmente as suas forças e restringindo de maneira lamentavel o seu ascendente moral

sobre o adversario. Foi o motivo do seu desastre, o grande erro dos seus chefes.

Mas “a sorte de uma batalha é o resultado de um instante, de um pensamento” — dizia Napoleão. A derrota de S. Paulo foi mais apparente do que real. A Dictadura comprehendeu bem, aliás, este facto, não confiando muito no triumpho que lhe proporcionaram a inacção dos chefes militares constitucionalistas e a traição de figuras declaradamente partidarias do movimento. A prova disso é que não se julgou com coragem para adiar as eleições, nem continuou a dar braço forte aos extremistas, tomando, ao contrario, uma orientação bem moderada, mais de accordo com as aspirações nacionaes.

Hoje, pode-se dizer que a Revolução de 32 salvou a de 30, já desmoralizada, já sem credito algum na opinião, a debater-se num “deserto de homens e de idéas” e a emaranhar-se, dia a dia, em novos “ensaios e decepções”. Impondo, pelo menos, ao Governo Provisorio uma norma de vida differente, uma directriz mais segura e mais consentanea com o programma que o elevou ao poder, ella reduziu a desconfiança publica na pureza do movimento de outubro e trouxe ao paiz outros tantos beneficios, alguns dos quaes o proprio sr. Getulio Vargas reconhece no seu manifesto de 20 de Setembro:

“Os beneficios que lhe advirão (ao Exercito) dessa prova de resistencia á desordem serão incalculaveis. Integridade na disciplina e no respeito hierarchico, afastar-se-á

naturalmente das competições politicas para se aperfeiçoar e cumprir a sua nobre e elevada missão.”

*

* *

S. PAULO VENCEU! é um livro de reporter, de indiscreções e de verdades. Nelle, como já disse, procurei ser sempre fidedigno. Sou uma testemunha que narra simplesmente o que viu e ouviu, sem quase externar opiniões ou fazer julgamentos.

Para recolher o material que aqui se encontra, tive, no entanto, de lutar com varios obstaculos. A minha qualidade de representante dos Diarios Associados não me recommendava muito á confiança dos officiaes. Eram mesmo raros, principalmente no inicio da luta, os que me falavam sinceramente da situação. Eu vivia quase isolado, como uma pessoa temivel, e isso, em meio á valentia dos combatentes, talvez até me confortasse um pouco a vaidade...

Mas, graças áquelle “impulso humano — a que se referia o Fradique — de latitude infinita, que, como todos, vae do reles ao sublime”, levando-nos, “por um lado, a escutar ás portas e, por outro, a descobrir a America”, afastei, até certo ponto, as reservas que me cercavam, abri uma brecha na grossa parede da discreção militar e pude, assim, conhecer muita cousa curiosa e sensacional que agora trago á publicidade.

As declarações do general Góes Monteiro, que exprimem fielmente o seu pensamento, porque já foram por elle convenientemente lidas e revistas, e as palavras de officiaes, cujos nomes deixo muitas vezes de revelar por motivos facilmente comprehensíveis, são bastante expressivas para fixar uma hora. São affirmações, depoimentos e commentarios expontaneos e sinceros que dão, em conjuncto, uma idéa do que foram, no sector do valle do Parahyba, os mezes de Julho e Agosto, sem duvida os mais interessantes de toda a campanha.

Com este livro simples e apressado, mas verdadeiro e honesto, desejo, emfim, lançar um pouco de claridade no confusionismo actual e fornecer alguns elementos exactos de informação aos que futuramente se preocupem com os días tormentosos e heroicos da Revolução Constitucionalista.

Rio, Fevereiro de 1933

ARNON DE MELLO

JULHO

Quarta-feira, 13 de Julho

Sou incumbido de acompanhar mais de perto as operações militares do valle do Parahyba, como enviado especial dos Diarios Associados. O general Góes Monteiro partiu esta madrugada para commandar o Exército de Léste e se encontra, com o seu Q. G., na Barra do Pirahy.

Deixo o Rio de tarde e o deixo sob a impressão geral de um accordo. A entrevista que o chefe das forças dictatoriaes concedeu ao "Diario da Noite" e a divulgação das noticias referentes á chegada de dois officiaes da 2.^a Região Militar, que com elle vieram conferenciar, levam todo mundo a crer num entendimento. É tanto mais quanto, rebentando a Revolução no dia 9, até agora não se iniciaram as hostilidades.

O comboio em que viajo é composto de quatro carros: tres de primeira e um de segunda classe. Nos de primeira, regular numero de passageiros, entre os quaes varios militares. No de segunda, que é especial, um grupo de soldados enfermeiros, com as cabeças sempre ás janellas e com as physionomias denotando certa preoccu-

pação. E' essa, naturalmente, a causa das insistentes saudações que o trem recebe por onde passa. São adeuses, lenços soltos ao vento, movimento constante de braços a homenagearem alegremente os soldados que vão para o "front".

No meu carro, tambem tomou lugar um senhor de olhos, residente em Rezende e já maduro de idade. Elle não se mostra satisfeito com o salvo conducto que a Policia lhe forneceu, limitando-lhe a viagem até Barra do Pirahy :

— Mas eu irei de automovel. E se me pegarem, digo que vou para minha casa. Não tenho crime nenhum por isso. Não tenho nada com revoluções. Que o diabo carregue todas ellas!

Quinta-feira, 14 de Julho

Barra do Pirahy foi um dos primeiros pontos de desembarque das forças do Governo. Noto a transformação que nella se operou, depois do movimento revolucionario. O seu hotel principal, o da Estação, que fica cobrindo insolentemente a plataforma, como a exigir que todos os viajantes para lá se dirijam e façam despesas, está cheio de officiaes do Q. G., que ali comem, fumam, lêem jornaes, conversam, discutem.

Na gare, nos edificios publicos, nos cafés, nos pontos de mais movimento, quasi que só se vêem fardas e

boletins pregados á parede e escriptos a machina. São avisos do chefe de Policia Militar, coronel Avila Lins, determinando aos habitantes que não atravessem a linha ferrea á noite, que não bebam, que não commettam crimes, pois, do contrario, serão rigorosamente punidos.

A transformação por que passou a pacata cidade fluminense não agradou muito á sua população.

— Que é que temos nós com o que está acontecendo? — dizia-me, aborrecido, um velho commerciante. No entanto, soffremos mais do que qualquer outro. Um meu collega, o sr. Di Biase, agente de automoveis Chévrolet, teve requisitado quasi todo o seu stock. E, se não fosse o general Góes Monteiro, a quem elle reclamou, teria fechado a sua casa, por falta de mercadoria. Mas não fica somente nas requisições. E a paralysação dos negocios? E a crise tremenda que virá depois? Isso tudo, sem falar na inquietação das nossas familias, constantemente alarmadas.

*
* *

Encontro mais tarde o general Góes Monteiro na sala de refeições do Hotel da Estação. Ladeando-o, o tenente Faria Lemos, seu ajudante de ordens, e o tenente-coronel Pantaleão Pessoa, chefe do seu Estado Maior.

Cumprimento-o. Elle se mostra bem humorado. Tem á meza um tonico e explica-me que precisa fortificar-se.

Pede-me noticias do Rio. Digo-lhe do que corre sobre um entendimento.

— “Emquanto não se iniciarem as hostilidades — accentúa — está em tempo. Depois disso, porem, não haverá mais soluções boas: só haverá soluções más.”

Agora, outro assumpto: o rompimento das relações diplomaticas entre a Argentina e o Uruguay. O general friza:

— “Num momento como este, o Brasil não podia deixar de estar unido e em paz: não sabemos quaes serão as consequencias desse rompimento de relações entre paizes cujos territorios confinam com o nosso.”

Um official traz a noticia de que em Itatiaya houve um tiroteio entre patrulhas paulistas e dictatoriaes, tendo sido presos tres soldados revolucionarios. O general já havia tido conhecimento do facto pelo telephone, mas se interessa em ouvir a narrativa.

Terminado o jantar, levantam-se todos. Forma-se, então, numa das janellas do Hotel, um grupo, de que fazem parte o general, o capitão Frederico Buys e o capitão Othelo Franco. Commenta-se a prisão, em Juiz de Fóra, do general Firmino Borba, que, assumindo o commando da 4ª Região Militar, se manifestara favoravel ao movimento constitucionalista.

— A precipitação dos paulistas inutilizou a acção do Borba — observa o capitão Othelo.

O general concorda e vira-se, depois, para mim:

— “Já soube do caso do dr. José Carlos de Macedo

Soares? Elle telegraphou da Europa ao chefe do Governo, dizendo que prefere ser vencido com S. Paulo a ser victorioso contra S. Paulo. As primeiras consequencias da luta ingloria a que vamos assistir.”

Sexta-feira, 15 de Julho

O Q. G. deslocou-se, hoje, para Barra Mansa. Quer dizer: uma fileira enorme de carros abandonou, ás 3 horas da madrugada, Barra do Pirahy, deixando-a menos agitada e em mais liberdade.

Sómente pela manhã é que eu sigo para lá. Viajo no expresso, que vem do Rio e passa por aqui ás 9 horas. Estou sentado numa das primeiras cadeiras do primeiro carro do comboio, com o meu passaporte limitado até Barra do Pirahy e com a physionomia cheia de uma innocencia necessaria. Ao lado, noutra grupo de poltronas, uns quatro ou cinco militares, entre os quaes o tenente Felinto Muller, conversando animadamente sobre cousas que me interessam. Não faço, porém, grande esforço para ouvir o que elles dizem: a isso me aconselha a minha situação de infractor das medidas policiaes (já disse que viajo para Barra Mansa sem salvo conducto) e de representante de jornaes pouco bemquistos pela Dictadura. Mas, não indo tambem ao extremo de tapar os ouvidos, está claro que, de vez em quando, me chegam uns pedacinhos saborosos da palestra :

— O Flôres surprehendeu, hein? Que esforços para sustentar o Getulio! E sozinho, contra toda a Frente Unica! — fala um.

— Com o Rio Grande e Minas do nosso lado, São Paulo estará em breve perdido — accrescenta outro, com firmeza.

— Não, isso não. Acho que os paulistas aguentarão muito. Lembre-se de 1924: foi aquella resistencia que todos viram. E os revolucionarios de então não contavam com o Thesouro nem com o Governo do Estado — accentúa uma terceira voz.

— Que elles resistirão, resistirão. Mas fique certo: serão fatalmente vencidos.

Pelo caminho vamos encontrando soldados e mais soldados, pertencentes a tropas que esperam conducção para a frente de operações. Quasi duas horas de viagem entre Barra do Pirahy e Barra Mansa. Ahi chegado, dirijo-me para o Hotel Careca, onde os officiaes do Q. G. irão fazer as suas refeições.

Saio, em seguida, a colher noticias. Encontro um tenente meu conhecido antigo. Elle me pega pelo braço e me diz, com convicção:

— Os paulistas estão irremediavelmente perdidos. O Rio Grande e Minas estão connosco. Eu já soube até que o velho Borges mandou escrever na "Federação" um artigo em que desaprova o movimento e se declara pela paz. O Bernardes, por seu lado, não se mette nisso, que não é tôle. O povo paulista tambem não vae apoiar revo-

luções. Foi mesmo uma loucura o que esses políticos fizeram! Nem commando elles têm!

— É o general Klinger?

— Não se illuda. O Klinger, como bom allemão, só se mette em movimentos, cujo triumpho esteja absolutamente assegurado.

Falo, em seguida, ao jovem official das noticias correntes no Rio, segundo as quaes o general Góes Monteiro estaria compromettido com a Revolução, vivendo mesmo, em consequencia disso, espionado pelo Club 3 de Outubro.

— “Não acredito que o general apoiasse este movimento. Elle sempre foi amigo do Klinger, mas, agora, não concordou com a sua attitude, tendo-lhe mesmo dado sciencia disso, alguns dias antes de irrompida a Revolução. Ao que eu sei, o general chegou, realmente, a ser abordado sobre o assumpto e a ser até convidado para fazer parte de uma junta governativa, composta dos srs. João Neves e Cincinato Braga, e de outra, composta exclusivamente de militares. Mas recusou. E foi só o que houve, segundo estou informado.”

*

* *

Barra Mansa diverge de Barra do Pirahy no modo de encarar a Revolução. As pessoas, principalmente homens de commercio, com que falei ali, acham a Revo-

lução uma calamidade. Aqui, é differente. Os commerciantes, embora temam as consequencias da luta, não a condemnam tanto, reconhecendo até os beneficios que ella lhes traz, com a maior movimentação dos negocios.

— Já hontem — dizia-me, á tarde, um jovem syrio — vendemos para mais de 500\$000. Não. A Revolução tem sido bôa para nós. O que se temia eram arruaças de soldados. Mas esses, felizmente, são bem comportados. E mais ainda com a prohibição da venda de bebidas alcoolicas. O coronel Daltro Filho, que aqui esteve até ha pouco, é um official que sabe manter disciplina na sua tropa. Deus queira que o novo chefe das forças de Barra Mansa tambem seja assim.

Eu falava com esse esperto commerciante, quando notei, na rua, varias pessoas olhando para o ar. Sahi a indagar o que havia.

— Um avião vermelho! — grita um garoto.

— Paulista! Olhe ali um punhado de papeis que elle jogou! — aponta um soldado.

E era mesmo paulista. Elle vinha muito alto, furando as nuvens, distante da terra cerca de tres mil metros. Fez um rodeio por Barra Mansa e deixou cair um monte enorme de papeis, que o vento, indelicadamente, levou para bem longe da cidade.

— Que dirão aquelles papeis? — era a pergunta de todos.

Os papeis passaram um tempo immenso no ar, equilibrando-se, dansando com as nuvens, ao sabor da venta-

nia. Basta dizer que o avião deixou Barra Mansa ás 16 horas e só á noite é que appareceram pela cidade os primeiros boletins por elle lançados. Esses boletins continham uma declaração assignada pelas figuras mais representativas de S. Paulo, entre as quaes o arcebispo D. Leopoldo, os srs. José Maria Whitaker, Numa de Oliveira, Siciliano, etc., dizendo que, insuspeitos para falar, pois não pertenciam a nenhuma corrente politica, vinham dar ao povo brasileiro o seu depoimento sobre a situação real do grande Estado, que, com um enthusiasmo formidavel, se levantava, unido, contra a Dictadura. S. Paulo estava bastante forte e se enganavam aquelles que julgassem que o venceriam com facilidade.

Sabbado, 16 de Julho

Estou ha menos de 24 horas em Barra Mansa, hospedado, como já disse, no Hotel Careca e dormindo calmamente num quarto que não é dos melhores, mas tambem não é dos peiores, porque não ha outro melhor, vasio. Acordo com pancadas á porta. Abro-a sem perguntar quem é. Olho o relógio, que marca, indolentemente, 7 horas, e, em seguida, fixo a vista no atrevido que não respeita o somno matinal de quem foi dormir ás tres e pouco da madrugada. E' o tenente commissionedo auxiliar do serviço de Polícia Militar. Pede-me desculpas e pede-me licença para entrar. Tira do bolso um papel e

mostra-me. E' um telegramma do Rio, que diz mais ou menos o seguinte:

“Coronel Avila Lins, Chefe de Policia Militar — Barra Mansa — Peço-vos providencias urgentes no sentido do regresso immediato de todos os jornalistas e photographos que se encontram no “front”, os quaes, ao que parece, estão prejudicando as operações militares — a.) *Alvaro Mariante*, Commandante da 1.ª Região Militar.”

Agradeço a gentileza do tenente, que sae para ir mostrar o telegramma-ultimatum aos outros jornalistas que aqui se encontram. Em seguida, saio tambem e me dirijo para a Chefatura de Policia. Procuo o coronel Avila Lins. Não lhe falo logo da exigencia do general Mariante. Refiro-me, primeiro, á minha situação, com o passaporte limitando-me os passos até Barra do Pirahy.

— Então, como veio até aqui? — pergunta, risonho.

E, sem dar tempo a que eu lhe responda:

— Sabe que tenho ordem de fazer regressarem todos os jornalistas? Ainda hoje, de madrugada, fiz embarcar um.

Procuo mostrar ao coronel a sem razão do pedido do general Mariante. Nós não estavamos prejudicando as operações e eu mesmo nem tempo tivera ainda para isso.

O coronel ouve os meus argumentos, allude aos males causados pelas indiscreções dos jornalistas e depois pede-me que espere um pouco, que elle irá falar com o

general Góes. Espero. A sua demora é pequena. E, quando volta, combina commigo o seguinte: eu continuarei aqui mas tudo quanto escrever para os meus jornaes deverá ser visto, antes, por um official da 2.^a Secção do E. M., o capitão Edgard Amaral.

*
* * *

Ao deixar a Chefatura de Policia, que fica numa das dependencias da pequena estação da Central do Brasil, vejo um dos bancos ali existentes rodeado por grande numero de pessoas. Aproximo-me. São os primeiros prisioneiros paulistas feitos em Itatiaya. Quatro: dois cabos e dois soldados rasos. Todos vestem uniformes simples e trazem grossos capotes esverdeados. Os dois cabos mostram-se tranquilllos, conservando uma physionomia viva e serena. Os dois soldados são mais tristes e menos accessiveis. Chegaram hontem, á noite, e já foram interrogados.

Pouco depois, o coronel Avila Lins manda leval-os a um restaurante para tomarem café. E' ahi que eu consigo falar com um dos cabos, que pertence á Força Publica Paulista. Apezar da reserva natural em que se mantem, elle responde, com certa calma, ás minhas perguntas, dizendo primeiro como haviam sido presos:

— Quinta feira, á tarde, fomos encarregados eu e alguns camaradas de fazer uma diligencia nas immedia-

ções de Itatiaya. Levavamos a incumbencia de cortar a balsa que serve para atravessar o rio Parahyba, entre aquella estação e Engenheiro Passos. Tinhamos ordem de não atirar nem hostilizar quem quer que fosse. Inutilizada a balsa, deveríamos voltar.

O cabo faz uma pausa, olha o chão e continúa:

— Todos commandados por um aspirante, dirigimos de caminhão para o local. Lá descemos e nos entregamos tranquillamente ao trabalho de que fôramos incumbidos. Já o tínhamos iniciado, quando ouvimos, surpresos, o disparo de um tiro de pistola. Logo soubemos do que se tratava. O chauffeur, que era paisano e não tivera conhecimento das ordens que receberamos, avistando do outro lado um grupo de soldados, disparara contra elles a sua arma. Immediatamente, tivemos a resposta da imprudencia do nosso motorista: uma descarga de fuzil nos alvejou, ferindo a alguns, inclusive ao aspirante, cujo maxilar vi sangrando. Todos fugiram, menos nós quatro, que não pudemos e que, em breve, eramos presos.

Procuro ainda interrogar o cabo sobre outras cousas mas elle de nada sabe. Sabe apenas que em S. Paulo reina uma grande, uma extraordinaria animação.

*

* *

Chegou hoje a Barra Mansa o primeiro contingente

de força mineira. Hontem, aqui esteve o general Jorge Pinheiro, commandante do sector de Itajubá, que conferenciou longamente com o general Góes Monteiro, nomeado tambem commandante da 4.^a D. I.

Domingo, 17 de Julho

Deixei Barra Mansa hontem, á tarde, para dar um pulo ao Rio, servindo-me da amabilidade do tenente Alberto Bittencourt. Viajámos de automovel, fazendo cem kilometros a hora, pela estrada Rio-S. Paulo. Viagem magnifica.

Encontro o Rio um pouco desanimado com as possibilidades de victoria da Revolução. Esperava-se que ella fosse fulminante. Tinha-se certeza de que o Rio Grande e Minas estavam compromettidos com S. Paulo para o movimento. E, faltando o apoio immediato desses dois Estados, a decepção foi grande e a esperança, que todos depositavam no triumpho, amorteceu um pouco.

Depois, a chegada do sr. Cyrillo Junior, habilmente noticiada pelo Governo, trouxe uma certa desconfiança em torno das disposições de S. Paulo para a luta.

Nos dias que já se passaram, aguardava-se tambem um movimento da guarnição do Rio. Um amigo, que estava ao par da conspiração, dizia-me no domingo, 10:

— A guarnição daqui está compromettida com a Revolução. A maioria dos nossos generaes e dos comman-

dantes de corpos já lhe deu a sua adhesão e o movimento no Rio deverá ser chefiado pelo general João Gomes.

Uma semana depois, vê-se que tudo falhou. Comandantes de corpos e officiaes, em que tanto se confiava, partiram calmamente para o "front", a defender a Dictadura. E os que foram leaes e mantiveram a sua palavra viram logo os seus passos embargados pela Policia, que está desenvolvendo uma actividade simplesmente formidavel. O "Pedro I", a Casa de Correção e outras prisões acham-se repletas de adeptos do movimento revolucionario.

O manifesto dos partidos gaúchos, que aqui está sendo profusamente espalhado em boletins, augmentou a confiança no auxilio do Rio Grande. As opiniões, porém, se dividem, a esse respeito. No Café Bellas Artes, um riograndense diz-me :

— Acho que o Flores manterá a ordem no Estado. Elle está com muita força na mão, pois, além da Brigada, tem o general Andrade Neves que o apoiará em toda linha.

E depois de tomar um gole de café :

— Nestas condições, o Rio Grande só virá para a Revolução se elle quizer. E a minha impressão é que elle, cujo prestigio decorreu, naturalmente, do apoio que os partidos unidos nunca lhe negaram, vae ficar agora contra o dr. Borges e o dr. Pilla para sustentar o Aranha e o Getulio, principalmente o Aranha, que é como se fosse

um seu filho. Li um despacho d'elle, affirmando que o Rio Grande só apoiaria S. Paulo depois que passassem por cima do seu cadaver. Aliás, antes do dia 9, já o Aranha havia recebido um telegramma do palacio de Porto Alegre, dizendo que a Revolução estava combinada para 14 de Julho, mas que elle, Flores, ainda procurava conseguir uma solução pacifica. E concluia o despacho, pedindo ao ministro da Fazenda para tomar todo cuidado, porque o movimento poderia começar em S. Paulo.

Segunda-feira, 18 de Julho

Acho-me novamente em Barra Mansa, tendo vindo do Rio de automovel. Logo pela manhã, estive no Q. G. afim de mostrar uma correspondencia que deveria enviar para o "Diario da Noite". A correspondencia passou primeiro pelas mãos do capitão Edgard Amaral, e, em seguida, foi ter á mesa do coronel Pantaleão Pessôa, chefe do Estado Maior. Só sei dizer que, quando voltou a mim, parecia outra. O que havia de mais interessante para os leitores fôra supprimido. E o que ficára ainda estava sujeito á censura desabusada do Rio.

Diante disso, resolvo não insistir, resolvo deixar para o meu "diario" o que observo e ouço, o que vejo aqui, e só mandar para as columnas dos jornaes a literatura ingenua que não fere ninguem nem prejudica as operações de guerra, segundo o ponto de vista dos censores.

O capitão Othelo Franco, a quem fui apresentado em Barra do Pirahy, acha essas medidas excessivas :

— Elles deviam deixar vocês publicar o que bem entendessem, desde que não se referisse á movimentação de tropas.

O capitão deixa commigo o carro do E. M. e se encaminha para a ruazinha que fica atraz da estação. E' cedo. O sol ainda não veio ao meio do céu e o ar ainda é frio. Grandes arvores fazem sombra para a ruazinha, que percorremos de uma ponta a outra. O bom tempo se constitue, assim, expontaneamente, um cumplice do jornalista, influindo para que o official me surprehenda com a revelação de suas convicções:

— Sou paulista e todos sabem que o sou. Não nasci lá, mas lá estou vivendo ha doze annos, lá possúo familia e lá me encontro radicado. Acho que S. Paulo é o Brasil e acho, por isso, que elle tem, não somente o direito, mas o dever de collaborar na obra de soerguimento nacional. O que se viu, porém, nesses vinte mezes? S. Paulo posto inteiramente á margem, sem interferencia nos negocios publicos federaes, como se não fosse o Estado que concorre com mais de quinze mil contos por semana para os cofres da Nação. E ainda mais: S. Paulo humilhado por todos os meios, escravizado por um governo de incapazes, sem poder respirar, sem liberdade, com os seus filhos mais illustres substituidos por um bando de forasteiros, que tomou de assalto as posições. O movimento actual não é, portanto, um ataque, mas uma defesa, uma attitude de

quem tem vergonha, um gesto de dignidade, inspirado nos mais puros sentimentos patrióticos. S. Paulo não só se está defendendo, como está defendendo o paiz inteiro. Elle é, no momento, o Estado mais brasileiro do Brasil: elle está reflectindo, com o seu sacrificio heroico, o verdadeiro sentir da nacionalidade. Essa historia de separatismo e communismo, que o governo anda apregoando, é uma ballela que não pega mais. Collegas meus, amigos da Dictadura, já se riem quando ouvem falar disso, porque sabem que o ideal por que se bate S. Paulo é um ideal integralmente nacionalista. Uma demonstração de que não ha separatismo: o movimento era para rebentar com a collaboração do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro e com a neutralidade de Minas. Até agora, se isso não se verificou, — ou porque não foi possivel aos outros cumprirem a sua palavra ou porque os outros faltaram aos seus compromissos de honra, — S. Paulo não é o culpado. Uma demonstração de que não ha communismo: o movimento é apoiado e auxiliado pelas proprias classes conservadoras.

Olho, admirado, esse homem simples, que fala tão francamente a um jornalista seu conhecido apenas de poucos dias. Elle sobe no meio fio que separa a ruazinha do parque de arvores e prosegue :

— Não, meu amigo, sou por S. Paulo e não faço segredo disso. Todos sabem ahi das minhas convicções. Aqui estou, como varios collegas, apenas por amizade ao

general Góes Monteiro, a quem serei incapaz de trair, e porque confio ainda na sua intelligencia e no seu coração para achar uma solução digna, que attenda aos anseios do povo paulista, justamente revoltado contra uma Dictadura fallida. Elle é amigo de S. Paulo e eu tenho certeza de que tudo envidará para resolver a situação como deve ser resolvida. Mas, por meu lado, não darei um só passo em favor do Governo. Ao contrario, tudo quanto, não ferindo os meus sentimentos de lealdade para com o general Góes Monteiro, puder fazer em beneficio de S. Paulo, farei. Tenho mesmo um filho mobilizado que deve estar combatendo no sector de Minas pela causa paulista, ou, melhor, pela causa nacional.

Terça-feira, 19 de Julho

Hoje, pela manhã, estive em Barra Mansa o major Juarez Tavora, que se encontra agindo no sector de Minas. Tendo ido ao Rio, elle regressava a Itajubá e, passando por aqui, saltou do trem para conversar com o general Góes Monteiro. Essa conversa se realizou na cabine do general, durante cerca de uma hora.

A presença do ex-chefe militar do Norte provocou curiosidade. De modo que, quando elle deixou o carro do E. M., era crescido o numero de pessoas que se agrupavam na estação para vel-o. O major Juarez seguiu directamente para o especial em que viajou até aqui, sem se

deter um segundo. E a um collega, que lhe pediu uma pôse para o photographo, respondeu seccamente:

— Mas até aqui os senhores vivem a importunar-me!

Pouco tempo depois de haver o major Juarez partido para Itajubá, o general Góes Monteiro deixava a sua cabine e se dirigia para o almoço, no Hotel Careca. O general faz as suas refeições quasi sempre com o coronel Pantaleão Pessôa, o major Paquet, o tenente Faria Lemos ou o tenente Alberto Bittencourt. A's vezes, ainda se sentam á sua meza o coronel Avila Lins, o capitão Frederico Buys, o capitão Othelo Franco. E eu hoje tambem estive presente.

O assumpto de que se tratou foi a tomada de Itararé, esta madrugada. A noticia veio até aqui pelo telephone. Eu estava com o capitão Cicero Góes Monteiro, quando um tenente lhe falou: o telephone do Guanabara chamava o general Góes, mas este se achava, no momento, conferenciando com o major Juarez. Elle, capitão Cicero, não poderia attender?

— Pois não.

E lá se dirigiu o capitão para o Centro Telephonico. Pouco depois, encontravamo-nos novamente.

— Sabe? — diz-me elle. Tomaram Itararé a cargas de baioneta. Morreu muita gente, mas a praça já é nossa.

Em seguida, já deante de outros officiaes, o capitão Cicero repete o que ouvira ao telephone. E surgem, então, as opiniões sobre as consequencias dessa victoria das armas governistas. Uns crêem que, cahida a praça de Ita-

raré, a entrada na capital de S. Paulo se torna facil. Outros, porém, são menos optimistas e acreditam ainda muito na resistencia dos paulistas naquelle sector.

Agora, á meza do general Góes Monteiro, commenta-se tambem o facto. O general acha que essa victoria terá grande repercussão e grande effeito moral.

Neste momento, chega o capitão Affonso Miranda Corrêa, do E. M., trazendo o boletim que o general mandou distribuir, communicando ás suas tropas a quêda de Itararé, e trazendo ainda a seguinte informação :

— Sabe, general, quem foi encontrado nas trincheiras de Itararé ? Os filhos do dr. Waldemar Ferreira e muitos rapazes da elite de S. Paulo.

O general ouve calado o que diz o official e accentúa, em seguida :

— “Foi o erro delles : não esperavam o ataque do Sul e puzeram em Itararé tropas irregulares, deixando o grosso das forças regulares para a frente do valle do Parahyba.”

E agora, falando sobre a situação de S. Paulo, que o capitão Othelo Franco elogia entusiasticamente :

— “Sou o primeiro a reconhecer os graves erros politicos commettidos pelo Governo Provisorio em S. Paulo. Mas, se isso se deu no terreno politico, já não se pode dizer o mesmo no terreno economico. O Governo Provisorio dispensou a S. Paulo, neste particular, beneficios excepcionaes.”

O capitão Buys, alludindo, depois, á luta a que o paiz

actualmente assiste, refere-se á guerra entre Roma e Carthago. E o general diz:

— “Desde esse tempo, dois espiritos dominam os povos : o espirito romano e o espirito carthaginez.”

— E com qual espirito está, no momento, a Dictadura ? — indaga, com um sorriso, o capitão Othelo Franco.

— “Com o espirito romano” — affirma o general.

E, depois de uma pausa :

— “Todas as lutas têm esse mesmo sentido. Ou é o espirito carthaginez contra o espirito romano, ou é o Oriente contra o Occidente.”

Vêm á conversa outros assumptos. Discute-se a possibilidade de ainda fazer-se um accordo, para a terminação da luta, e volta-se a falar da Historia. Citam-se grandes homens, entre os quaes Napoleão. E o general, respondendo a uma observação, declara :

— “Dizem que tenho propositos bonapartistas. Pois bem, se me fosse dado imitar alguma figura historica, era Hoche que eu escolheria.”

Quarta-feira, 20 de Julho

Nunca se falou tanto em entendimento como agora. A viagem ao Rio do sr. Mauricio Cardoso, que hoje ali chegou de avião, é tida, nas rodas militares, como um prenuncio de paz. Alguns acham que o sr. Flores da Cunha, reconsiderando a sua attitude de apoio á Dictadura, re-

solveu fazer cessar a luta. Mas ha outros que julgam precisamente o contrario: a viagem do ex-Ministro da Justiça foi mais um golpe de habilidade do Interventor gaúcho para ganhar tempo, assegurando melhor a sua posição no Sul.

Hoje, encontrei o capitão Othelo Franco e conversamos sobre isso.

— Não penso — declara-me elle — que, no pé em que já estão as cousas, o Rio Grande ainda seja capaz de influir decisivamente numa solução pacifica. Primeiro, porque S. Paulo só accitaria uma solução que implicasse, pelo menos, na renuncia do sr. Getulio Vargas. Segundo, porque não confio, para isso, no sr. Flores da Cunha. Quem poderia ter tentado uma solução dessa natureza, logo depois do Interventor do Rio Grande haver renegado os compromissos de honra do seu Estado para com os paulistas, era Minas Geraes. Mas se o Rio Grande, bem armado e compromettido a tomar parte no movimento, faltou, que iria fazer Minas, quase sem armas e com o compromisso apenas de manter uma neutralidade sympathica á Revolução?

Em seguida, o capitão Othelo me confirma a noticia, segundo a qual elle e o capitão Buys teriam ido á frente de operações levar ao coronel José Joaquim de Andrade, commandante da vanguarda paulista, uma carta do general Góes Monteiro, em que eram estipuladas as condições para um accordo. O capitão Othelo cita-me algumas dessas condições, mas não se lembra de todas.

A' tarde, então, procuro o general Góes Monteiro e lhe falo sobre o assumpto. Elle não tem á mão a proposta que fez ao coronel Andrade, mas reconstitue para mim, com o proprio punho, os seus itens, que são os seguintes:

1º) — Submissão integral e deposição de armas. Amnistia consecutiva para os principaes responsaveis pelo movimento, mas só depois que um Tribunal de Honra os julgue capazes de receberam-na. Esse Tribunal será constituido por magistrados e decidirá em relação aos militares com audiencia da opinião das classes armadas.

2º) — Ministerio de Concentração Nacional.

3º) — Constituição Provisoria, elaborada por uma commissão technica e promulgada pelo Governo, ficando em vigor *ad referendum* da Assembléa Constituinte.

4º) — Novo governo em S. Paulo, de conciliação, constituido pelas principaes correntes de opinião.

5º) — Comissões de Arbitramento para os casos controversos.

6º) — Lei organica para as forças militares do paiz.

7º) — Lei complementar, precisando a competencia da União e dos Estados.

8º) — Lei de disponibilidade para as classes armadas, a qual será applicada aos militares que não sirvam á sua profissão.

9º) — Medidas complementares para regular a situação resultante do movimento de Julho, propostas por comissões idoneas nomeadas pelo Governo.”

Depois de me dar a lêr esta proposta de terminação de luta, o general Góes esclarece:

— “A origem dessa proposta foi a seguinte: o coronel Andrade mandou o capitão Caiado de Castro falar commigo sobre as possibilidades da terminação da luta, mostrando-se mesmo partidario de um accordo que a fizesse cessar. Fiz, então, a minha proposta, que foi levada, em carta, pelo capitão Frederico Buys. A primeira condição estipulada era a preliminar, promettendo eu empenhar-me pessoalmente pelas outras junto ao Governo Provisorio. O coronel Andrade respondeu-me que estava animado dos melhores intuitos pacifistas, mas lembrava um entendimento fóra das nossas linhas (1). Respondilhe que assim não era possível, porque eu já perdera muito tempo em entendimentos pessoaes. E ficou nisso, até agora.”

Quinta-feira, 21 de Julho

Ha aqui ordens especiaes para nós, jornalistas. Não

(1) — E' o seguinte o radio do coronel Joaquim de Andrade: “Lorena (S. Paulo) ás 9,30 de 15-7-932 — Official — Urgente — General Góes Monteiro — Barra Mansa — Recebi sua carta. Estou cheio da melhor boa vontade para a solução do caso. Precisamos ter entendimento fóra das nossas linhas, mas é preciso que sejam convidados os nossos camaradas Euclides Figueiredo e Palimercio. (a.) Coronel Andrade, commandante da vanguarda das forças paulistas.”

temos direito de ir além de Barra Mansa. Parece que, mais adiante, ha cousas que não podem ser vistas pelo olhar curioso da gente de imprensa. Já falei mesmo ao coronel Avila Lins sobre essas medidas, achando-as desnecessarias e até inconvenientes, porque podiam dar margem a noticias falsas.

— Mas vocês não viram — diz-me o Chefe de Policia Militar — que o Rio nem queria deixal-os aqui? Ordens são ordens e eu o que tenho a fazer é cumpril-as.

Cansado de tentar ir até Rezende legalmente, isto é, com salvo conducto, deliberei hoje ir mesmo illegalmente, sem qualquer permissão da Policia de campanha. E, de facto, vou depois do almoço, de automovel.

— Para onde vae? — pergunta-me, ao ver-me partir, o capitão Edgard Amaral, encarregado de fiscalizar os correspondentes de guerra.

— Para o Rio — respondo, tranquillizando-o.

A viagem de Barra Mansa para Rezende é pitoresca e interessante. Até Floriano, pequena localidade onde o marechal Floriano terminou os seus dias, sou permanentemente acompanhado. De um lado, o rio Parahyba, a estrada de ferro e o fio telephonico. Do outro, o fio telegraphico e o fio da luz electrica. Esses amáveis companheiros de viagem agarram-se a nós — a mim, ao photographo, ao chauffeur e ao automovel — desde Barra Mansa. Se o nosso carro dá uma volta, elles tambem dão. Se seguimos uma recta, elles tambem seguem. Se fazemos uma curva, elles tambem fazem. Emfim, só

nos deixam em Floriano, a vigiar sempre, cautelosamente, os nossos passos, a observar-nos, a espiar-nos, a ver o que estamos fazendo...

Mas tinha graça que, depois de hora e tanto de absoluta lealdade da nossa parte, não merecessemos confiança. Realmente, merecemos, porque, dahi em deante, somos apenas acompanhados pelo fio telephonico — ultimo soldado de uma escolta que perdeu a finalidade. O rio Parahyba, cujo valle o general Góes Monteiro acha tão indispensavel ás suas forças, ficou atraz ou se distanciou de nós, com a belleza das suas aguas, a grandeza do seu volume e a tristeza dos seus lamentos, testemunha muda que vae ser de um dos dramas naturalmente mais sangrentos da nossa historia. A estrada de ferro, linguaruda como não sei quem, com um palmo de lingua negra que se estende até não sei onde, afastou-se tambem, como os fios do Telegrapho e da luz electrica, numa demonstração de solidariedade ao rio e de consideração para conosco. Só ficou mesmo o fio telephonico, que nos acompanha até Rezende, sempre persistente na sua desconfiança. Mas os joão-de-barro nos vingam brilhantemente, servindo-se de quase todos os seus postes para construir as suas casinhas barrentas e sem esthetica.

Mais adiante, espera-nos uma surpresa: um grande caminhão, de pneus dobrados, destruiu, com o seu peso enorme, um pontilhão da estrada que dá passagem aos vehiculos. Imaginem só! O sol está a pino, é quase de

queimar. De um lado e do outro, um cannavial deselegantemente esparso e tristemente secco, empobrecendo ainda mais o ambiente. Saltamos. O chauffeur do caminhão nos diz que viera de Barra Mansa com um sargento e um cabo. O cabo estava ali e o sargento fôra a uma fazenda proxima buscar uma junta de bois para retirar o vehiculo do valado. Não demora muito e chega a tal junta. Esta, porém, não consegue retirar o caminhão, o que leva o sargento a vir a mim e se propôr a fazer uma passagem para o nosso automovel, com a condição de o conduzirmos a Rezende, onde tem necessidade de estar o mais breve possivel. Aceita, de bom grado, a proposta, dentro em pouco transpomos o valado e atingimos, ao cahir da noite, o ponto terminal da viagem.

No automovel, tambem tomou lugar o outro passageiro do caminhão, o cabo, que se chama Manoel Tavares, é nortista de nascimento e pertence ao 19 B. C. da Bahia. O sargento me diz que elle se perdera da sua tropa e eu lhe pergunto como se deu o facto.

— Foi assim — responde-me, com a sua fala de nordestino. Como o senhor deve saber, o meu batalhão embarcou para o Rio e do Rio seguiu logo para a frente. Os meus camaradas vinham alegres, mas vinham tambem com muito somno. Deste modo, em breve, todos estavam dormindo. Eu tambem, vencido pelo cansaço, ferrei no somno. Ferrei no somno e quando dei cabo de mim, acordado por um apito mais forte da machina, já

estava de volta, em Barra Mansa, sozinho. Safadeza dos collegas! Fiquei por aqui (aponta-me a garganta)! E immediatamente saltei do trem, indo apresentar-me ao general Góes Monteiro para que meu commandante não me considerasse desertor. O general disse-me que eu não tivesse cuidado, pois elle iria mandar um memorandum ao commandante, avisando-o do que se passara commigo. E foi por isso que só agora sigo para o "front".

*

* *

Chegado a Rezende, hospedo-me no Hotel dos Viajantes, onde se acham varios officiaes, inclusive o coronel Moreira Lima, commandante da praça. O quarto que o empregado, delicadamente, me destina, depois de eu lhe haver presenteado com uma carteira de cigarros, é horrivel: a luz fraquissima, a cama molle de mais, quase beijando o chão; o soalho cheio de poeira, horrivel! Accommodo-me satisfeito (como não, pois se a cidade está superlotada?) e, depois de um banho frio num chuveiro esplendido, dirijo-me á sala de refeições, sem dizer quem sou a pessoa alguma. As mezas estão repletas de officiaes. Sento-me na meza grande que fica ao centro do salão. E (a coincidencia é mesmo para desconfiar), não passa muito tempo, começo a ouvir commentarios sobre o papel da imprensa, provocados pela acção dos jornalistas que aqui se encontram.

— Abomino jornalistas — diz um capitão baixinho (“homem pequeno não presta” — sentença, em livro, um amigo meu). Se eu fosse o general, uma vez que elles querem permanecer aqui, mandava-os todos para a primeira linha de frente, fóra das trincheiras, alvo das balas e das granadas. Queria ver o que elles faziam.

— Jornaes engraçados! — accentúa um outro official, este magro e esguio. Fazem a Revolução e depois ainda desejam espiar de perto o morticínio, sem correr, está visto, o perigo dos pobres soldados. Só mesmo mandando queimal-os!

E é assim que ouço, repetidas, todas as accusações que frequentemente se fazem á imprensa: que a imprensa é que é a culpada de tudo; que foi ella que armou a historia; que foi ella que excitou o povo contra o Governo.

Como se a imprensa tivesse culpa das traquina-das praticadas pelos travessos macacos da Dictadura! Como se fosse a imprensa que houvesse empastellado o “Diario Carioca”! Como se a imprensa não reflectisse, nas suas criticas e nos seus applausos, o pensamento e o sentimento do povo.

Mas é melhor sorrir. Para que falar? Tomo sempre, na devida consideração, as palavras que, nestes dias, tenho ouvido, constantemente, da boca de militares:

- Na guerra, como na guerra!
- Mando fuzilar!
- Estamos em luta!

— Isto aqui é uma cidade occupada!

— Quem manda actualmente são os militares!

E enquanto escuto aquellas accusações e penso nisso, observo tambem o movimento de officiaes que entram e saem da sala de refeições. Vejo entrarem o coronel Moreira Lima, o capitão Cavalcanti, o major Maurillo Alves, o capitão Ricardo Hall. Este ultimo se senta numa meza pequena, chama o garçon e pede-lhe manteiga:

— Não se esqueça de que o meu medico me recomendou 250 grammas de manteiga por dia.

A' excepção dos empregados do Hotel, ainda não vi aqui nenhum paisano. Hospede paisano parece que só ha um: sou eu.

Sexta-feira, 22 de Julho

De todas as cidades em que tenho andado nestes dias de Revolução, Rezende é a que mais cheira a "front". Nas outras, a não serem soldados, nada mais vi. Aqui, não. Ha grande numero de soldados e ha tambem grande quantidade de armas de guerra. Quase que só se vêem mesmo animaes puxando baterias, padiolas carregadas por praças com a cruz vermelha no braço, caminhões cheios de generos alimenticios que se destinam ás primeiras linhas, trens e mais trens militares, com pranchas cheias de canhões, officiaes dando ordens, o brim kaki por todos os cantos. E quase que só se escuta a linguagem militar:

uma infinidade de letras soltas, querendo dizer uma porção de cousas — PP. CC., QQ. GG., RR. II., GG. AA. PP., BB. CC., GG. PP. DD., BB. AA. MM..

Durante o dia, essa movimentação toda. A' noite, silencio. Depois do jantar, parece que os habitantes fugiram da cidade. Da janella do meu quarto, olho, hoje, a rua. Faz frio e ha cerração. Alguns soldados que passam vestem grossos capotes de lã. Os fócios de luz, que mal illuminam o passeio, vestem largos véos de neblina. São 11 horas. Só uma ou outra passada forte é que se faz ouvir, animando a rua triste e friorenta.

E' assim Rezende, nesta época de inverno e de calor guerreiro: de dia, um grande quartel, onde a actividade é intensa; de noite, um collegio grande que adormece cedo, quase com a noite.

— Isto — explica-me o dono do Hotel, a quem pergunto se não ha algum bar aberto — é devido ás ordens do commandante da praça. Actualmente, as que vigoram são ainda do coronel Daltro Filho, e ellas prohibem o transito nas ruas depois das 22 horas. (2).

(2) — E' a seguinte a proclamação do coronel Daltro Filho: "Por uma medida logica, imposta pelas operações militares, que se realizam com o fim de dominar o movimento sedicioso irrompido no visinho Estado de São Paulo, fica esta cidade de Rezende, a partir desta data, occupada militarmente pela força do meu commando.

A missão da nossa tropa é restabelecer a ordem aonde haja sido ella perturbada e, portanto, as determinações de ca-

*

* *

Em Rezende, também teve grande repercussão a queda de Itararé. Hoje, á hora do almoço, commentava-se o facto com alegria. O nome do general Waldomiro Lima era citado com admiração. Até ha pouco, podia-se dizer que a luta quase se reduzia a um pareo guerreiro entre os generaes Góes e Klinger. Já agora, porém, o general Waldomiro apparece nas conversas, inspirando mais confiança e mais consideração.

Um detalhe curioso sobre a queda de Itararé, relatado, em meio á palestra, por um official, sob reserva: a tomada dessa praça fôra occasionada pela traição de um

racter militar visam unicamente proporcionar á tropa os meios de cumprir o seu dever: restituir á população laboriosa a tranquillidade e as garantias necessarias ao seu pacifico labor. Assim sendo, deve a população se tranquillizar e confiar nos soldados que velam pelo seu bem estar.

Como medida de providencia, determino que fique expressamente prohibido:

— a divulgação de qualquer boato que se relacione com as operações militares;

— a saída da cidade de qualquer pessoa que não esteja munida de salvo-conducto passado pela Delegacia de Policia e visado pela autoridade militar;

— a saída da cidade de qualquer vehiculo (automovel, autocaminhão, carroça, etc.), sem previa autorização escripta da autoridade militar;

— o transito nas ruas da cidade após as 22 (vinte e duas) horas;

— a recepção de quaesquer noticias transmittidas pelas estações transmissoras de radio do Estado de S. Paulo;

— a venda de qualquer bebida alcoolica."

major amigo do general Miguel Costa, o qual havia sido fuzilado.

No mesmo grupo, alludiu-se, depois, ao deslocamento do Q. G. para aqui, annunciado para dentro de poucos dias. E falando-se do Q. G., falou-se tambem do general Góes Monteiro e da situação de S. Paulo. Um dos militares presentes recorda uma phase interessante do celebre caso paulista:

— “O general Góes Monteiro não foi interventor em S. Paulo porque não quiz. Quando o sr. Laudo de Carmargo foi deposto, o dr. Getulio chamou-o e disse-lhe:

— “General, o senhor vae para o governo de S. Paulo e o coronel Manoel Rabello fica provisoriamente no commando da 2ª Região.”

O general, porém, declinou do convite, declarando ao dictador que preferia continuar no commando da Região, porque, assim, poderia assegurar melhor a ordem no Estado e sustentar o governo do coronel Rabello.”

Outro official accentúa como o coronel Manoel Rabello, tendo deixado a interventoria cercado de tantas sympathias e de tanto respeito, caira em maio, tão repentinamente, no desagrado dos paulistas.

— Acho — diz um capitão — que elle tem grandes culpas nas desgraças a que estamos assistindo. Se não fossem os propositos extremistas que levou para o commando da 2ª Região, chegando mesmo a humilhar seus companheiros do Exercito com actos vexatorios, S.

Paulo nada faria, pois facilmente se apagariam os resentimentos e volveríamos a uma phase de mais tranquillidade politica. Porque, não receiando o povo paulista das intenções da Dictadura em relação ao Governo do Estado, o Secretariado se consolidaria num ambiente de mais cordialidade para com o Centro.

— Sim, está certo — fala outro. Mas devemos convir que as culpas também cabem, em grande parte, a quem o nomeou. Se, em vez d'elle, fosse para S. Paulo um general de divisão digno, que inspirasse confiança aos paulistas, creio que nada mais haveria. Nestas condições, quem commetteu o maior erro foi mesmo o Governo Provisorio.

Sabbado, 23 de Julho

Encontro-me novamente em Barra Mansa, depois de fazer uma viagem cheia de complicações. Cansado de Rezende, eu quiz ir mais para a frente. Ordens terminantes da Policia, porém, prohibiam essa satisfação a qualquer estranho. Até Rezende, ainda se podia ir, com salvo-conducto (eu vim sem elle). Mas até as primeiras linhas, não havia passaporte senão para os soldados que iam jogar a vida, ou para as pessoas do Governo, cujas visitas a este sector são muito continuadas. Deante dissó, resolvi, á tarde, regressar de automovel a Barra Mansa pela estrada Rio-S. Paulo. Essa caminhada não me le-

vava, é verdade, ás primeiras linhas. Mas, com ella, eu passaria por muito perto de Formoso e por Bananal. E isso seria sempre mais interessante do que estar parado.

Andei, assim, algumas horas por territorio paulista. A viagem, como já disse, foi complicada, cheia de paradas para mostrar o salvo conducto ás patrulhas que ia encontrando pela estrada (salvo-conducto incompleto, mas que satisfazia ao gentil analfabetismo dos soldados) e cheia de poeira levantada pelos caminhões que cruzam o caminho constantemente.

Passei por muito perto de Formoso, onde já se lutou, e segui rumo a Bananal. (Bananal é um dos municipios paulistas fronteiro ao Estado do Rio, que, desde o inicio da Revolução, ficou em poder do Governo Provisorio.) Quando chegamos á cidade, as luzes começavam a faiscar. Logo á entrada da rua mais importante, uma placa miuda, com este aviso ainda menor, feito apenas, naturalmente, para os chauffeurs que possuem boas vistas:

“Devagar. Não entre com a escapação aberta.”

O carro penetrou, deste modo, a passo de kagado no centro de Bananal: a estrada Rio-S. Paulo é uma larga espada que atravessa a cidade quase ao meio, constituindo tambem a sua arteria commercial mais movimentada. Casas de um lado e de outro. Perto das primeiras casas, uma ponte, cobrindo, com o seu cimento armado, a preguiça envolvente do rio Bananal. Mais á frente,

uma pracinha elegante, onde passeiam algumas moças bonitas. A cousa muda, assim, um pouco de figura, lisonjeando os meus olhos que, já ha algum tempo, não vêem senão barro vermelho, pó, descampados, montes, curvas enormes feitas pela estrada voluntariosa na sua imponencia de ligadora do maior Estado brasileiro á mais “linda capital do mundo”; e, além de caminhões mal educados, soldados suados e empoeirados, com fuzil ás costas, a deterem-me constantemente a marcha:

— Passaporte, não é?

— E', sim senhor.

E lá havia eu de metter a mão no bolso para amassar e encardir ainda mais o já tão encardido e tão amassado passaporte que a policia do capitão João Alberto amavelmente me fornecera.

Mas á alegria com que avistara a praça, junta-se o enfado de mais um pedido de salvo-conducto feito por um soldado tão preto quanto sisudo:

— Salvo conducto, faz favor?

Arranco, sem muito bôa vontade, o salvo conducto e entrego-o ao soldado. Elle me olha, em seguida, com um olhar que é uma duvida e uma interrogação. Comprehando: estou de oculos escuros e de capa. Talvez por isso não esteja parecido com a photographia que ali se acha. Tiro os oculos. O soldado me olha, agora, com um olhar de mais confiança e devolve-me o salvo conducto.

Pensei que já podia seguir. Quando, porém, o carro faz menção de continuar a marcha, um cabo apressado,

vindo da esquina ao lado, acena para esperal-o. E, ao chegar perto, fala para mim:

— Faça o favor de mandar retroceder um pouco. O prefeito deseja falar-lhe.

O automovel dá marcha ré e o cabo o acompanha.

— Quem é o prefeito? — pergunto-lhe.

— E' aquelle — responde-me.

O prefeito é o prefeito militar capitão Ariosto Daemon, ha pouco nomeado pelo coronel Avila Lins.

— Donde vem? — interroga-me.

Digo-lhe donde venho.

— O seu passaporte?

Dou-lhe o meu passaporte. Elle o examina detidamente e declara, depois:

— Tenho ordem para não deixar jornalista algum passar por aqui. Todos os que veem de lá, para lá novamente; todos os que veem do Rio, novamente para o Rio — é essa a ordem. O senhor será, portanto, o ultimo a infringil-a. Não sei mesmo como o seu carro não foi detido por alguma patrulha. Aviso, porém, que não é permittido voltar por este caminho.

E, gracejando:

— Nós até estavamos precisando aqui de um automovel.

O gracejo do capitão Daemon dá margem a que eu lhe faça uma pergunta sobre a situação de Bananal. Segundo me haviam informado, irrompida a Revolução, as

familias residentes na cidade a abandonaram e o commercio fechara as suas portas. Como fôra isso?

— Effectivamente — declara o prefeito — isso aconteceu. As familias e o commercio talvez receiassem alguma surpresa. Quando cheguei aqui, ha alguns dias, ainda perdurava esse estado de cousas. Mas logo procurei modificá-lo e estou satisfeito com o resultado dos meus esforços.

Foi assim que deixei Bananal, cerca das 18 horas. As luzes das ruas e das casas já estavam todas accesas. Eu havia conversado uns quinze minutos com o capitão Daemon, á porta do Hotel Brasil. A cidade estava calma. É o “front”, mais adiante, como estaria?

Passava das 20 horas, quando entrei em Barra Mansa. O general Góes Monteiro não se encontrava no Q. G.. Havia ido a Itatiaya conversar com o coronel Daltro Filho, commandante das forças dictatoriaes do flanco direito, e deveria regressar tarde da noite.

Domingo, 24 de Julho

O dia de hoje, em Barra Mansa, foi para mim bem proveitoso. Os officiaes mostravam-se alegres e bastante accessiveis. Alguma victoria? Não sei. Encontro o capitão Buys na estação da estrada de ferro. Peço-lhe noticias da situação militar e elle me responde:

— É boa. Estamos progredindo cada vez mais. O

coronel Daltro já está além de Engenheiro Passos e o coronel Fontoura já está muito perto de S. José do Barreiro.

Vou á Chefatura de Policia falar com o coronel Avila Lins. Elle não sabe que eu estive em Rezende, mas não se aborrece quando lhe digo isso. Ao contrario, pede-me o salvo conducto para visar, dando-me livre transito até aquella cidade:

— Se você já foi, não faz mal que volte.

E, em seguida, enche-me de noticias:

— Hontem, os nossos aviões estiveram em S. Paulo e lançaram algumas bombas no Campo de Marte. Uma destas bombas, não tendo rebentado immediatamente, foi conduzida, segundo consta, para o Quartel da Policia a fim de ser examinada. Quando, porém, estavam nesse trabalho, ella explodiu, resultando da explosão o incendio do Quartel. Um radio que captamos noticia ainda o fallecimento do coronel Marcondes Salgado, victima de uma experiencia de morteiro. O general Klinger, que tambem estava presente á experiencia, ficou levemente ferido, como ainda varios officiaes. Foi nomeado o coronel Herculano de Carvalho para assumir o commando da Força Publica, em substituição ao coronel Salgado.

O coronel Avila Lins me conta ainda o caso da prisão do capitão da Força Publica Paulista Cicero Bueno Brandão, que, vindo do Sul de Minas, hontem passou por aqui:

— Conforme o proprio capitão me disse, elle se acha-

va com trezentos homens nas proximidades de Itajubá, que deveria atacar e ocupar. Mas, quando se disputava a isso, chegou-lhe a noticia de que a cidade havia adherido ao movimento iniciado por S. Paulo. Deixando, então, os trezentos homens que o acompanhavam, seguiu sozinho para Itajubá. Mais adiante, no entanto, era preso, porque, ao contrario do que lhe haviam dito, as forças incumbidas da defesa da cidade não tinham dado seu apoio aos paulistas.

*

* *

Acham-se em Barra Mansa D. Alice Tibiriçá, illustre dama paulista, e mais cinco senhoras e senhorinhas. Ellas chegaram ha poucos dias de S. Paulo, já tendo estado em Bello Horizonte e no Rio de Janeiro. São mensageiras da paz: querem a cessação da luta. Depois de haverem falado com o chefe do Governo Provisorio e com o presidente de Minas Geraes, vieram agora falar com o general Góes Monteiro, que as recebeu, á tarde, no Q. G.

Cerca das 16 horas, encontro-as no Hotel Careca, fazendo um "lunch". Apresentado a todas pelo tenente Celso Lobo, official que o coronel Pessôa pôz ás suas ordens, interrogo D. Alice Tibiriçá sobre os resultados da sua missão.

— Como deve saber — declara-me ella — vim de S. Paulo, enfrentando todas as difficuldades e peripecias,

para dizer ao Rio do entusiasmo com que o meu Estado se bate pela santa causa da Constituição. E vim fazer ver ainda ao Governo Provisorio a necessidade da paz. Os paulistas estão muito fortes, moral e militarmente. Se não houver um entendimento, a luta vae durar muito. Para que, portanto, continual-a? Todos não somos brasileiros? E, por que, então, não se faz um accordo, acabando-se com caprichos e resentimentos pessoases em beneficio dos milhares de homens que morrem nas trincheiras?

D. Alice faz uma pausa e continúa, com sua voz humida de commoção:

— Não posso me acostumar com o espectaculo doloroso da guerra e, principalmente, da guerra entre irmãos. Foi por isso que resolvi fazer a viagem que fiz, sem temer perigos. Pedi uma audiencia ao sr. Getulio Vargas e elle me recebeu no Palacio do Cattete. Mas, ao que parece, não me comprehendeu, nem a mim nem ás minhas intenções. Porque, quando eu terminei de falar-lhe, depois que acabei de dar-lhe, com a maior sinceridade, as minhas impressões sobre a situação, elle me aconselhou simplesmente a pregar a pacificação em S. Paulo.

Outra pausa. D. Alice toma um pouco de leite e fala, em seguida, da sua entrevista com o general Góes:

— Ainda agora, falei sobre o mesmo assumpto com o general Góes Monteiro. Mas as suas palavras não differem muito das do chefe do Governo. Depois de accentuar que os militares são os ultimos a desejar a guerra, porque são elles que morrem, disse-me que eu devia

dirigir-me aos politicos. Os militares, como soldados que são, não podiam fazer a paz, cumprindo-lhes apenas obedecer ás ordens do Governo.

E' visivel o abatimento de D. Alice Tibiriçá. Ella se mostra muito triste com a luta actual e diz que, tomando a attitude que tomou, não fez mais do que cumprir o seu dever:

— Embora não tenha obtido os resultados que esperava, quando pensei nesta viagem ao Rio, volto para S. Paulo com a minha consciencia tranquilla e certa de haver cumprido o meu dever de mulher brasileira. Acho que, numa época em que os homens estão loucos, ás mulheres compete trazel-os ao bom caminho. Foi o que tentei fazer, empregando, para isso, o maximo de meus esforços e de minhas energias. Mas, desde que elles não querem voltar á razão, deixemol-os mesmo como animaes. a se destruirerem uns aos outros, a se despedaçarem com as terriveis armas de guerra, a se devorarem, revelando e desenvolvendo os instinctos selvagens que todos possuimos e que a educação e a sociedade reprimem e fazem adormecer.

Quando D. Alice acaba de dizer isso, o tenente Raymundo Rêgo, que tambem está presente e a escuta com attenção, aparteia:

— Mas, minha senhora, permitta que eu lhe diga: é na guerra que mais se revelam e se desenvolvem os sentimentos de coração, de bondade, de humanidade. Parece um paradoxo, mas é um facto. O soffrimento une a to-

dos e, de tal maneira, que leva mesmo uns a soffrerem pelos outros.

— Sim — replica D. Alice. Esses sentimentos se revelam lá. Mas, ao voltarem para casa, onde não existem os soffrimentos dos campos de batalha, os homens se mostram uns revoltados contra a ordem de cousas que encontram. E, dahi, as torturas em que passam a viver, dando lugar a toda uma serie de desgraças que sempre presenciamos depois dos movimentos revolucionarios. Porque, se ha os que se conformam com a nova vida, ha tambem os que não se habituarão mais nunca com as hypocrisias e os preconceitos sociaes.

Uma das senhoras presentes, entrando na conversa, frisa que tudo se pode alcançar simplesmente pela convicção e que Gandhi, para conseguir o prestigio e o respeito em que é tido na propria Inglaterra, não teve necessidade de lançar mão de arma alguma para matar quem quer que fosse, pois fez, ao contrario, uma campanha puramente pacifica.

D. Alice concorda e, pouco depois, levanta-se da mesa, com as suas companheiras. Faça-lhe uma ultima pergunta: quando seguirá para S. Paulo?

— Ainda não sei — diz-me. Pedi ao general Góes para dar-me passagem por aqui. Elle, porém, me declarou que não era possivel, porque a luta estava bastante intensa lá na frente. Deante disso, penso em ir novamente a Bello Horizonte, de onde me transportarei facilmente

para S. Paulo, porque o Dr. Olegario Maciel tem muito boa vontade para commigo.

*

* *

Esteve aqui, esta tarde, o sr. Oswaldo Aranha. Logo ao chegar á cidade, elle se dirigiu para o Q. G., onde se encontrou com o general Góes. A conversa entre o Ministro da Fazenda e o commandante das forças dictatoriaes durou até cerca de 20,30, quando os dois saíram juntos para o jantar no Hotel Careca, acompanhados do coronel Pessôa, do coronel Avila Lins, do major Paquet e do sr. Luiz Aranha.

Pouco depois do jantar, o sr. Oswaldo Aranha regressava ao Rio.

Segunda-feira, 25 de Julho

A morte de Santos Dumont, occorrida sabbado, na praia de Guarujá, em Santos, e só hoje conhecida aqui em mais detalhes, graças a radios captados, provocou a mais profunda consternação nos meios militares.

O general Góes Monteiro, homenageando a memoria do grande patricio, mandou lançar sobre a capital paulista, por intermedio de aviões do Exercito, uma proclamação em que, depois de alludir ao "luto nacional pelo fallecimento de Santos Dumont, cujo genial espirito de

criação o Exército de Leste sente elevar nas azas dos aviões o nome do Brasil á immorredoura veneração nacional”, accentúa que, em sua honra, “as unidades aereas do destacamento deixarão de bombardear hoje as posições militares inimigas.”

Um commentario que ouvi de um official moreno e grosso, sentado, com um outro, numa das mezas do Hotel Careca:

— Não me admiro si souber que Santos Dumont morreu em consequencia principalmente deste movimento armado, em que a aviação tem tomado parte saliente. Si elle se martyrisava com a idéa de que o seu invento era usado para o exterminio dos homens, imagine como não ficou ao ter conhecimento de que os seus proprios patrios estavam lançando mão d'elle para se matarem.

*

* *

Uma figura pittoresca de Barra Mansa é o copeiro do Hotel Careca. Moreno e esguio, tendo nada menos de 30 annos e um bigodinho á Carlitos a sombrear-lhe a bocca, sua physionomia é uma porção de tics nervosos e de mutações estranhas, que lhe dão um aspecto bem engraçado. Agora, fecha os olhos, compondo na face um gesto severo. Daqui a pouco, movimenta os labios, como a querer assoviar. Em seguida, sorri, mesmo sem ter de quê, para logo depois fechar os olhos e ficar serio de

novo, contraindo todos os musculos do rosto. É' um ka-leidoscopio de gestos physionomicos e um magnifico divertimento para crianças.

Os proprios officiaes se distraem com os seus es-gares. É cada um lhe bota um appellido. O capitão Éd-gard Amaral chama-o calmamente de "seu" Bochecha. Para o capitão Silva Barros, commandante da Companhia de Administração, elle é "seu" Bodinho. Já o dono do Hotel o conhece simplesmente como Benedicto. E ainda ouço os empregados gritarem por elle com um modesto "Barnabé".

Hoje, ao terminar o almoço, procurei falar com o curioso "garçon". Pergunto-lhe, antes de tudo, qual o seu nome.

— Chamo-me Barnabé de Moraes — responde-me.

— E os outros nomes?

— São appellidos.

O photographo, ao lado, está prompto para bater uma chapa de Barnabé. Peço-lhe uma pôse.

— Mas o senhor depois me dá um retrato? — indaga-me.

Prometto. Barnabé, sempre de bom humor, agarra de uma travessa cheia de salada e faz a pôse.

— Assim está bom?

O photographo bate a chapa. O copeiro pergunta-me agora quando lhe darei o retrato. Digo-lhe que o "Diario da Noite" vae publical-o. Elle fica satisfeito e

me assegura que, daqui por diante, vae comprar o “Diario da Noite”, todo o santo dia.

Faço-lhe ainda algumas perguntas, interrogando-o primeiro sobre a sua profissão:

— Eu não sou copeiro profissional, não, senhor — accentúa elle, desde logo. Sou pintor. Estou aqui a pedido do dono do Hotel. Com a vinda das forças para Barra Mansa, o Hotel encheu-se de movimento. O dono, então, convidou-me para ficar como copeiro por alguns dias, até que o pessoal vá embora.

— E você gosta de ser copeiro?

— Gosto e não gosto. Gosto porque a gente fica no convívio de pessoas boas, como no meu caso. E não gosto porque é uma cousa muito agitada e me faz recordar, não sem saudade, a minha tranquilla profissão de pintor.

E, depois de fazer uma das suas caretas:

— Alegria muita, mas também muito trabalho, muito movimento. E’ preciso que a gente seja feita, como se diz, de electricidade, tenha braços electricos e pernas electricas.

Falo depois a Barnabé sobre o movimento revolucionario e recolho as suas impressões:

— A Revolução não foi ruim, não, senhor. Eu pelo menos gostei della, porque estou ganhando dinheiro no Hotel Careca e travando relações com personalidades illustres. A minha terra, por outro lado, está ficando mais conhecida e hospeda homens eminentes. Pois não sabe

que o presidente da Republica esteve aqui num destes domingos?

Barnabé allude, por fim, aos soldados que estão nas trincheiras e nas ruas de Barra Mansa e eu lhe pergunto se não queria sentar praça.

— Não, senhor. Aprecio a farda, mas nos outros. Não dou para brigar. Não gosto de ver sangue. Sou muito não sei como.

*

* *

Depois do almoço, resolvo deixar Barra Mansa e voltar a Rezende, de automovel. A tarde está maravilhosa, com um sol que é uma bocca de fogo, estendendo o seu raio de acção até não sei onde e esquentando esta região friorenta e encapotada. Chego á cidade, depois de duas horas de viagem, e torno a dar o meu nome ao insolente e indiscreto livro de hospedes. Quando pego do telephone para pedir uma ligação para o Rio, o proprietario do Hotel, um amavel filho de Portugal, que está sentado numa cadeira ao lado, pergunta-me, com uma voz macia, de quem quer ser attendido:

— O senhor é viajante ou jornalista?

Digo-lhe que sou jornalista e apalpo o meu salvo-conducto já visado pelo coronel Avila Lins.

— Porque agora, — acrescenta o homem — com a revolução, quase que paizano não viaja. Em tempos normaes, quando entra um hospede novo, estou apostando

como é viajante. No momento actual, porém, eu fico em duvida: os jornalistas estão viajando mais do que os viajantes.

*

* *

Encontrar-me com um official accessivel em Rezen-de, onde sou completamente desconhecido, eu chamo mesmo estar de sorte. O official a quem me refiro e com quem travei conhecimento na sala do Hotel é um capitão medico, sympathico e conversador, que está ao par da situação das forças dictatoriaes, já tendo passado alguns dias na frente de Itatiaya. Elle surprehende-me com a sua disposição para dar-me informações:

— Tem havido successivos combates em todos os destacamentos, quer no do coronel Daltro, cujas forças lutam actualmente pouco além de Engenheiro Passos; quer no do coronel Guedes da Fontoura, que tem suas tropas em contacto com os paulistas pouco aquem de S. José do Barreiro. A nossa artilharia e a nossa aviação bombardeiam diariamente, com intensidade, as posições dos revolucionarios. Estes, porém, resistem com uma bravura admiravel. Têm pouca artilharia e nenhuma aviação, mas possuem muita metralhadora, mais mesmo do que nós.

Um amigo indaga do meu caro informante qual a distancia existente entre as linhas dictatoriaes e as paulistas.

— Varia — declara elle. A's vezes, as tropas se approximam muito e outras vezes se distanciam demais, perdendo até o contacto. No combate de Engenheiro Passos, chegamos a estar a cem ou duzentos metros dos paulistas, segundo me informou um official vindo da primeira linha.

Diz-me, em seguida, porque, na sua opinião, rebentando o movimento a 9 de Julho, ainda hoje o Governo não conseguiu attingir S. José do Barreiro:

— Em primeiro lugar, deve-se ter em conta a bravura dos paulistas, que querem realmente brigar e cujo moral é magnifico. Depois, vem a falta de aparelhamento com que lutam as nossas forças. E, por fim, ha o terreno, que é terrivel, todo cheio de altos e baixos que não terminam mais e difficultam extraordinariamente as operações.

Referindo-se, agora, á artilharia paulista, o capitão conta-me o seguinte:

— Elles possuem um canhão mysterioso. Chamamol-o de mysterioso, porque não se sabe onde se encontra. A nossa aviação já fez prodigios para descobri-lo, mas não ha geito de situar-o. E o canhão continúa a bombardear impunemente a estação de Itatiaya.

Levanta-se, pede um phosphoro a um empregado do Hotel e volta a falar, relatando agora um facto não menos interessante:

— Uma bateria de 75 do 2.º R. A. M. soffreu, ha poucos dias, um ataque inesperado da artilharia paulista

nas proximidades de Engenheiro Passos. Os nossos artilheiros já haviam escolhido o local para collocar os seus canhões. Quando, porém, se iniciava o trabalho de collocação, começaram a receber granadas do tal canhão mysterioso. Foi uma coisa horrivel. Morreram alguns dos nossos e varios cavallos tombaram, attingidos por estilhaços. O commandante da bateria determinou, então, que se retirasse uma mesma peça de todos os canhões, depois do que se recuasse. Era quasi noite. A ordem foi cumprida, tendo-se destacado, na sua execução, um cabo quasi menino, que só deixou o local batido pela artilharia paulista depois de todo o trabalho terminado.

Indago ainda desse amavel boletim de informações, onde, ao seu ver, se ferirá o grande combate, o combate decisivo.

— Pelo que tenho ouvido — responde-me elle — o grande combate deverá realizar-se em Cachoeira, onde os paulistas estão concentrando as suas forças.

Terça-feira, 26 de Julho

A manhã de hoje, em Rezende, eu a passei quasi toda escrevendo correspondencias jornalisticas para o Rio. Só ás 11 horas é que deixei, para o almoço, o meu quarto de Hotel. Na sala, encontro o tenente-coronel Abreu Araujo, sub-commandante do 2.º RAM, a quem hontem fui apresentado. Conversámos e, em meio á conversa, sei que elle espera uma conducção para ir a Barra Mansa levar ao ge-

neral Góes Monteiro um officio do commandante da praça, coronel Moreira Lima. Offereço-lhe meu automovel (para o bom exito da minha missão necessito muito de fazer amizades).

O coronel Abreu aceita o offerecimento e ás 13 horas partimos, fazendo o percurso pela estrada velha, uma estrada que eu só não chamo de pessima porque não sou tambem tão mal agradecido. Pois ella não nos deixou chegar com vida a Barra Mansa ?

Mas o coronel, que conhece quasi todo o interior do Brasil, tendo servido mesmo no Estado Maior do general João Gomes, durante a Revolução de 24, não se contem :

— Nunca andei por uma estrada tão ruim. Nem em Matto Grosso.

De facto, a estrada não era das melhores, vamos dizer assim. Ella teimava em fazer o nosso carro de cabrito ou de cavallo bravo, forçando-o, imprudentemente, a dar pulos e mais pulos, á maneira de cabrioladas ou coices. Foi mesmo uma prova de bom estomago esta a que pacientemente nos tivemos de submeter, logo depois do almoço.

Felizmente, porém, entramos sãos e salvos nas ruas de Barra Mansa, que continúa na mesma posição de descansar em que hontem a deixei : o Hotel Careca, o Barnabé, “poucos soldados e muitos officiaes”, como diria Henrique Cavalleiro, o fino artista do lapis, que os Diarios Associados tambem mandaram até aqui.

Demora pequena a nossa. O coronel Abreu se desin-

cumbiu da sua missão em menos de uma hora e eu, em menos de uma hora, também já estava prompto para o regresso. Evitando a luta para que nos desafiava a estrada por onde vieramos, é o coronel quem propõe que voltemos pela Rio-S. Paulo.

A nossa viagem, iniciada ás 17 horas, torna-se, assim, mais agradável. Menos solavancos. Mais belleza. Melhores vistas. É eu começo a observar a transformação experimentada, depois de 9 de Julho, por esse fio branco que se estende interminavelmente deante de mim, com poucas rectas e com muitas curvas a gritarem insistentemente "cuidado" para os chauffeurs e a como que desejarem estrangular os montes com os seus violentos serpenteios. Ella era, a estrada Rio-S. Paulo, até ha pouco, um grande campo para passeios, onde os ricos vinham gosar as delicias de uma vida farta e gastar a gazolina americana adquirida com o nosso mil réis desvalorizado. Ella era, então, realmente, um ponto bom para os privilegiados da sorte esparecerem, recobrando, burguezmente, as energias dispendidas em trabalhos amaveis.

Hoje, que differença ! O intenso movimento de automoveis caros e lustrosos foi substituido pelo de caminhões pesados e sujos, malcreados e chorões, pelo dos cascos asperos dos cavallos de guerra, pelo das botinas duras dos soldados pobres. Anda-se nessa estrada luxuosa um tempo enorme para só se encontrar isso e, ás vezes, por muito favor, lá um ou outro "fordzinho" pedindo officina.

O panorama sempre bello que a envolve delicia agora aos soldados e não aos millionarios, aos humildes soldados que se acham nas suas margens, sempre a deter-nos os carros, com a ameaça dos seus fuzis luzidios e com a sua arrogancia de guerreiros. Esses soldados, acantonados por ali, teem uma dupla incumbencia: guardam a estrada e defendem a rectaguarda das forças fieis á Dictadura.

Os aspectos que vamos vendo já são meus conhecidos. Bananal. Cinco grupos de soldados a pedirem para parar o carro e a exigirem salvo-conducto, por ordem do prefeito Daemon, que não se encontra, felizmente, por ali. Alambary é mais adiante. Motocyclistas no meio de uma curva a pôrem á prova a capacidade profissional do nosso chauffeur. Duas casinhas, demonstrando que a estrada ainda tem alguma assistencia amiga, não está de todo desprezada pelas suas velhas amizades. Uma luz ao longe. Uma ponte quebrada.

“Devagar” — diz um letreiro que o crepusculo quasi não nos deixa lêr.

Chegamos, enfim, a 5 kilometros de Formoso. Ahi temos de abandonar a Rio-S. Paulo e seguir para Rezende. Trechos de estrada bem ruimzinhos. O carro vae, no entanto, desenvolvendo uma marcha regular, engulindo, tranquillamente, as distancias e as horas. Já é noite. Estamos em ponto perigoso e numa hora perigosa. E' a hora em que as sentinellas são mais intransigentes. O 9.º R. I.,

de Pelotas, está acampado numa fazenda proxima e tem, certamente, patrulhas espalhadas pela zona.

— Ainda hontem, á noite — diz Russo, o nosso motorista — atiraram num automovel e a bala atravessou a capota.

E' preciso, deste modo, ir com calma. Estamos fazendo 50 kilometros. A noite está muito negra, sem luar. De um lado e do outro da estrada, um matto um tanto rasteiro, ás vezes mais ralo e ás vezes mais grosso. Vamos, assim, naturalmente, quando surge, destacado na escuridão pelos olhos electricos do automovel, um soldado de fuzil em punho, encaminhando-se para nós:

— Quem vem lá ?

O nosso carro pára instantaneamente.

— Quem vem lá ? — grita, de novo, o soldado, ainda um pouco afastado do nosso auto, mas com a sua arma apontada em nossa direcção.

— E' de paz ! — responde, em voz firme, o coronel Abreu.

O soldado se aproxima. Baixa o fuzil. Pergunta quem somos, sem poder fixar bem as nossas physnomias. O coronel dá-lhe todas as informações e elle permite, finalmente, que continuemos a viagem.

— São recrutas — diz-me a seguir o coronel. Têm apenas tres mezes de instrucção militar. E, de fuzil em punho, devem ser perigosos: desejam, certamente, experimentar a pontaria, sem risco de prisão...

Ainda passamos por varias sentinellas, menos nervo-

sas, mas não menos curiosas em saber quem somos, donde vimos e para onde vamos. A ultima que embaraça a nossa marcha entra em maiores indagações. Depois de ouvir as informações dadas pelo coronel Abreu, ainda nos pergunta, com desconfiança e com ignorancia:

— Vêm de Itatiaya ?

Dissemos-lhe que não, que vinhamos de Barra Mansa, onde o coronel Abreu fôra levar um officio ao general Góes Monteiro.

O soldado não se satisfaz e pede licença para ir chamar um companheiro que está adiante, deitado ao re'ento. Este vem e torna a fazer-nos as mesmas perguntas. Repetimos, como discos de victrola, o que já disseramos á sentinella. E elle, depois de uns segundos de hesitação, virando-se para o camarada, com a maior simplicidade deste mundo :

— E'. Pode deixal-os seguir.

*

* *

Nestes ultimos dias, tenho ouvido falar muito da situação do general Waldomiro, que alguns dão como envolvido pelas forças paulistas.

Agora, com o conhecimento de um officio que o general Bertholdo Klinger lhe enviara, convidando-o para um encontro com o sr. João Neves, afim de se inteirar do que ali se passava, augmentam os commentarios sobre a posi-

ção das suas forças. (3). Um official do E. M., no entanto, garantiu-me hoje que o general Waldomiro não está envolvido e que, se a situação das suas tropas não é das melhores, pelo avanço extraordinario que elle fez, tambem não é tão precaria para dar margem ás noticias correntes.

Quarta-feira, 27 de Julho

Ha quatorze dias neste sector, eu ainda não havia conseguido ir além de Rezende, apesar das tentativas que fizera. Attendendo ao alvitre de um official amigo, quasi

(3) — O Ministerio da Guerra forneceu aos jornaes a copia seguinte do officio do general Bertholdo Klinger ao general Waldomiro Lima:

“S. Paulo, 25 de Julho de 1932 — Do sr. General Bertholdo Klinger ao sr. General Waldomiro Castilhos de Lima, commandante das forças dictatoriaes na frente do Paraná.

Sr. General: Tenho a honra de submetter official e formalmente á vossa consideração a proclamação annexa e propositura de cessação de hostilidades, que é o seu objecto. Se desejaes conversar para vosso melhor esclarecimento com o dr. João Neves da Fontoura, podereis propôr um ponto de encontro, caso acceiteis a honrosa e fraternal propositura de cessação da luta.

“Desejaria ainda que vós mesmo, como vosso chefe do S. E. M. e mais dois officiaes de vossa escolha, atravessasseis livremente o Estado de S. Paulo para melhor vos inteirardes do que aqui se passa e levardes esse esclarecimento aos outros elementos das forças dictatoriaes que se acham no valle do Parahyba e em Minas. Saude e fraternidade. — a) **General Klinger.**”

Segundo ainda a nota fornecida aos jornaes pelo Ministerio da Guerra, esse officio foi levado pelo sr. Francisco Bernardes Junior ao general Waldomiro, que respondeu dizendo só aceitar a “rendição incondicional”.

ponho uma fita vermelha ao braço, com a farda que aqui uso, para poder attingir, como enfermeiro, as primeiras linhas. Cheguei tambem a encaminhar as cousas afim de viajar disfarçado de ajudante de chauffeur até Formoso ou Itatiaya. E estava mesmo para fazer isso, quando surge uma oportunidade melhor: um official superior, que precisava ir, com um tenente, ao destacamento do coronel Fontoura. Sabendo disso, offereci-lhe o meu automovel e foi ainda o automovel que facilitou a minha actividade, ajudando-me a romper, mais uma vez, as ordens severas da Policia de campanha.

A viagem foi feita de manhã pelo mesmo caminho por que hontem andei. Pouco antes de Formoso, varios caminhões na estrada, com soldados do 1.º G. A. P. Mais adiante, na Fazenda das Palmeiras, uma companhia do 2.º R. A. M. Os meus companheiros descem e eu desço tambem. Não ha ahi nenhum official. Todos estão nas linhas de frente. São, assim, os sargentos que recebem os visitantes. E os recebem, dando-lhes noticias sobre a situação militar. Citam-se nomes e fala-se da actuação dessa e daquela tropa.

— Ha poucos dias — conta um dos sargentos — tivemos aqui uma surpresa bem desagradavel. Estavamos todos muito tranquillos, sem de nada receiar, quando os paulistas appareceram naquelle morro, varrendo de metralhadora todo este trecho da estrada Rio-S. Paulo e tentando envolver-nos. Foi uma coisa seria, uma surpresa dos diabos a que nos pregaram. Felizmente, pouco depois che-

gava o 19.º B. C. da Bahia com ordem de atacal-os com toda a violencia. Deante da impetuosidade do ataque, elles não resistiram e tiveram de recuar. Que allivio, meu Deus, para nós !

Os officiaes despedem-se. Encaminhamo-nos para o automovel. Em sentido contrario, vem um soldado com o braço numa tipoia.

— Que é isso? — interroga um official.

— Foi o recúo do canhão — responde o soldado.

Olho-o. E' quasi uma criança. Pergunto-lhe o nome.

— Chamo-me José Faria França.

— De onde é ?

— De Alagôas.

Os officiaes lamentam o facto. Tomamos o automovel. Formoso, por onde passamos segundos depois, é uma cidadezinha criada pela estrada Rio-S. Paulo. Poucas casas, poucos habitantes e, actualmente, muitos soldados.

O Club dos Duzentos, de tão saudosa memoria, fica alguns metros adiante. Lá é que o coronel Guedes da Fountoura, commandante das forças dictatoriaes do flanco esquerdo, tem installado o seu P. C. Quando chegamos, elle acabava de almoçar e se encontrava no seu quarto, que é o mesmo quarto onde costumava hospedar-se o sr. Washington Luis, nos tempos da Republica Velha. Recebe-nos muito bem, offerecendo-nos licor e doces. E' um homem amavel e sereno. A sua physionomia denota, no entanto, uma certa preocupação. Fala da resistencia dos

paulistas que, até hoje, não deixaram S. José do Barreiro, apesar do ataque constante das suas forças, e elogia a competencia do coronel Joaquim de Andrade, commandante da vanguarda revolucionaria.

A conversa gira agora sobre casos de familia, alludindo-se aos soffrimentos destas com os seus chefes distantes e com a vida em risco.

— Sou casado e não tenho filhos — declara o coronel Fontoura. Estou longe de minha esposa desde o dia 10. E não se admire se eu lhe disser que ella me preoccupa mais do que os proprios adversarios. Porque sei do seu soffrimento. Sinto, quando lhe falo pelo telephone, a sua inquietação, sabendo-me perto do perigo.

Entra, neste instante, um official e o coronel pergunta-lhe :

— Então, o soldado morreu mesmo ?

— Morreu, sim senhor.

— Estilhaço de granada, não foi?

E, depois de assignar um documento, virando-se para nós :

— E' um soldado do 2.º R. I. que hontem foi gravemente ferido em combate.

Um soldado apparece tambem á porta.

— Já fizeram a preparação? — indaga o coronel.

O soldado diz que já haviam sido dados varios tiros de canhão.

— Não, mas ainda não é a preparação. Esses tiros

foram mandados dar por mim, antes della, como resposta á artilharia inimiga.

Puxa, em seguida, do relógio. Faltam poucos minutos para as onze horas.

— E' ás onze que começa a offensiva — accentúa, olhando o soldado.

Peço ao coronel Fontoura para pôsar para o nosso photographo. Elle accede gentilmente. E, depois disso, o relógio bate as onze horas. Ouvimos o troar surdo dos canhões, a pouca distancia.

— Começou — diz-nos o coronel, de quem, a seguir, me despeço.

Quando vou saindo, varios soldados se aproximam de mim. Perguntam-me se me dirijo para o Rio e se posso levar cartas para suas familias. E' interessante ! Estejam onde estiverem, os soldados nunca se esquecem de escrever á sua gente. O correio militar vive cheio de correspondencia e um dos officiaes que encontro no Club dos Duzentos diz-me que o que não falta ao soldado, na trincheira, é papel e lapis para mandar noticias suas aos parentes e aos amigos.

— Podem pensar que morri e eu não quero saber desses agouros, não — justifica um a quem falo a respeito.

*

* *

As onze horas do coronel Fontoura marcaram o ini-

cio de uma offensiva geral das forças dictatoriaes contra roda a frente Norte paulista.

Quando chego a Rezende, encontro o general Góes Monteiro, que já se achava na cidade desde de manhã, com alguns officiaes do seu Estado Maior. Elle me diz que aqui veio para poder dar mais de perto as suas ordens. E não descansa. Anda de um lado para outro, olhando mappas, fazendo perguntas, pedindo noticias. Expede portadores para as linhas de frente, manda recados telephonicos aos commandantes de destacamento, quer saber a cada minuto dos resultados da offensiva que se desencadeia. Mais tarde, redige e me entrega uma nova proclamação aos paulistas, nos seguintes termos :

“Aos meus soldados da 2.^a Região Militar, ao povo paulista que tanto amo, dirijo mais um appello, por intermedio dos “Diarios Associados”, afim de que deponham immediatamente as armas e tornem a entrar, sem paixões e sem resentimentos, na grande communhão nacional. P.C., 27-VII-32 (a.) *General P. Góes* commandante do destacamento do Exercito de Lésste.”

A offensiva teve o apoio da aviação e terminou á tarde, com a passagem do rio Parahyba pelo 1.^o R. I. e a captura de cerca de 200 homens. Esperava-se, porém, que os seus resultados fossem maiores, com a conquista, pelo menos, de S. José do Barreiro. Na ponte do Salto, que fica um pouco além de Engenheiro Passos e onde se luta ha varios dias, os paulistas tambem resistiram com vigor aos ataques das forças governistas, em cuja vanguarda

se têm destacado o capitão Zenobio Costa e o tenente Souza Aguiar.

Houve, segundo me informaram, muitas baixas de parte a parte. É um sargento intelligente do 3.º R. I. explicava-me, mais tarde, o motivo por que, a seu ver, os paulistas têm perdido tanta gente:

— Que nós tenhamos baixas, está certo. Estamos na offensiva e nos expomos sempre ao fogo inimigo. Mas que elles percam também muitos soldados é que admira. Creio que o motivo dessas baixas é o seguinte: na frente do Salto, ha muito *patriota* (*patriota* na linguagem militar quer dizer voluntario). Esses homens naturalmente não estão bem treinados na guerra. De maneira que, quando estoura alguma “mécha” (*granada*) ou quando entram em acção as “costureiras” (*metralhadoras*) e não os pegam dentro da trincheira, elles correm, ao envez de ficarem deitados no chão, bem quietos, para que os estilhaços e as balas não os atinjam. Dahi, os varios cadaveres insepultos que encontramos sempre pelos morros, distantes um dos outros e mais distantes ainda da trincheira.

Quinta-feira, 28 de Julho

Mais uma vez no Rio. Aqui cheguei hontem, á noite, viajando de Rezende, pela estrada de rodagem. Até a Escola do Realengo, não tivemos grandes importunações. Dahi em deante, porém, a marcha do nosso auto foi, varias

vezes, interrompida por patrulhas de soldados armados, que pediam ao chauffeur para apagar os holophotes e ir mais devagar. Explicaram-me, depois, o motivo da medida:

— E' que elles temem um ataque da aviação paulista.

Encontro o Rio cheio de curiosidade e já com mais esperanças no triumpho do movimento, graças ao radio e aos boletins da M. M. D. C. que substituíram, por assim dizer, os órgãos de imprensa, cujas informações estão sendo severamente controladas pela 3.^a Delegacia Auxiliar. Os boletins contêm tudo quanto o radio paulista espalha pelo paiz e ainda noticiam os acontecimentos aqui verificados e desconhecidos da população.

*

* *

Um facto que causou a maior sensação no Rio foi a viagem do sr. João Neves para S. Paulo. Surprehendido pela Revolução, não pôde o grande "leader" gaúcho sair em tempo desta capital, nem logo em seguida a 9 de Julho, porque a Policia, desde esse dia, fiscaliza, cuidadosamente, o transito para aquelle Estado. Mais tarde, apesar da imprensa haver noticiado o contrario, o governo veio a saber que elle aqui ainda se encontrava. E os agentes policiaes iniciaram, então, uma caçada severissima, numa actividade fantastica. Quem conseguisse agarral-o seria capaz de ser nomeado substituto do sr. João Alberto.

Diante, embora, dessa situação, precisando estar muito bem occulto, para não ser descoberto, o sr. João Neves fez varias tentativas no sentido de ir juntar-se aos seus companheiros de ideal constitucionalista. E a que obteve successo foi feita no dia 23 do corrente. Elle saiu do Rio com risco de vida, em um pequeno avião de propaganda, pilotado pelo aviador inglez Holland. A pequena "casca de noz", como os paulistas depois appellidaram o aparelho, alçou-se do Campo de Manguinhos ás duas horas da tarde, tendo obedecido ao itinerario traçado por um official da Armada e pelo qual não se encontraria com tropa alguma do Governo Provisorio. O sr. João Neves chegou a S. Paulo ás 5 horas da tarde, e, no dia seguinte, á noite, fazia, pelo radio, um dos seus maiores discursos, de ataque á Dictadura. A sua palavra, aqui ouvida, veio augmentar extraordinariamente a confiança que o Rio depositava na victoria revolucionaria.

— Com a viagem do João Neves — dizia-me um gaúcho, ainda hoje, na Avenida — fico certo de que, pelo menos, a Frente Unica não permanecerá inactiva diante dos acontecimentos. O Rio Grande o estima e o admira bastante para não deixar de acompanhá-lo nessa emergencia, em que, jogando a propria vida afim de chegar a S. Paulo, deu uma grande prova de dignidade e de amor ao seu Estado: elle foi cumprir a palavra empenhada e defender a honra de nossa terra, cuja attitudo não poderia ser outra senão de apoio ao grande povo bandeirante, que se levanta em armas para bater-se pelas nossas proprias idéas.

Segundo fui informado, o capitão João Alberto não ficou satisfeito com a partida para S. Paulo do sr. João Neves, a quem considera um "adversario bem temivel". Deixou mesmo o commando da sua columna, na zona de Cunha, para vir reassumir o cargo de chefe de Policia com o intuito de evitar que se repetissem factos dessa natureza. (4)

*
* *
*

Ha aqui, ao que me disseram, uma possante estação clandestina de radio que transmite para São Paulo tudo quanto acontece no Rio e recebe de lá todas as noticias referentes ao movimento revolucionario. A policia tem-se desmanchado em actividade para situar essa estação, que ninguem, até agora, descobriu onde se acha installada.

O capitão João Alberto já falou a varios entendidos no assumpto. A um delles, antigo official do Exercito, o chefe de Policia não só pediu para concertar um aparelho, com o qual talvez fosse possivel localisar a estação, como tambem lhe perguntou quanto queria afim de conseguir um meio de inutilizar para o Rio todas as irradiações de São Paulo, sem, no entanto, prejudicar as da Argentina.

(4) — Conforme me declarou, depois, o proprio General Góes Monteiro, o afastamento do capitão João Alberto do commando da columna de Paraty foi pedido por elle, general Góes, ao chefe do Governo.

Mas a sympathia pelo movimento revolucionario é tão grande, elle empolgou de tal maneira os brasileiros, que a Policia, apesar do dinheiro de que dispõe, ainda não encontrou um bom tecnico que se propuzesse a esse trabalho. E o radio continúa a prestar os melhores serviços á Revolução, como um dos seus maiores soldados, cuja acção se estende prodigiosamente.

Sexta-feira, 29 de Julho

Já me acho de volta a Rezende. Fiz a viagem de trem e aquí cheguei á noite. Ainda encontro, na sala do Hotel dos Viajantes, varios militares que, como sempre, esperam os jornaes do Rio. (A hora dos jornaes aquí é quasi sagrada, porque elles são ainda, apesar da censura ou graças a ella, das mais caras distracções desta zona de guerra triste e fria). A conversa gira em torno das operações militares, que se encaminham bem. A artilharia tem trabalhado muito e a infantaria se tem mostrado decidida.

Não custam muito a chegar os vespertinos cariocas e, com elles, mais alguns officiaes que não tiveram paciencia de aguardal-os em casa e foram buscal-os na estação. Lêem-se as noticias sobre o momento. E passa-se, depois disso, a falar de politica :

— Quando terminar esta revolução — diz um dos militares — eu serei capaz de convidar o João Neves para um duello, porque, ao meu ver, elle é que é o principal culpado de tudo isso.

— Não, o João Neves, não — replica, com firmeza, outro official. Elle até, pelo que sei, foi sempre contrario á solução, pelas armas, da presente crise politica. O principal culpado do que está acontecendo é, ao que me parece, o Flôres. Este, sim, é que deu margem a todas as agitações. Lembro-me bem de que, em Dezembro de 1931, quando ainda nada havia e o Rio Grande estava na mais perfeita paz com o Governo Provisorio, elle fez, em Porto Alegre, um discurso incendiario, dizendo que, se a Constituinte não viesse dentro de um certo tempo, largaria o cargo de Interventor e iria para o meio do povo exigir da Dictadura o cumprimento da sua palavra. Lembro-me tambem de que, em Fevereiro ou Março deste anno, elle, dando todo o seu apoio aos demissionarios riograndenses, concordou com o plano de demittir-se da Interventoria e ser aclamado governador pelo povo, tendo, para isso, creado até varios batalhões provisorios. Lembro-me ainda de que, em Maio, elle tinha conhecimento prévio dos planos da frente unica paulista e lhe deu todo o apoio para fazer o Secretariado mesmo á revelia do Governo Provisorio, ficando o Rio Grande para sustentar a mão, em caso de não ser victorioso o ponto de vista dos politicos daquelle Estado. Lembro-me, finalmente, de que, depois da imposição do Secretariado paulista, que eu considero o inicio do movimento armado, elle, agradecendo uma manifestação dos estudantes gaúchos, pronunciou, entre lagrimas, da sacada do Palacio do Governo, em Porto Alegre, um discurs-

so, assegurando que, “se o Rio Grande, erradamente embora, caminhasse para o despenhadeiro, elle iria para o despenhadeiro com o Rio Grande”. Ora, tudo isso dava margem a agitações, ao mesmo tempo que fazia crer estar o Governo gaúcho intransigentemente a favor de S. Paulo e contra a Dictadura.

— Mas o Flores é muito impulsivo — frisa um dos presentes.

— Não, essa historia de impulsivo não justifica os seus actos — torna o official que falava. Impulsivo, mas antes de tudo politico. E politico tanto é o Morato, como elle. Todos são politicos, inclusive o Dr. Getulio.

E, depois de um breve silencio:

— Sabe o que um paizano outubrista (aquí, nenhum militar diz civil, é só “paizano”) me veio dizer? Que o Góes é que era o culpado de tudo, porque foi elle quem fez a frente unica paulista. Ora, esta é bôa! E os erros tremendos praticados pela Dictadura em São Paulo, deixando, por exemplo, no seu governo, durante tanto tempo, um tenente que se incompatibilizou desde logo com as maiores figuras do Estado? O Góes agiu muito bem, fazendo a Frente Unica. Porque, se não tivesse procurado apaziguar São Paulo, aquillo teria virado anarchia, antes de voltar-se contra o Governo Provisorio. Vocês sabem em que estado de animo viviam os paulistas? Elles estavam exaltadissimos, a ponto de gritar, em passeatas pelas ruas:

“Getulio cae, cae, cae! S. Paulo não é Shangai!”

Depois, se não fosse a intervenção do Góes, prestigiando a união no Estado, a Revolução teria saído a 21 de Abril e com o apoio do Rio Grande, porque, nessa época, o Flores não teria coragem de trair os seus companheiros: as eleições ainda estavam por marcar e elle não poderia, assim, lançar mão do argumento a que depois sabidamente se apegou para justificar sua traição.”

Sabbado, 30 de Julho

S. José do Barreiro caiu hoje finalmente, depois de uma resistencia de 20 dias. As informações de pessoas vindas da frente dizem que os paulistas lá estiveram até esta madrugada, deixando as suas posições cerca de 3 horas, em direcção de Arêas. Um batalhão da Brigada Militar Gaúcha teve ordem de cortar, pela manhã, a sua retirada, mas, em virtude de um erro no caminho que deveria seguir, não pôde siquer entrar em contacto com o adversario.

O sargento Demetrio Masson Jacques, que faz parte do Destacamento Fontoura, é uma intelligencia viva e um temperamento bohemio. Filho do marechal Jacques, possuindo irmãos officiaes e tendo cursado até o 4.º anno de Engenharia Civil, não quer ser mais do que sargento. E' tambem um dos melhores atiradores do Exercito. Foi elle quem, falando-me sobre a quéda de S. José do Barreiro,

contou-me esse facto interessante, passado dois dias antes da tomada da cidade pelos governistas :

— A minha companhia formava a linha avançada do destacamento. Estávamos sem contacto com o inimigo e era preciso restabelecel-o. Fui, então, encarregado de fazer um reconhecimento. Andei cerca de 600 metros com as maiores cautelas. Nada encontrei até ahi e só pouco mais adiante é que vi, no alto de um pequeno morro, uma linha de trincheira. Aproximei-me. Estava completamente vazia. No fundo, apenas, cousas miudas: bornaes, cinturões, baionetas, latas de conserva, doces, cigarros, jornaes, papéis escriptos. Olhei, mas não quiz entrar lá dentro. Deixei tudo como estava e voltei immediatamente para communicar o facto ao meu commandante. Disse-lhe que a trincheira ficava bem perto de São José do Barreiro e que nós podíamos occupal-a desde logo. O capitão olhou-me e accentuou :

— “Mas Demetrio, você comprehende. A ordem que tenho é de estacionar aqui, perto desses bambús. Se eu avançar demais, posso perder a ligação com os outros corpos e será peor. O mais aconselhavel, portanto, é que eu communique o facto ao commandante do Destacamento. Comtudo, você volte á trincheira, procure arrecadar o que houver lá de melhor, e, se fôr possivel, estenda mais um pouco o reconhecimento.”

O sargento esboça um sorriso e distancia o olhar, como a recordar-se de alguma cousa.

— Attendi ao capitão — continúa elle. E lá segui,

novamente, em demanda da trincheira abandonada pelos paulistas. Fui na maior calma, fumando tranquillamente o meu cigarro. Sem temer perigo, ia brincando com as folhas, admirando as arvores e pensando em cousas que nada tinham a ver com a minha missão. Andei assim, despreocupado, quasi todo o caminho. Quando cheguei ao pé do morro, a uns cincoenta metros da trincheira, é que me lembrei de olhar para cima. E qual não foi o meu espanto ao dar de cara com officiaes e soldados que lá estavam ollhando para mim ? Fiquei petrificado ! Era preciso, evidentemente, uma grande presença de espirito, era preciso dominar os nervos, custasse o que custasse. Fiquei parado, olhando tambem para elles. Ouvi, então, um official gritar :

— “Sargento, suba ! Venha cá ! Nós queremos falar com você !”

Que deveria dizer eu ? Não podia tardar muito a minha resposta e logo respondi, gritando tambem :

— “Não posso ! Estou muito cansado. Mande uma pessôa falar aqui commigo !”

E eu escuto, de novo, a voz do official :

— “Está bem ! Nós mandaremos.”

Vejo que elle dá ordens a um soldado e que esse soldado, em seguida, se encaminha para mim. Enquanto isso, vou me afastando, andando, passo a passo, para traz. Verifico que já estou distante uns 100 metros da trincheira. Olho para os lados, examinando o terreno. A uns dez metros, uma elevação de terra. Apresso-me em

alcançal-a. Já, então, mais fóra das vistas dos officiaes, faço um lance de cincoenta metros e deito-me. Levanto-me para fazer um outro lance e deitar-me novamente. Põno o ouvido de promptidão e não ouço nada, senão o gorgear de uns passarinhos que, num galho de arvore, parecem rir da minha situação. Olho para traz. Lá vem, distante ainda, num passo de quem não quer andar, o soldado que ellès mandaram para falar commigo. Espero-o, mas não deixo de ir ganhando distancia da trincheira, regulando um passo meu por dois ou tres do soldado. Este logo se declara um medroso de marca maior. Pelo caminho, vem gritando:

— “Sargento, não atire em mim, não! Minha missão é de paz, sargento!”

Respondo que não atirarei e, como elle continue a gritar, apavorado, colloco o meu fuzil de cano para baixo. Em breve, o soldado, que é do 4.º R. I., está junto a mim. E, quando me olha, exclama, cheio de uma alegria infantil:

— “Ah! E’ o sargento Demetrio! Eu o conheço, sargento! Eu fiz parte do contingente que o senhor levou o anno passado do Rio para Caçapava!”

E, deante do meu silencio:

— “Sargento, quero agora ficar servindo na sua companhia”.

Eu não me lembro do soldado, mas me lembro do contingente. Digo, todavia, que o conheço e pergunto-lhe pelos outros seus camaradas. Elle responde-me que tambem estão ali, na frente.

— “Está bem — proponho-lhe — como você diz que quer servir commigo, eu vou encarregal-o agora mesmo de uma missão extremamente delicada. Você voltará para lá e vae prometter-me fazer o possivel afim de que todos os seus collegas de contingente passem aos poucos para o lado de cá. Diga-lhes que aqui serão muito bem recebidos e que nós não os consideramos criminosos. Quanto ao facto de terem adherido á Revolução, isso não quer dizer nada. Se eu estivesse em S. Paulo, ao rebentar o movimento, não teria, de certo, tomado outra attitude, porque seria fatalmente envolvido pela onda.”

Olho o soldado. Tem uma physionomia de espanto:

— “Qual, sargento! Faço isso o que! Se já estou aqui, fico aqui mesmo.”

Respondo-lhe, concordando. E peço-lhe que me acompanhe e que me dê o fuzil. O soldado, porém, se se dispõe a acompanhar-me, não está disposto a dar-me a sua arma:

— “Não, sargento, o fuzil, não. Deixe, que eu mesmo o levarei.”

Eu insisto e elle resiste :

— “Não, sargento. Não tenha desconfiança. O fuzil está descarregado.”

Pego, então, no braço do soldado para tomar-lhe o fuzil. É quando estou fazendo isso, ouço uma rajada de metralhadora. Deito-me. O soldado tambem se deita. Outra rajada de metralhadora. Vejo que não devo continuar ahí e vou me arrastando para um logar onde não

possa ser attingido. O soldado tambem vem, já sem fuzil, porque eu estou com o delle. Numa curva, formada por uma ribanceira, levanto-me. Espero o soldado, que ainda está alguns metros atraz, e o conduzo para o P. C. do commandante da companhia. No caminho, elle me diz que, quem o mandara falar commigo, fôra o tenente Valporto Sá. Elles pediam que eu fosse para lá que me tratariam muito bem.”

Domingo, 31 de Julho

O dia de hoje transcorreu sem novidades de ordem militar. As forças dictatoriaes do flanco esquerdo lutam actualmente no Morro Frio e as forças do flanco direito ainda lutam em Salto. A resistencia dos paulistas ahi tem sido tremenda.

Como já fez no penultimo domingo, o sr. Getulio Vargas esteve, pela manhã, visitando o Q. G., em Barra Mansa, acompanhado de varias pessoas. De lá, depois de haver conversado com o general Góes Monteiro, seguiu o dictador para S. José do Barreiro, pela estrada Rio-S. Paulo, não tendo, assim, vindo a Rezende. A Brigada Militar Gaúcha offereceu-lhe ali um churrasco.

*

* *

Uma cousa que se nota logo em Rezende é a presença de garotos espertos. Em todos os cantos onde haja movimento de soldados, lá estão elles fazendo perguntas, indagando, querendo saber de tudo, todos curiosidade. O facto explica-se: Rezende não tem imprensa diaria e necessita desses porta-vozes de vistas inquietas e calças curtas. O campo de aviação é, porém, para onde mais se voltam as suas atenções. Não podem chegar perto dos aviões, não podem siquer entrar até lá dentro, porque ha ordens neste sentido, mas ficam por fóra, espiando, namorando os apparatus, procurando ganhar as sympathias dos aviadores.

O tenente Mello é o mais querido da gurizada pelo seu gosto de fazer piruetas no ar. Quando um avião risca o espaço, caindo aqui em folha secca, realizando ali uma manobra difficil e espectacular, fazendo adiante um "looping the loop", os garotos estão apostando como é elle quem o dirige. E ficam esperando no portão do campo para verem-no descer, para manifestarem-lhe a sua admiração por meio de olhares bisbilhoteiros e de physionomias alegres, de quem está prompto mesmo para dar um "viva" bem alto.

A influencia da aviação sobre o espirito dos garotos leva-os tambem a construir o seu "campo" e a fabricar os seus proprios "apparhos". Que magnificos solucionadores dos problemas graves do paiz! Dentro do seu

mundo, o campo de aterrissagem é um palmo de terra em plena rua, e osapparelhos, que só se mantem no ar pen-durados por cordões, — um taco de páo, um pedaço de lata velha e dois carreteis de linha! Hoje, domingo, elles andavam em bando pela cidade, mostrando os aviões que o seu genio infantil construiu. Um capitão achou aquillo interessante e tirou, com a sua kodack, uma curiosa photographia dos jovens “azes”.

Mas a aviação não exerce influencia apenas sobre as crianças. O capitão Carlos Brasil sabe muito bem, melhor do que eu, que, mesmo entre as garotas bonitas da praça da Matriz, um artilheiro ou um official de infantaria não pode correr com um aviador...

*

* *

Hoje, á tarde, perto da Estação, conversei por algum tempo com um tenente commissionado. Falo pouco para deixal-o falar mais. As suas opiniões são interessantes e o meu silencio facilita que ellas se multipliquem:

— S. Paulo não está tão fraco, como se diz, nem a luta é tão desegual, como se affirma. Repare que, combatendo-se desde o dia 9, só hontem é que as forças do Governo chegaram a S. José do Barreiro. A resistencia dos paulistas vae ser mesmo muito grande. As informações dos prisioneiros dizem que elles teem muita muni-

ção e um perfeito serviço de abastecimento. Não será, portanto, tão facilmente, que venceremos.

Diz-me isso e refere-se, depois, ao general Bertholdo Klinger, para quem chamei sua atenção:

— O general Klinger é um dos officiaes de mais valor do nosso Exercito. O prolongamento da luta é, aliás, não só uma demonstração evidente da capacidade de resistencia de S. Paulo, como tambem da capacidade do chefe supremo das suas forças. Se admiro o general Klinger como tecnico militar, não menos o admiro como um homem justo e digno. Foi elle, antes mesmo do general Góes, quem reconheceu publicamente os direitos dos tenentes commissionados.

O tenente accende um cigarro e esboça um sorriso muito leve:

— Os tenentes commissionados... Não imagina a resistencia que os officiaes de curso lhes fazem. Nota-se isso facilmente, mesmo na Escola Militar. O tenente commissionado, que vae estudar para ser effectivado no seu posto, luta com as maiores difficuldades. A repulsa é geral. Foi sargento? Então, não pode ser official. E' esta a mentalidade. Por isso, nós ficamos captivos de homens que, como o general Klinger, tem a coragem de proclamar de publico os nossos direitos.

Aproxima-se um outro tenente commissionado (os tenentes commissionados sempre vivem juntos e raramente andam com officiaes de curso). O que conversa commigo apresenta-me o collega:

— Está ahí um paulista.

O tenente sorri e, depois de alludirmos á situação:

— Sou paulista de nascimento e a minha família está mesmo, neste instante, em S. Paulo. Não deixo, porém, de reconhecer que, para a situação em que se encontrou depois de 1930, S. Paulo muito contribuiu. Pode-se dizer até que elle é um dos maiores, senão o maior responsavel pela victoria da Revolução de Outubro. Segundo declarações do proprio chefe do Governo, foi S. Paulo quem, com a manifestação extraordinaria que lhe fez, o persuadiu a acceitar definitivamente a sua candidatura á presidencia da Republica, a qual deveria ser victoriosa, pela força. Depois, se não fosse elle, isto é, se o Estado todo accorresse ás armas, como está fazendo agora, para defender o governo do sr. Washington Luiz, o movimento de 30 não teria vencido, pelo menos com a facilidade com que venceu. Imagine que o voluntariado, aberto para dar-lhe combate, não chegou a 6.000 homens! Mas, apesar disso, victoriosa a Revolução, vimos o que se verificou e que levou os paulistas ao desespero de, largando os instrumentos de trabalho, levantarem-se, unidos, contra a Dictadura.

*

* *

Esteve hoje em Rezende o sr. Silvestre Pericles de Góes Monteiro, auditor de Guerra, em função no Q. G.

Elle fôra a S. José do Barreiro e, regressando a Barra Mansa, quiz passar por aqui.

Encontrei-o no Hotel dos Viajantes. Conversamos sobre o momento. Elle deu-me suas impressões. Acha que o Governo vencerá.

— Todavia — diz-me — o que lhe posso assegurar é que o paiz não permanecerá, politica e administrativamente, no estado em que se encontra ou se encontrava antes de 9 de Julho. Teremos de assistir, fatalmente, a uma modificação geral. E essa modificação será, naturalmente, para melhor, indo o paiz gosar de mais ordem e de mais tranquillidade com o desaparecimento, de uma vez por todas, do predomínio tenentista ou outubrista.

AGOSTO

Segunda-feira, 1 de Agosto

A chuva foi a unica novidade que marcou a entrada do mez de Agosto. Até agora, não havia chovido por aqui. Dir-se-ia que Deus tomara essa providencia de proposito, penalizado com a sorte dos pobres soldados que, nas linhas de fogo, ao relento, morrem sem saber porquê. As noites são sempre frias, frias de regelar, nas trincheiras humidas da serra de Itatiaya. Quem passa assim uma noite deve ter, naturalmente, direito a um dia mais ou menos agradável. E dahi talvez o que até hontem se verificou.

Mas, hoje, houve uma mudança completa. Já pela madrugada o trovão ribombava pelas cercanias, confundindo os seus berros tremendos com os gritos roucos dos canhões terriveis. Depois d'elle, veio uma chuva forte que bateu de cheio as zonas de combate e fustigou sem dó e sem pena os soldados humildes do "front". E tudo amanheceu triste, acompanhando na sua tristeza as familias dos heróes que tombam pelo dia a fóra.

Um sargento nortista, todo molhado, que chegou a Rezende como escolta, dizia-me muito serio:

— A chuva é para nós, que aqui estamos, importuna e má. Mas, por que ella não nos deixa em paz e não se dirige para o Norte, onde ha calor e ha sêde?

E' a chuva, afinal de contas, a novidade maior que ha por aqui. O céu parece que deseja apagar o fogo das armas de guerra que devasta as ricas terras roxas dos cafezaes.

*

* *

O coronel Moreira Lima, commandante da praça de Rezende, tambem é hospede do Hotel dos Viajantes. Fui apresentado a elle por Victor do Espirito Santo, meu companheiro do "O Jornal", e desde esse dia vivemos quase sempre a conversar sobre cousas do momento.

Hoje, com a chuva, a nossa conversa foi mais longa. O coronel abordou varios assumptos, dando-me ainda sua impressão sobre as causas do movimento, tudo dentro do seu ponto de vista de defensor extremado da Dictadura. E' depois, falando de um modo mais geral, sobre a nossa situação:

— Sabe qual a solução que eu apresentava para acabar com esses movimentos? Dividir os grandes Estados em dois e tres Estados. Assim, cortar-se-ia o mal pela raiz. S. Paulo, por exemplo, ficaria constituindo tres unidades federativas; Minas, tres ou quatro; o Rio Grande do Sul, duas ou tres, e assim por deante. Creia que é

a nossa defeituosa divisão territorial a causa de muita desgraça a que temos assistido e ainda iremos assistir.

A conversa gira agora em torno das possibilidades do triumpho revolucionario:

— Havemos de ganhar — diz o coronel. Elles pensavam que repetiam a arrancada de 3 de Outubro, que a Revolução seria uma caminhada triumphal para o Rio. Mas enganaram-se. 3 de Outubro só há, de quarenta em quarenta annos.

*

* *

Irrompida a Revolução, muitas familias de Rezende deixaram a cidade. Era natural. Falava-se que os paulistas desejavam occupal-a e ellas temiam algum ataque inesperado.

Mas não foram só as familias que ficaram receiosas. O mêdo tambem invadiu o meretricio, embora varios dias depois de haver rebentado o movimento. Quem me contou o factio foi o capitão Pulcherio Serra, delegado de Policia. A Revolução encontrou aqui umas cinco mulheres apenas. Para ellas, é claro, logo tenderam as attentões. E, dentro em pouco, o telhado das suas casas estava sendo esburacado.

A Policia recebia sempre queixas neste sentido e, um dia, duas appareceram na delegacia para falarem ao delegado:

— Soubemos que amanhã chegará aqui mais um Re-

gimento. E como, sozinhas, não possamos impedir a visita dos soldados, desejaríamos que o senhor nos assegurasse alguns dias de licença.

O capitão deu ordem para assegurar a licença. Ordem difficil de ser cumprida, já se vê. O primeiro infractor foi um soldado do 9º R. I. de Pelotas. Queixa á Policia. O delegado manda chamar o soldado e este justifica-se:

— Mas, seu capitão, o senhor comprehende. Ha varios dias que saimos da terra, sem, desde então, ter tido tempo para cousa alguma. Agora, estamos aqui e em breve iremos para a frente.

O facto é que, dentro de poucos dias, cresceu o numero de mulheres em Rezende. O incidente com as duas estimulou a chegada de outras. A procura augmentou a offerta.

— Até parece que ellas nascem da terra. De vez em quando, descobre-se uma nova — accentúa o delegado. (5)

*

* *

Chegou hoje aqui a noticia da queda de Capella da Ribeira. Uma alegria immensa para os governistas e uma

(5) Poucos dias depois, o general Góes Monteiro ordenava a partida de todas para o Rio, como elemento de indisciplina.

tristeza enorme para os amigos de S. Paulo. Reconhece-se a importancia daquella praça de guerra.

— Sem ella — diz-me um official — o general Waldomiro não poderia ficar tranquillo. E da sua resistencia talvez dependesse muito a sorte de São Paulo.

Terça-feira, 2 de Agosto

Continúa chovendo. A manhã toda esteve pardacenta, o sol lutando desesperadamente com as nuvens a ver se conseguia pôr o seu grande olho amarello para namorar e fecundar a terra. Somente quase ao meio dia é que a temperatura se elevou e o sol venceu a partida que jogava com as nuvens.

Estou na sala de frente do Hotel quando vejo parar um auto Ford, fantasiado de lama. Delle salta o general Góes Monteiro, acompanhado do major Paquet e do tenente Alberto Bittencourt. O general traja como habitualmente. Traz um cachecol ao pescoço e um chicote nã mão. Vem do Club dos Duzentos. Fôra hontem visitar S. José do Barreiro e, como chovesse muito e as estradas estivessem pessimas, com uma noite tremendamente escura, annunciando prolongamento de tempestade, resolveu dormir no Club e só regressar na manhã seguinte.

O general entra, descança um pouco, almoça e, depois do almoço, fica na sala palestrando com os seus officiaes. Fala-se da questão do Chaco, commentando-se a

situação em que ficaríamos actualmente no caso de uma luta entre a Bolívia e o Paraguay.

— “Havendo guerra — friza o general — o nosso territorio será naturalmente atingido. É o que será, então, de nós, empenhados, como estamos, numa luta entre irmãos?”

A conversa encaminha-se, depois, para as causas e os efeitos do movimento paulista. Communista, separatista, reaccionario, guerra de plutocratas — são os epithetos mais doces que lhe dão.

— É quem paga as despesas da guerra? — indaga um.

— Todos os capitalistas que a teem auxiliado — alvitra outro.

— Pois não — concordam todos.

O general levanta-se pouco depois. Vae a Itatiaya conversar com o coronel Daltro Filho. Peço-lhe, então, para escrever alguma coisa para sua familia, por intermedio do “Diario da Noite”. Elle pega dum pedaço de papel e faz o seguinte bilhete:

“Conceição Góes Monteiro — Hotel America. — Nada de novo na frente “oriental”. P. Góes.”

O capitão Agenor Leite Aguiar, official de ligação do Q. G., communica-lhe, em seguida, que um aviador governista, que fôra ao Campo de Marte, em S. Paulo, lhe dissera ter, com as bombas que ali jogara, atingido tres aviões constitucionalistas, inutilizando-os.

— Como? — interroga, com ares de descrença, o general.

O capitão Agenor responde que o aviador não lhe explicara.

É o general, risonho:

— Nunca acredite em cousas dessa natureza, sem antes saber-lhes o “como”.

Agora, dirige-se para a Estação, onde toma uma automotriz que o leva a Itatiaya. Lá, ao que me informaram, foi elle recebido com varios tiros de shrapnell, lançados pelo canhão mysterioso dos paulistas. Teve de esperar que esses tiros cessassem para poder aproximar-se da Estação. E, nesta noite mesmo, regressou a Barra Mansa.

*

* *

O caso passou-se no Hotel dos Viajantes. Depois do jantar, como de costume, o coronel Moreira Lima, commandante da praça, conversava com alguns officiaes. Em dado momento, entra na sala o capitão Calimede, encarregado do serviço do trafego. Entra, faz a continencia do estilo, entrega ao coronel um telegramma e, depois de lido este:

— Aqui tem um homem que mandaram das linhas avançadas.

O homem a que se referia o capitão Calimede dá dois passos á frente, acompanhado por um soldado do

3º R. I.. Olho-o. A apparencia denuncia-lhe a idade: não possui menos de sessenta annos. Apesar disso, tem uma physionomia cheia de vivacidade, com uns cabellos que são um punhado de neve, e uma côr esplendida. Meia estatura. Claro. Mais gordo do que magro. No braço direito, traz carinhosamente guardado um embrulho de papel de jornal. Não usa collarinho. Calça uns chinellos já batidos e veste uma roupa já surrada.

O coronel Moreira Lima levanta-se, fixa o homem e inicia o interrogatorio:

— Donde vem?

— Da S. Paulo — responde o preso, ao mesmo tempo que affirma a sua nacionalidade italiana.

— Quando saiu de lá?

— Da 12 giorni.

— E o que havia por lá?

— Molte agitazione.

O coronel Moreira Lima prosegue nas suas perguntas. O homem, por seu lado, responde rapidamente a todas ellas, falando italiano, mesclado de portuguez.

— Para onde vae?

— Sem destino.

— Onde mora?

— Non ho residenza fissa.

— Então, não tem logar certo de morada? — insiste o coronel.

— No, signore.

— E onde dorme?

— Onde a noite me encontra.

— Mas não trabalha?

— Trabalho, quando ha trabalho.

— E como vive?

— Quando não ha trabalho, da bondade dos outros.

Os presentes já começam a rir.

— Por que sahiu de São Paulo?

— A' procura de outras terras.

— E como veio?

— A pé.

— A pé?

— Sim. Nunca andei de outra maneira.

— Nunca?

— Giammai! — assegura o homem.

— Mas, tambem veio a pé da Europa?

— Não. Vim de navio. E foi a primeira e ultima vez que não viajei a pé.

O interrogatorio torna-se cada vez mais pitoresco. O proprio coronel Moreira Lima já não se contem e sorri, como os outros officiaes. O homem, porém, continúa serio, a responder calmamente a todas as perguntas.

— Ha quantos annos está no Brasil?

— Ha 30 annos.

— Tem andado muito pelos nossos Estados?

— Conheço todos.

— Mas nunca se fixou em nenhum?

— Não.

— Por que?



- Porque sempre gostei de andar.
- É, em S. Paulo, a coisa como vae?
- Muito soldado nas ruas e muito povo.
- E o senhor como atravessou as linhas de fogo?
- Atravessando.
- Ouvia tiros?
- Ouvia.
- E não teve medo?
- Não.
- Encontrou patrulhas de soldados?
- Encontrei.
- O que lhe diziam os soldados?
- Faziam-me perguntas.
- E o senhor como respondia a elles?
- Eu dizia que queria andar.
- Mas se elles lhe déssem um tiro?
- Che far? — diz o andarilho com a sua serenidade imperturbavel.

— Quer ir para o Rio? — indaga, por fim, o coronel Moreira Lima.

O homem acceita o offerecimento com um aceno de cabeça. O commandante da praça fala, então, ao capitão Calimede:

— Pode mandal-o amanhã, pelo trem das 3 horas, para o Rio.

— De trem?

Percebo, pela primeira vez, na physionomia calma do

italiano, cujos pés não querem se distanciar do chão duro, traços accentuados de acabrunhamento.

— De trem...

O capitão sae com o homem e o coronel Moreira Lima, virando-se para os officiaes:

— Maluco, coitado! Lá na Parahyba (o coronel é parahybano), tambem havia um mais ou menos assim. Todos os dias, a uma hora rigorosamente exacta, dava uma volta completa pela cidade. Isso representava para elle uma obrigação. Servia mesmo de relógio para muita gente. Quando passava, já se dizia: — “Fulano vae ali; são tantas horas”. E era mesmo.

O capitão Agenor Leite Aguiar, porém, prefere dar o velho italiano como um bohemio inveterado.

Isto se passou hontem. Hoje, á noite, precisamente á hora do jantar, appareceu por aqui um homem, moreno, alto e forte. Procurava o coronel Moreira Lima, commandante da praça. E logo entrou pela sala de jantar do Hotel dos Viajantes a dentro:

— Coronel! Venho reclamar contra um soldado, que me deu um murro na cara.

E mostrava o rosto vermelho.

— O senhor matou o soldado? — pergunta-lhe o coronel.

— Não — responde elle.

Junto ao coronel, está o major Maurillo Alves. O homem, ainda com a mão na face, aponta para o major:

— Foi o senhor que me deu este murro?

O major Maurillo se surprehende e diz que não. E o commandante da praça volta logo a falar ao reclamante:

— Procure o capitão Pulcherio, na Estação, que elle tomará as devidas providencias, como delegado de Policia.

E, depois, risonho:

— Este é um complemento do de hontem.

Quarta-feira, 3 de Agosto

O Quartel General deslocou-se hoje de Barra Mansa para Rezende. A's nove horas, uma longa fileira de carros, abrigando todos os serviços de Estado Maior, dava entrada na Estação. A cidade toda movimentou-se. Os hoteis encheram-se. Rezende fôra elevada de condição: era agora a séde do commando de todo o Exercito Leste, que comprehende tambem as forças de Minas.

A' tarde, converso com o general Góes Monteiro e vou com elle ao campo de aviação. Acompanha-o ainda o tenente Faria Lemos. Não é grande a distancia que separa o Hotel dos Viajantes do campo. Quando atravessamos a linha ferrea, um avião alça vôo. O general olha-o.

— Leva bombas — diz.

E, em seguida:

— E' preciso muito geito para jogar-se aquillo. Tenho aqui um aviador que ficou doente porque deixou

cahir uma bomba e procurou ver os efeitos por ella produzidos.

O tenente Mello, ao chegarmos ao centro do campo, preparava-se para voar. Vae substituir o tenente Muricy no bombardeio das posições paulistas. O general cumprimenta-o e pergunta-lhe o que há de novo. Elle declara que, pela manhã, observou um grande movimento de caminhões em Arêas. Tem, assim, a impressão de que os revolucionarios estão deixando essa cidade.

O general demora pouco. Uma grande chuva já se denuncia pelas trovoadas que parecem abalar o céu. Grandes relampagos cortam repetidamente o espaço, quase todo coberto pela densa fumaça das nuvens. Não se vêem mais os pontos altos que circumdam a cidade. O aviador, que antes levantara vôo, regressa agora, sem se aventurar a ir mais para a frente.

Vamos caminhando a passo descansado, o general no seu andar característico, olhando para o chão e batendo com o chicote na ponta das botinas. Falamos sobre a situação. Relembro-lhe a correspondencia por elle trocada com o general Bertholdo Klinger nas vespéras de rebentar o movimento.

— “Eu fiz tudo para o Klinger não se revoltar — accentúa. Quiz mesmo evitar que o seu officio fosse entregue ao Ministro da Guerra. Mas não pude contel-o. Elle estava muito irritado com a nomeação do general Espirito Santo. E disse-me que a nova, a verdadeira Revolução seria muito maior do que eu pensava. S. Paulo

e o Rio Grande estavam promptos para, a qualquer hora, levantar-se contra a Dictadura. Respondi-lhe que não era bem exacto. O Flores não viria contra o Dr. Getulio Elle, porém, não se quiz convencer.”

A correspondencia a que alludimos e as palavras do general Góes dão margem a este raciocinio, que eu não tenho duvidas em externar-lhe:

— Se o general Klinger se revoltou principalmente pela nomeação do general Espírito Santo Cardoso e se indicava para o Ministerio da Guerra, em vez deste, os generaes Góes Monteiro, Tasso Fragoso ou Menna Barreto, assistimos, no momento, a este facto curioso: o general Klinger lutando para collocar, na chefia do Exército, o general Góes, que, no entanto, o combate.

O commandante das tropas dictatoriaes torna, então, a falar com a sua voz mansa e pausada:

— “Eu comprehendo tudo isso. Mas preferia uma solução pacifica, como alvitrei ao general Klinger. Acharia que não se devia lançar o paiz numa luta como esta. Assistimos, evidentemente, á guerra civil, que poderá levar-nos á secessão ou conduzir-nos ao estado em que se encontram o Chile e à China.”

Um assumpto puxa outro e agora já alludimos á attitude digna do sr. João Neves, arriscando a vida para ir juntar-se aos paulistas.

— “E’, realmente, uma attitude merecedora de admiração — diz-me o general. Aliás, eu sempre admirei

muito o sr. João Neves, a quem a Revolução de 30 deve grande parte do seu successo.”

Faço agora uma pergunta indiscreta. Era verdade que o sr. Oswaldo Aranha, por occasião da sua visita a Barra Mansa, lhe teria dito que estava causando má impressão a morosidade com que as forças governistas iam marchando no sector de Léste?

— E' certo, sim — confirma o general.

E depois, calmamente:

— “Esta guerra é a peor das guerras. Guerra de trincheira, guerra de montanha, de montes, guerra rude, em terreno accidentado, que difficulta extraordinariamente as operações militares. Qualquer avanço precipitado representará a perda de innumeradas vidas, grande desperdicio de munição e grande abatimento moral, sem que os effeitos materiaes sejam, muitas vezes, compensadores. Como, pois, jogar os meus soldados, os meus amigos, á fome das balas adversarias? Não. Sou o chefe das forças e sou, portanto, o responsavel por tudo quanto lhes acontecer.”

— Mas qual foi a sua resposta ao Ministro Aranha?

— “Eu lhe disse que, se o Governo estivesse achando ruim, procurasse outro para me substituir. Eu estava agindo de accordo com a minha consciencia e com os elementos de que dispunha e não admittia que se desconfiasse da minha lealdade.”

*

* * *

Mais tarde, encontro um official vindo da frente, com uma farda pouco limpa e um rosto cheio de barba. (A barba, aqui, é um attestado de que se esteve mesmo na trincheira. E talvez seja por isso que eu tenho visto uma porção de *carlosprestes* que nunca arredaram pé de Rezende...)

O official dá-me as suas impressões do "front":

— Lá, a vida se distingue muito da que se vive por aqui. E' um ambiente muito mais secco, onde o coração nem parece palpitar no peito dos homens. Tudo é rigidez, energia, decisão. Não ha margem para sentimentalismo, nem vacillações. O soldado obedece, como boneco de mola, ás ordens vindas de traz.

— Avançar!

Ordem de commando. A idéa e a acção. O soldado avança automaticamente. Os mais timidos, os proprios poltrões dão, nesses momentos, provas magnificas de coragem. E' bem dura a realidade. Mas a luta termina collocando vidros cõr de rosa nos nossos olhos. E de tal forma nos habituamos a ver essas cõusas com serenidade e com frieza, que, no fim, até se estranha a mudança de ambiente, até se fica aborrecendo a paz...

Quinta-feira, 4 de Agosto

Salto caiu. O factõ desta quêda só hoje se verificar, depois de tantos dias de violentos ataques das forças di-

ctatorias, dá uma idéa do que foi a brava resistencia dos paulistas para manter a ponte, em torno da qual se desenvolveram scenas de verdadeiro heroismo, que ainda mais exaltam as qualidades do soldado brasileiro.

— Derrota dos constitucionalistas? Não. Victoria. A derrota é do Governo — observa-me um capitão.

E, deante das noticias de que Arêas está sendo evacuada:

— Se Arêas cair, Queluz terá fatalmente de cair tambem. As duas cidades se ligam por uma estrada de rodagem. E, nestas condições, para defender Queluz, os paulistas terão de lutar em duas frentes, o que não é negocio.

*

* *

Pelo que tenho observado, conclúo, sinceramente, que o Governo Provisorio não conta com a sympathia geral das tropas deste sector. Ha aqui os que lutam forçados pelo dever, ha os que lutam por lealdade e amizade ao general Góes Monteiro, ha os que não lutam e estão em Rezende porque a sua acção é temida no Rio, e ha, finalmente, em menor numero, os que desejam ver S. Paulo esmagado debaixo dos seus tacões, S. Paulo humilhado, fulminado, destruido.

O facto abaixo, que me foi narrado por um sargento do 2º R. I., é, a esse respeito, bastante expressivo:

— Ainda não haviamos tomado S. José do Barreiro.

Eu me encontrava com uma metralhadora pesada, bem collocada numa elevação de terreno, pouco distante da cidade. Fôra incumbido de guardar uma determinada zona das incursões do adversario. Logo que percebesse qualquer movimento, deveria descarregar a minha arma. Estava, deste modo, bem attento, de binoculo em punho, com os olhos fixos no objectivo designado. De repente, percebo que alguma cousa se movimenta lá adiante, perto do matto. Tomo do binoculo e observo: cerca de quinhentos metros, estão dois officiaes, que procuram, ao meu ver, collocar ali uma metralhadora. Apesar de affeito á guerra, chego a ficar nervoso. Pego da minha arma, ponho o dedo no gatilho e faço a pontaria. Levanto-me, porém, para olhar de novo o meu alvo. Os officiaes se encontram ainda no mesmo lugar, longe de pensarem que ali me acho eu, podendo dispôr á vontade das suas vidas. Baixo-me e pego, novamente, no gatilho. A mão treme-me. Fico indeciso. E tomo logo uma resolução definitiva. Raciocino. Estamos numa guerra de irmãos. Aquelles officiaes são homens valorosos, que ainda podem prestar bons serviços á Patria. Depois, devem ser tambem meus amigos. Por que, então, matal-os assim, tão friamente? Se elles lutam é porque teem um ideal. São dignos, portanto, do nosso respeito e da nossa admiração. E não serei eu quem os assassinará. Firmando-me neste ponto de vista, retiro o dedo do gatilho e nem olho mais para a frente.

— E você tinha mesmo certeza de que os mataria?
— indago.

— Ora, se tinha. Com uma rajada apenas, garanto como derrubava todos.

È, em seguida, voltando ao seu tom habitual de voz, ligeiramente modificado com a minha pergunta que elle talvez houvesse tomado como desconfiança da sua pontaria:

— Mas eu não tenho coração para isso. Na trincheira, ainda, ainda. Quando vemos um camarada cair ferido, gemendo, gritando, temos accesos de raiva e de odio tamanhos que, se pudéssemos, torceríamos, sem vacillar, o pescoço de todos os adversarios. Mas isso passa e logo nos volta a razão para dizer-nos que todos somos irmãos e, além de irmãos, humanos. Por outro lado, na trincheira, a gente atira para a frente, sem saber se o nosso tiro matou ou não matou. Assim é melhor, está claro.

O sargento manifesta-se, depois, sobre os paulistas:

— São aguerridos que não é brincadeira. Lutam muito e com vontade de vencer. Arriscam-se de todas as formas. Admiraveis. Também possuem uma organização extraordinaria. O serviço de aprovisionamento é o que ha de melhor, de mais perfeito. Eu sei disso desde a tomada de S. José do Barreiro. Fui o primeiro soldado governnista a entrar na cidade. Quando cheguei na ponte, percebi que um homem corria, assustado, em minha direcção. Parei para esperal-o. O homem estacou em minha frente

e, pedindo licença para dizer-me que era barbeiro, acrescentou:

— Na minha barbearia, que os paulistas occuparam para posto de aprovisionamento, encontram-se varias caixas de alimentação. Nada é daqui. Tudo veio de S. Paulo. E eu desejo que o senhor mande retirar aquillo da minha casa.

“Fui até a barbearia. Vi as caixas e abri todas. Era feijoada, era linguiça, salchicha, doce, pão, uma porção de cousas boas. Mas não me aventurei a comer nada, receiando que tudo estivesse envenenado. Chamei primeiro uns cachorros e dei-lhes um pedaço de cada petisco. Os cachorros ficaram muito satisfeitos e comeram tudo. Dentro de uma hora, continuavam satisfeitos e alegres, pedindo mais. Compreendi, então, que nada estava envenenado. E só lastimei ter dado aos cachorros tão grande quantidade de alimentos caros.

Pergunto, em seguida, ao sargento se os paulistas teem muita munição.

— Parece que teem — responde-me elle. E' frequente encontrarmos pela estrada punhados e mais punhados de cartuchos e balas. Naturalmente, os soldados, sabendo que possuem muita munição, vão abandonando essas cousas para alliviar o peso que carregam.

Sexta-feira, 5 de Agosto

Aproxima-se o dia 9, quando completará um mez

que a Revolução explodiu. E' natural, portanto, que aqui se converse muito sobre a possibilidade da belligerancia. E hoje foi um dia em que o assumpto esteve mais em fóco. Na sala de frente do Hotel, commentava-se a situação. Uns achavam que os paizes estrangeiros não reconheceriam S. Paulo como belligerante porque não iam romper com o Governo Federal. Outros admittiam esta hypothese, mas julgavam que de nada servia aos paulistas a belligerancia.

— Pois o porto de Santos não está fechado e bloqueado? — argumentavam os ultimos. Como, então, S. Paulo poderá comprar armas?

Deixo o Hotel. Um official, meu conhecido, que havia assistido á conversa, tambem o deixa. Saimos juntos. E elle me diz, agora, referindo-se ás hypotheses ali debatidas:

— Elles estão enganados. S. Paulo pode prescindir do porto de Santos para fazer entrar armas e munições no seu territorio, desde quando possui as fronteiras de Matto Grosso.

*

* *

Com o coronel Moreira Lima, como já disse, conversei quase todos os dias, ambos expondo, com sinceridade, nossas opiniões sobre o momento. Elle, defensor extremado da Dictadura. Eu, defensor da ordem consti-

tucional. Hoje, digo-lhe, mais demoradamente, porque estou com S. Paulo. E os meus principaes argumentos são os erros terriveis do Governo Provisorio.

Elle me escuta, attento. Não abandona o seu ponto de vista, mas já me faz alguma concessão:

— De facto, não foram devidamente aproveitadas as conquistas da Revolução, nem foi cumprido, integralmente, o seu programma, afim de consolidar a confiança que o povo nella depositava.

Vem á palestra a situação militar. O coronel Moreira Lima acredita na victoria das armas do Governo. Fala nas cidades já occupadas. E, quando allude a S. José do Barreiro, como que se lembra de alguma cousa. Vira-se para o major Maurillo Alves e exclama:

— Imagine! O Paquet me disse que S. José do Barreiro havia sido abandonada duas vezes, antes das nossas tropas chegarem lá. Como, porém, ninguem se aproximasse, os paulistas voltavam. E deixavam definitivamente a cidade pela terceira vez, quando resolvemos, enfim, avançar. Estupendo! Pois as nossas forças passaram dois dias sem ter contacto com o inimigo! Dois dias!

*

* *

O major Estillac Leal, que faz parte do Q. G., contava hoje, á tarde, num grupo, perto da Estação, a con-

versa que tivera com os estudantes paulistas, presos no combate de Pouso Alegre:

— Perguntei-lhes primeiro porque se haviam deixando prender. E um delles respondeu-me:

— Um tormento horrivel para nós, desacostumados da guerra. Não esperavamos pelo ataque. Alguns collegas foram logo feridos e gemiam muito. E, como nos faltasse serviço de saude e não quizessemos prolongar-lhes os soffrimentos, resolvemos entregar-nos.

“Indaguei, em seguida, qual a sua attitude, ao serem surprehendidos pelo ataque. Foi o mesmo estudante que me respondeu á primeira pergunta, quem me falou novamente:

— Quando começamos a ouvir os primeiros tiros, procuramos abrigar-nos da melhor maneira possivel. Alguns se esconderam pelo matto e outros subiram em arvores.

Sabbado, 6 de Agosto

Ha, na Chefatura de Policia Militar, um radio que dá de comer á minha curiosidade gulosa, trazendo até aqui as noticias de S. Paulo. Todo dia, depois do jantar, lá estou eu, apurando o ouvido para saber o que ha de novo na frente paulista. Tambem são freguezes assiduos das irradiações o major Estillac Leal, o capitão Othelo Franco, o capitão Pulcherio Serra e outros officiaes. O radio fica no primeiro andar da Chefatura, onde reside

o coronel Avila Lins. Fica mesmo bem defronte ao seu quarto de dormir. A estação que pegamos é a Radio Educadora Paulista, porque as outras são inutilizadas pelas irradiações de Buenos Aires, Montevidéo e Rio.

O major Estillac Leal ouve tudo com muita atenção e gosta sempre de dar apartes mordazes nos discursos ou nas notas lidas pelo speaker. O capitão Othelo Franco ainda é mais atenção. Pouco fala e não admite barulho. Aborrece as musicas com que as sociedades de radio entremeiam a palavra dos oradores e o noticiario. E quando, ás vezes, a onda foge, a estatica occasiona descargas ou o Arpoador e o telegrapho estão muito intolerantes na sua missão pouco louvavel de prohibir que o paiz conheça o que vae por S. Paulo, elle se irrita, inquieta-se, fica nervoso, denotando a angustia e a tortura que lhe atravessam a alma de partidario decidido da causa paulista. Então, descompõe o radio e chega a ameaçar, com os punhos fechados, de reduzil-o a pedaços. Ou porque o tema, ou por outra cousa qualquer, o facto é que o radio logo melhora, a onda volta ao seu lugar e a satisfação ao rosto do capitão Othelo.

Hoje, que o tempo não estava bom e o apparelho estava peor, o major Estillac procurou acalmar o capitão:

— Isso é cousa que acontece sempre, Othelo. Nos Estados Unidos, promette-se um premio de não sei quantos mil dollares a quem descobrir um meio de evitar essas fugas da onda.

Tambem appareceu, á noite, na sala do radio, o ca-

pitão aviador Carlos Brasil. O capitão Othelo dá pela sua presença, faz uma physionomia mais alegre e chama-o mais para perto:

— Venha, Brasil. Eu quero que você, sereno como é nos seus julgamentos, ouça também isto aqui.

O capitão Brasil accede ao convite, porém, friza, sorrindo:

— E', Othelo. Mas não vá pensar que eu me passe.

Noto, entretanto, que o capitão Brasil se demora pouco na sala.

— Talvez tenha razão — observa um amigo. — O radio é, como já se disse, a sexta arma, e a aviação, dando independencia ao aviador, não o livra das tentações...

O general Góes Monteiro está sempre ao par de tudo quanto se irradia. E' o capitão Othelo Franco quem lhe leva as noticias.

*

* *

Já se tem como certo que Arêas não resistirá mais. Os paulistas se retiram daquella cidade e, segundo parece ás forças do Governo, vão fazer uma linha forte de resistencia em Silveiras. A defeza delles na estrada de rodagem está entregue ao 4º R. I. e na estrada de ferro a voluntarios e á Força Publica.

O capitão Frederico Buys, com quem conversei á

tarde, fala-me da situação militar e assim se externa sobre a não offensiva dos revolucionarios:

— Os paulistas commetteram um grave erro não tendo avançado até Barra do Pirahy. Além dos factores moraes desse avanço, nós teriamos mais difficuldades em combater. As communições com Minas ficariam cortadas e elles estariam lutando ainda hoje dentro do territorio fluminense. Seria, assim, bom para elles e ruim para nós. A sua falta de offensiva tem-nos sido igualmente muito benefica. Vamo-nos armando melhor e fazendo maior concentração.

Deixo o capitão Buys e approximo-me do Hotel Alliança, em cuja porta estão palestrando um aviador, um capitão, um tenente e um paizano. Fala-se do tenente Agildo Barata. O tenente Agildo foi, como se sabe, uma das figuras mais salientes da Revolução de 30, no Norte.

— Fez mais pela Revolução do que o Juarez, que fugiu, com mêdo, de Recife — friza alguem.

Victoriosa esta, e deante dos processos adoptados pelo novo Governo, logo manifestou o seu desencanto, passando, então, a bater-se por que fossem modificados os seus rumos. Com isso, ganhou sympathias publicas, mas ganhou tambem a inimidade dos homens do poder. E é assim que, antes de rebentar o movimento de 9 de Julho, já se encontrava preso. Protestou, não se conformou com a violencia e atacou, sem meias palavras, o capitão João Alberto.

— Chamou-o até de ladrão — fala um do grupo.

— Ah! Mas vocês não sabem do caso do Juarez? —

indaga outro. O Juarez surgiu certo dia pela prisão. Ia, parece que a pedido do João Alberto, acalmar o Agildo. Encaminhou-se para elle e, com aquellas suas maneiras mysticas, tratando sempre os outros como uma pessoa superior:

— “Que é isto, menino? Deixe de tolices.”

O Agildo irritou-se e só faltou chamar ao Juarez de bonito. Disse-lhe o diabo.

Domingo, 7 de Agosto

Dia calmo, o de hoje. Os domingos, aliás, são sempre calmos, mesmo quando se está em pé de guerra, como agora. Só não é calmo, principalmente no interior, para as roupas dorminhocas que passam a semana inteira dentro das malas e teem, no dia em que Deus descansou, de sahir á rua, de movimentar-se, de mostrar-se em publico, cumprindo o seu destino.

Depois do almoço, o general Góes Monteiro appareceu pelo Hotel dos Viajantes. Ahi já estavam o major Estillac Leal e outros officiaes. A conversa se entabola. Allude-se ao avanço que as forças governistas teem realizado. Um official accentúa que o Governo está ficando cada vez mais forte. E o major Estillac Leal declara:

— Muita gente julgava que o Governo Provisorio

fosse castello de cartas: qualquer movimento o derrubaria. Alguns voluntarios paulistas, segundo me disseram, chegaram mesmo a trazer seu smoking para o baile da victoria no Rio. Eu, porém, nunca alimentei illusões. Sempre acreditei que o Governo teria muito quem o defendesse.

Entram na sala mais dois officiaes, talvez para tomar o lugar dos que se retiram a serviço. Fala-se agora da attitude do Rio Grande do Sul e de Minas. Se os dois tivessem apoiado S. Paulo, como era de esperar, não seria mesmo uma marcha sobre o Rio a que emprehen-deriam os paulistas a 9 de Julho?

— “Mas o Rio Grande — diz o general Góes — não podia ficar com S. Paulo nessa emergencia. Havia mesmo motivos politicos para que elle não o acompanhasse. Sendo S. Paulo o iniciador do movimento armado, o apoio do Rio Grande iria reconhecer a hegemonia paulista sobre o Brasil.”

— E Minas?

— Minas não ficou com S. Paulo para não apanhar... — accentúa um major, com mordacidade. Ella não iria, sem o Rio Grande, contra a Dictadura.

Alguem elogia, depois, a attitude serena do general em relação aos paulistas. E elle justifica:

— “Mas para que violencias? Todos somos irmãos e não devemos lutar com excessos e com odios, como se estivessemos combatendo inimigos da Patria. Eu disse

mesmo ac Juarez, quando elle, numa visita que me fez em Barra Mansa, desaconselhou esta minha attitude:

— “Vocês, do Club 3 de Outubro, estão enganados. Eu não me acho aqui para fazer o que vocês querem, para commetter selvagerias com os nossos irmãos. Bato-me pelo Governo Provisorio com a maior sinceridade, mas isto não quer dizer que me esqueça de que os do lado de lá também são brasileiros. Agindo desta maneira, eu talvez até esteja prestando melhores serviços ao Governo e ao paiz.”

*

* *

Quantos soldados tem S. Paulo? Esta pergunta parece que se vê na boca de todo mundo. Todos aqui desejam saber as possibilidades militares dos paulistas. Mas o facto é que até agora ninguem sabe.

Hoje, encontrei perto da Estação um tenente do Q. G. A' sombra amiga de um wagon, palestramos cerca de meia hora e elle me informou, pedindo discreção:

— Os prisioneiros que teem sido ouvidos declaram que S. Paulo possui noventa e sete mil homens em armas!

— Mas não é possível — observo, calculadamente, a ver se lhe arranco mais alguma coisa. Pois se eu vejo o general Góes tão calmo, tão crente no triumpho do Governo!

— Sim — torna o tenente. Elle tem de manter essa attitude. Um chefe militar deve ser calmo como um medico. Se se fosse mostrar preocupado, nervoso, agitado, seria peor, porque lançaria o desanimo em todos. Mas, creia que a luta não está tão “sopa” como se diz.

— Então, de que maneira os paulistas poderiam armar tanta gente?

— Ora, de que maneira! Além de possuirem, antes da Revolução, muito armamento, elles teem meios de importar armas. Ha ainda, em seu territorio, varias fabricas, que já se acham a serviço da guerra. Sabemos que Mattarazzo está fazendo 80 mil tiros por dia. Isso é o que sabemos. E o que não sabemos?

O amavel tenente despede-se agora e se dirige ao Q. G.. Não teria elle me transmittido, com as suas palavras, o estado de espirito do Governo?

Segunda-feira, 8 de Agosto

Deixo Rezende com destino ao Rio ás 3,40, num trem vagaroso, que não tem folego sequer para atravessar duas estações sem parar. A briza fria da madrugada acaricia-me sem-cerimoniosamente, como se se tratasse de um velho conhecido (não me acordo aqui antes das 7 horas). Ella deve tambem acariciar o comboio, que anda mollemente, friorento, todo se espreguiçando pelas linhas interminaveis que o sustentam, todo se retorcendo, cheio

de coegas. Ou isto ou a locomotiva está com medo da madrugada revolucionaria, temendo a escuridão da noite, que o seu olhar directo e brilhante penetra como um punhal, receiando alguma sentinella nervosa, ou sentindo talvez remorsos e saudades dos soldados e mais soldados que já carregou para o purgatorio do "front", para o inferno das trincheiras. Não será este ultimo o motivo dos gemidos longos e constantes que ella vae soltando pelo caminho?

Mas o homem que me pede o bilhete para picotar, um homem sisudo, com um nariz adunco e uns oculos fortes que repousam por algum tempo, meticulosos, sobre a minha passagem, defende a locomotiva, accusando o movimento armado:

— Nestes tempos de revolução, é o diabo para a Central. As linhas vivem apinhadas de carros militares e nós temos sempre de esperar que elles a desoccupem. Se eu fosse director, supprimia até, por emquanto, os trens de passageiros.

Um senhor idoso ouve-o dizer isso e não concorda:

— Nesse caso, o melhor seria supprimir as revoluções!

A manhã nos surprehende em Barra do Pirahy, licenciando a madrugada e as luzes electricas e preparando o terreno para mestre Sol expandir-se com o seu entusiasmo incandescente.

O trem tambem é licenciado. Não nos leva um passo mais adiante.

Temos, portanto, todos os passageiros, de descer para esperar outro comboio que vem de Entre Rios disposto a conduzir-nos á Capital Federal. Enquanto elle não chega, vou ao Hotel da Estação, á procura de um café, pois não fiz nenhuma promessa de ficar em jejum. Lá já encontro varios companheiros de viagem, está visto que mais sabidos do que eu e mais amáveis para com o estomago. Sento-me numa meza, onde se acham duas pessoas ainda não servidas: um velho, devendo já ao mundo uns sessenta para setenta annos de existencia (reconheço-o: foi o mesmo que ainda ha pouco suggeriu ao homem do trem acabar com as revoluções); e um moço, mais velho do que eu. Sento-me e espero o café. O velho olha para mim, aponta uma pia dagua que está ao canto da sala e pergunta-me:

— Pode-se lavar o rosto ali?

Creio que se pode. Mas como não tenho certeza, respondo simplesmente com um “não sei”. O velho faz, então, a mesma pergunta ao outro companheiro de meza. Este tem uma cara de poucas conversas, de quem possui sogra ruim em casa:

— Pode-se sim. E pode-se tambem tirar o chapéo.

Olho a cabeça do velho. Está de chapéo claro, que lhe cobre as cãs não muito abundantes. A physionomia estampa um leve sorriso, animando as rugas, que são muitas. Fixa o moço com um olhar de indulgencia. Tira

o chapéo, deixando apparecer o luzidio da sua careca, e diz, com o mesmo riso suave:

— Desculpe, moço. São cousas de mineiro.

É vae lavar o rosto na pia do restaurante, enxugando-o mesmo com o lenço.

No novo trem que tomamos para o Rio, a coincidência colloca-nos a mim e o velho juntos, sentados em duas cadeiras pegadas. Conversamos muito pouco sobre um assumpto realmente inevitavel: a morosidade do trem. Em Paulo de Frontin, compro os jornaes cariocas. O velho compra o “Jornal do Commercio”. Abre-o na pagina que traz a parte commercial. Aproxima-lhe bem os olhos, levantando os oculos para lêr melhor, naturalmente. O typo é miudo e lhe foge das vistas. Elle pergunta-me, então:

— Que numero é este?

Trata-se de cotação de mercadorias. Digo-lhe e elle, num desabafo, com as rugas do rosto multiplicadas:

— Tomara que essa tal revolução já se acabe. São tantos os males e os prejuizos que isso causa á gente!

— O senhor o que é?

— Sou agricultor.

— É acha que o governo deve ganhar?

— Homem, eu não sei. Para mim, tanto faz o governo ganhar, como perder. O que desejo é ordem e paz afim de que os negocios corram com mais regularidade e o paiz possa progredir. Quem dêr isso ao Brasil, conta inteiramente com a minha sympathia.

Espirito pratico de mineiro sabido.

Terça-feira, 9 de Agosto

O dia de hoje, em que se commemora o primeiro mez de Revolução, eu o passei: a manhã, no Rio; um pedaço da tarde, viajando; e a noite, em Rezende, onde acabo de chegar.

O Rio continua com a mesma confiança em São Paulo. Todos acreditam que o Governo Provisorio está liquidado e que o movimento não custará muito a tornar-se victorioso.

— Se a Dictadura até agora não dominou os revolucionarios, como poderá ainda dominal-os? — argumentam os cariocas.

Emquanto isso, cresce a discordia entre o povo e o Governo. Os estudantes teem promovido conflictos na Avenida, em que até senhoras tomam parte. Ainda hoje, estava annuciado um “meeting” commemorativo dos trinta dias de luta. O convite para elle terminava dizendo que todos se preparassem, porque a policia, como sempre, havia de comparecer. A cidade é, realmente, toda entusiasmo pela Revolução. E quem, como eu, chega da zona de operações, onde só o capitão Othelo Franco fala alto contra a Dictadura, ha de forçosamente estranhar, pela mudança brusca de ambiente, este espectaculo tão expressivo, esta unanimidade de applausos aos bandeirantes.

Um amigo observa-me:

— E' uma cousa admiravel e avassalante. Chego mesmo a acreditar que, na capital paulista, não reina

mais entusiasmo do que aqui. Dêem armas ao povo e vejam se o Governo não estará no chão. Pois o carioca não vae, desarmado, para a Avenida promover manifestações contra a Dictadura, expondo-se ás patas dos cavallos da Policia, aos seus chicotes infames e ás suas balas assassinas?

Fala-se muito, no Rio, num movimento das classes conservadoras e dos intellectuaes em favor da Revolução. O sr. Mauricio Cardoso, que foi a S. Paulo, como enviado do sr. Flôres da Cunha, para propôr um accordo, não teve coragem, deante da animação que lá encontrou, de apresentar a formûla levada. E voltou confiante na victoria do movimento e até, ao que se diz, batendo-se por elle.

Em meio a esse entusiasmo e a essa fé, é natural que os boatos optimistas pullulem por todos os cantos, embora nem sempre espalhados pelos partidarios da Revolução (o Governo tem tambem interesse em passal-os). Ainda hoje, por exemplo, alguém perguntou-me se era exacto que os paulistas já se encontravam perto de Cascadura, depois de desenvolverem uma formidavel offensiva com o intuito de commemorar o primeiro mez do movimento no Rio. Tivera essa noticia de um outubrista, que até lhe assegurara ter ouvido por ali o ribombar do canhão...

Mas, além dos boatos, ha as piadas, em que o genio do carioca se expande com a maior fertilidade. Uma interessante que me foi contada hontem:

— Quando estive em Bello Horizonte, o dr. Fernando Costa fez ver ao sr. Olegario Maciel que Minas não devia nem tinha interesse em lutar contra S. Paulo para defender a Dictadura. Eram dois Estados amigos, que, além do commercio que mantinham, se estimavam e se queriam. Os paulistas estranhavam, deste modo, a attitude do presidente mineiro, mandando atacal-os dentro do seu territorio.

Ainda o sr. Fernando Costa não havia terminado, quando ouviu o sr. Olegario Maciel falar, surprehendido com a sua reclamação:

— Uê! Mas nós não estamos em guerra não é com a Argentina? Foi isso o que me disse o Capanema.

O cinema tambem forneceu materia para que o carioca desabafasse o seu fino espirito de satyra contra os homens da situação. Varias figuras do Governo Provisorio foram appellidadas com nomes bem expressivos de “films” de successo.

O dictador Getulio Vargas, por exemplo, é “El ultimo de los Vargas”; o interventor Flores da Cunha, “Alta Traição”; o ministro Oswaldo Aranha, “Loteria Maldita”; o ministro José Americo, “Ramona”; o interventor Pedro Ernesto, “Honrarás tua mãe”; o ministro Salgado Filho, “Uma hora contigo”; o capitão João Alberto, “Ruas de Nova York”; o major Juarez Tavora, “O rei vagabundo”; o interventor Juracy Magalhães, “Tenente Seductor”; o general Miguel Costa, “Testemunha occulta”.

A lista é grande e os appellidos se estendem ainda aos homens do regime passado e aos que estão, no momento, solidarios com S. Paulo. Vemos, desta forma, o sr. Washington Luiz, com a alcunha de "Vingança de Budha"; o sr. Julio Prestes, "Um sonho que viveu"; o general Bertholdo Klinger, "O homem do outro mundo"; os generaes Pantaleão Telles e Firmino Borba, "Xadrez para dois"; o sr. Francisco Morato, "O phantasma da Opera".

*

* *

Na Avenida Rio Branco, em frente ao Palace Hotel, encontrei, pela manhã, o juiz Pontes de Miranda, que eu julgava na Europa, fazendo conferencias. Quiz perguntar-lhe a razão do seu regresso apressado para o Brasil. Mas não foi preciso. O illustre jurisconsulto logo me explicava tudo, no seguinte recado que mandou por mim ao general Góes Monteiro:

— "Diga ao Pedro que eu já voltei. E isto porque não poderia continuar na Allemanha com a minha patria estraçalhando-se numa guerra civil."

*

* *

Agora á noite, logo depois da minha chegada aqui, em Rezende, um official conta-me que um caminhão,

carregado de munição 105, ao envez de abastecer a artilharia do Governo, foi abastecer a artilharia de S. Paulo.

A opinião dos officiaes diverge sobre as causas dessa mudança de rumo. O official que me fala acha que foi erro do chauffeur, mas accrescenta que varios collegas não concordam com elle, acreditando que o caminhão foi comprado por agentes de S. Paulo no Rio. O general Góes Monteiro é desta opinião.

Adianta ainda o meu informante que Arêas fôra, emfim, desoccupada pelos revolucionarios.

Quarta-feira, 10 de Agosto

Foram feitos hoje varios prisioneiros na frente de Queluz. Trazidos para aqui, elles se dirigiram, sob escolta, para a Chefatura de Policia Militar, onde passaram a ser interrogados. A maioria dos soldados pertence ao 1º B. E. da Força Publica Paulista. Um sargento apresentava um ferimento de bala no braço esquerdo e um preto fôra attingido por um golpe de baioneta no olho direito.

— A tropa do coronel Daltro — diz-me um capitão — está afiada na faca. Depois da tomada de Itararé, as cargas de baioneta ficaram em moda.

Esses prisioneiros despertaram curiosidade, porque ha muitos dias que não passava por aqui soldado paulista. Cochichava-se mesmo que alguns batalhões nortistas e

gaúchos eram intransigentes demais para com os revoltosos, de maneira a não deixal-os chegar até Rezende.

Eu olhava para esses prisioneiros, quando um soldado chega junto a mim e me pergunta:

— O senhor é que é o sr. Arnon de Mello? Pois o general deseja falar-lhe.

O convite do soldado não me surprehende. Lembrome de que, pela manhã, eu dissera a um dos ajudantes de ordens do general, que possuía uma copia do manifesto do sr. Arthur Bernardes, apoiando o movimento paulista.

— Mas não é possível — retrucou-me o official.

— E' — garanti-lhe.

— Pois o general não sabe disso.

O caso fôra levado, decerto, ao conhecimento do general e elle, naturalmente, desejava conhecer o manifesto.

Dentro em pouco, acho-me frente á frente com o commandante geral das forças governistas, na sua propria cabine do carro do Q. G. Elle está terminando de abrir a correspondencia chegada pelo trem da manhã. Rasga enveloppes, lê o conteúdo e manda entregar tudo, depois, a um official do E. M.

Ao abrir uma das ultimas cartas, porém, sorri levemente e passa-a ás minhas mãos:

— São innumeradas as que recebo nesse sentido.

Leio a carta. Ella está assim redigida:

“Exmo. Snr. General Góes Monteiro” — Respeitosas saudações — E' pela terceira vez que me dirijo a V.

Excia. e o farei tantas vezes quantas a minha consciencia de brasileiro me ordenar intervir com o meu modestissimo mas sincero patriotismo. E, oxalá, Deus e Jesus o illuminem para que V. Excia. possa levar a termo a luta fraticida e, assim, evitar o derramamento de sangue dos brasileiros e estancar as lagrimas vertidas nos lares brasileiros! Nesta pugna ingloria, em a qual a cegueira completa dos homens deixou á margem o futuro do Brasil e o destino da nacionalidade, o melhor general não será aquelle que forrar o solo da patria de cadaveres e julgar-se vencedor.

General: bem comprehendemos as suas grandes responsabilidades, bem comprehendemos a luta tremenda da sua consciencia entre os seus deveres de brasileiro e os pendores do seu nobre coração. Considere, entretanto, que responsabilidades e deveres teem os seus limites intransponiveis, emquanto as obras do coração não os teem, porque são dictadas por Deus, que é Infinito. General: obedeça os designios de Deus e de Jesus e imponha a paz e a união dos brasileiros.

Ainda me permitto, com a devida venia de V. Excia., fazer a seguinte suggestão:

Pela immediata pacificação do Brasil:

Dr. Borges de Medeiros, Dictador.

General Góes Monteiro, chefe do Exercito.

Ministerio Nacional.

Interventores civis nos Estados.

Constituinte até Setembro de 1933.

Ordem e trabalho em todo o Brasil.

Esquecimento absoluto dos erros do passado.

Viva Deus! Viva a Paz! Viva o Brasil unido e prospero!

Seu admirador e humilde patricio

8-8-932

J. Cordeiro de Campos."

Quando acabo de ler a carta, o general fala:

— "Todas as que recebo sobre o assumpto pedem sempre a retirada do dr. Getulio. Mas substituil-o por quem? Todos os homens que se apresentam para chefiar o Governo não congregam as sympathias geraes nem contam com a força necessaria para manter-se no poder. Na minha opinião, só ha mesmo, actualmente, um homem que talvez pudesse succeder o dr. Getulio e assegurar a ordem e a tranquillidade no paiz, isto mesmo num regime constitucional. Este homem é o sr. Mauricio Cardoso, que, com a sua cultura juridica e o seu espirito conciliador, deixou boa impressão na sua passagem pelo Ministerio da Justiça. Fóra disto, somente uma dictadura militar. E é bem provavel que tomemos esse rumo."

O general pergunta-me, em seguida, pelo manifesto do sr. Arthur Bernardes. Ouvira dizer que o ex-presidente da Republica definira sua attitude contraria á Dictadura e já lhe havia mesmo telegraphado, indagando se

eram verdadeiras as noticias que corriam a respeito. Não conhecia ainda, porém, o documento que se lhe attribuia.

Dou-lhe a copia que possúo. E elle, começando a lê-la, não acredita que seja do chefe mineiro a primeira phrase.

— A segunda, vá lá — declara.

Mas termina a leitura, achando que o manifesto é apocrypho. Logo ao rebentar o movimento, escrevera uma carta ao sr. Arthur Bernardes sobre a situação e o ex-presidente respondera-lhe animado do maior sentimento de paz. Que eu esperasse, assim, a sua resposta ao telegramma que ainda ha pouco lhe dirigira.

Concordo em esperar pela resposta, mas não deixo de commentar os ataques do manifesto á Dictadura. O sr. Bernardes declara ali que fica com S. Paulo “porque para S. Paulo se transportou a alma civica do Brasil.”

— “Mas eu penso — diz o general — que S. Paulo deveria ter esperado mais um pouco. Até maio, por exemplo. Se as eleições não se realizassem na data marcada, então, sim, fizesse a Revolução, que contaria mesmo com o meu apoio, embora eu ache que o periodo dictatorial, dadas as nossas condições, deveria ser mais largo afim de podermos levar a cabo as necessarias transformações e reformas na organização do paiz e na mentalidade nacional.”

Chamo, porém, a attenção do general para o passo de kagado dos serviços eleitoraes e para a phase que vivemos. O tempo de espera talvez fosse perdido.

— Não convem esquecer — observava-me, a proposito, um amigo — que temos no Governo um tecnico da solercia, do despistamento.

Ouçõ, novamente, a palavra do chefe do Exercito dictatorial:

— “Tenho aqui officiaes que talvez queiram mais mal ao dr. Getulio do que qualquer pessõa. Mas nem por isso deixam de combater pela manutenção do seu Governo. E’ porque acham que a victoria do movimento paulista poderia trazer consequencias graves para o paiz.”

Uma pausa. E o general, com amargura:

— “Já fiz tudo para alcançar a paz, não tendo, infelizmente, os meus esforços surtido effeito. Continuarei, todavia, a trabalhar para que a luta dure o menos possivel. Julga que gosto de ver morrerem os meus soldados? Acha que não me abato com a contemplação dos soffrimentos horriveis provocados pela guerra? Pensa que não me toca profundamente na alma o spectaculo doloroso dos hospitaes de sangue, cheios de heróes feridos e ás portas da morte, victimas de uma luta fratricida? Isso tudo bem que me tortura e da maneira mais cruel.”

Quinta-feira, 11 de Agosto

Hoje, pela manhã, estive na Chefatura de Policia Militar, para ver se obtinha um salvo conducto afim de visitar as forças dictatoriaes do flanco direito, comman-

dadas pelo coronel Daltro Filho. Não queria mais estar forçando a passagem: a vigilancia, na linha ferrea, era muito grande e não valia a pena gastar tempo sem resultado.

Encontrei o coronel Avila Lins mais disposto a attender aos meus desejos, já manifestados em Barra Mansa. Disse-me, porém, que não se responsabilizaria pela minha vida, que não teria culpa alguma “se uma bala perdida me atravessasse o corpo.”

— Está bem — concordo.

E elle, então, redige o seguinte, em papel timbrado da Chefatura:

“Forças em Operações —
Chefatura de Policia Militar — Salvo conducto
— Tem livre transito o sr. Arnon de Mello, redactor dos “Diarios Associados”, até Itatiaya. Dahi por deante, só o consentimento do commandante permittirá, ficando resalvada a sua responsabilidade, se qualquer accidente interromper a sua marcha para a frente. Este salvo conducto só tem valor para uma visita.

Cel. Avila Lins — Chefe de Policia Militar.”

De posse deste salvo-conducto, estou prompto para viajar, só á espera de conducção, quando, cerca de meio dia, o coronel Abreu Araujo me chama na sala do Hotel dos Viajantes. Está com o coronel Daltro, que aqui chegou pela manhã. Depois da quéda, hontem, de Queluz,

a linha dictatorial teve de modificar-se e elle veio, naturalmente, falar sobre o assumpto com o general Góes Monteiro.

O coronel Abreu apresenta-me ao commandante do 3º R. I. e eu logo sou convidado a fazer uma visita ao flanco direito governista. Coincidencia. Precisamente hoje, quando o coronel Avila Lins consente, emfim, que eu vá a Itatiaya, o coronel Daltro Filho apparece pela primeira vez na séde do Q. G. e me convida a ir muito além, a ir até Queluz. Eu seria, desta forma, o primeiro jornalista a visitar a cidade desoccupada pelos constitucionalistas.

Acceito, de bom grado, o convite, dentro em pouco tomamos, com os capitães Ségadas e Corrêa Lima, do Estado Maior do Destacamento, o trem especial, encarregado de conduzir-nos até Engenheiro Passos, onde o coronel Daltro tem actualmente o seu P. C.. Pelo caminho, conversamos muito. Conversamos primeiro sobre cousas internacionaes. O capitão Ségadas lê um telegramma a respeito da concentração das tropas de assalto dos "nazis" nos arredores de Berlim e commenta a politica de Hitler. De Hitler, vamos a Mussolini, de Mussolini a Staline, Trotsky, Lenine e, por fim, a Getulio Vargas. Entramos, então, pelo Brasil a dentro. E o coronel Daltro lembra, em meio a palestra, esta contradicção do regime capitalista, que aqui se verifica:

— Vivemos na miseria, dentro da riqueza. Ha fome,

ao mesmo tempo que ha café de mais para ser jogado ao mar.

Falamos, a seguir, das operações militares e eu pergunto ao coronel Daltro quantos homens, ao seu ver, teem os paulistas na frente de Queluz.

— Nunca lutei contra menos de mil homens — responde-me elle.

A conversa estava neste pé, quando chegamos a Engenheiro Passos. Ahi, sabemos que, num trecho da estrada, mais adiante, os trilhos estão quasi soltos e não agucntam o peso da nossa machina. Temos, portanto, de esperar. Esperamos. E ainda estamos esperando quando pára na Estação o carro da Chefatura de Policia Militar. Aqui, a chegada de qualquer pessoa de fóra é uma festa. Todos os olhos se voltam para ella a ver quem é e quem não é. Não quero fugir á regra e lá vou vêr quem vem no carro, deixando, assim, o P. C. do coronel Daltro, installado em dous wagons, na outra banda da Estação. Olho e vejo: além do coronel Avila Lins, o sr. Silvestre Pericles de Góes Monteiro, auditor de guerra; o capitão Daemon, novo prefeito militar de Queluz; o capitão Rodolpho, os srs. Luiz Aranha e Waldemar Corrêa, e um major e um tenente, de cujos nomes não me recordo.

Os viajantes são informados da situação da linha ferrea.

— Mas o meu carro é leve e póde passar — arrisca o coronel Avila Lins.

— Pois, então, experimente — concorda o coronel Daltro Filho, que já está ao lado.

E o carrinho larga em demanda de Queluz, levando, além dos passageiros que já citei, mais um, que é quem está escrevendo estas linhas.

Engenheiro Passos. Salto. Ponte do Salto. Engenheiro Bianor. Queluz. Doze kilometros de corrida, durante os quaes vamos surprehendendo aspectos pittorescos e dolorosos da guerra actual. Vamos encontrando sempre pelo caminho soldados carregando fuzis e animaes carregando metralhadoras. Encontramos até, no meio da linha, um trolley preguiçoso, carregando, no seu andar de tartaruga, farinha para as tropas e alfafa para os cavallos. Este trolley rouba-nos alguns minutos, porque temos de esperar que elle saia dos trilhos afim de passarmos na frente, não sei se para mostrar-lhe como se anda ligeiro.

Pelos morros que sempre circumdam a ferrovia, trincheiras e abrigos, onde o soldado se resguarda contra a intransigencia dos estilhaços e das balas. De vez em quando, trazido pelo vento, um cheiro nauseabundo de carne humana em putrefacção.

— São cadaveres insepultos — informam-me.

Na estação de Bianor, onde fazemos uma parada, um grupo de soldados deitados e sentados. Alguem pergunta-lhes:

— Por que os senhores estão ahi?

— A nossa companhia avançou muito — responde

um delles — e nós, não podendo acompanhá-la, ficamos esperando condução.

Já passava das 17 horas quando chegamos a Queluz. Desci do carro, creio que antes de qualquer outro passageiro. Impressão desoladora. Todas as casas fechadas, sem ninguém. A população em peso deixara a cidade, que é, de todas as que estiveram ocupadas pelos revolucionarios, a mais adeantada, com predios elegantes, luz electrica, telephone, ruas alinhadas. Pelas paredes das casas, cartazes de propaganda:

— “Mobilização civil. Alistae-vos nas forças constitucionalistas para que o Brasil entre no regime da lei.”

A um canto de rua, solta, misturada com a areia, uma photographia de tres praças com os seguintes dizeres a lapis: “Lembrança dos rebeldes”.

Fui caminhando e apanhando tudo quanto ia encontrando pelo chão. Li, talvez sem querer, varias cartas intimas e uma que era um hymno de exaltação, de uma senhora a dois filhos pertencentes ao “Batalhão Piratininga”, constituído de elementos da mais fina sociedade paulista. Junto de uma dessas cartas, achei um retrato de João Pessôa, recortado de uma revista carioca. Outra, vi a citação destas palavras: “Mulher paulista não chora”.

De tudo quanto li, deprehendo que as mulheres bandeirantes estão, realmente, integradas no movimento constitucionalista. Ellas se tornaram mesmo as maiores animadoras dos soldados. E’ a mãe que manda

o seu filho para a trincheira. E' a esposa que aconselha o marido a permanecer na linha de frente. E' a noiva que pede ao noivo para tudo fazer pela victoria. E' a irmã que exalta a coragem do irmão e o anima para novos rasgos de bravura. E' a mulher, enfim, que quer, de qualquer forma, prestar serviços a S. Paulo, visando o bem do Brasil.

Eu estou assim, naturalmente, calmo, dentro dos meus pensamentos e da minha curiosidade, quando ouço estampidos e gritos de fogo! fogo! Que será? Ponho as minhas vistas na direcção dos estampidos e dos gritos. E vejo uma casa que se está incendiando e ameaçando as outras. Aproximo-me. A casa violentada pelo fogo é a Casa Merino. Pergunto a um soldado o que havia dentro della.

— Foguetes e bombas.

Um capitão assume o commando dos soldados presentes e transforma-os em bombeiros. Os soldados sobem aos telhados vizinhos, arrombam portas e tiram moveis e mercadorias dos predios, procurando isolal-os da furia das chammas, que continuam intensas e aggressivas. E os estampidos proseguem, como gritos de protesto contra a invasão de que a cidade está sendo victima.

Já se tem certeza, no entanto, que o fogo não possui folego bastante para attingir os demais predios. O soldado, a quem eu perguntei o que se encontrava na Casa Merino, está novamente perto de mim. Soldado razo, não; olho-lhe o braço esquerdo e vejo que elle é cabo. Fala-me

de qualquer cousa e depois, com os olhos fitos no incendio, lamenta a sua extincção:

— Nós aqui estamos sem luz electrica. O incendio veio naturalmente render ao sol e esquentar um pouco a temperatura fria da noite. Para que acabar, assim, com um tão bom amigo nosso?

Deixo o incendio e vou andar por outros lados. Entro em uma casa aberta. Uma mesa, um piano, cadeiras, varios colchões espalhados pelo chão, papeis rasgados, garrafas vazias, pratos, etc. A' porta, alguns avisos, que eu só á saída leio:

“E' prohibida a entrada a pessoas estranhas ao serviço.”

— Parece que era aqui o Correio Militar — diz um sargento que me acompanha.

— Já alguém entrou nesta casa depois da retirada dos paulistas?

— Não, senhor. Houve ordem superior neste sentido.

Saindo da casa, dirijo-me a uma pracinha que fica á esquina da rua. Já é noite. Uns soldados se deitam pelo chão, outros estão de pé e outros se sentam nas calçadas.

Quando me approximo, um delles vem ao meu encontro:

— O senhor chegou do Rio?

Respondo-lhe que sim, e não minto, porque, effectivamente, ainda ha poucos dias lá estive.

— Então, o senhor podia dizer-me o resultado das

Olympiadas de Los Angeles. Que tal a acção dos brasileiros?

Informo-o de que perdemos.

— Até no water-polo? — indaga, ansioso, o soldado.

— Pois não.

— Mas não é possível! Não era no water-polo que estavam mais fortes? Como, pois, os brasileiros perderam?

O sr. Luiz Aranha, que se achava perto, chega-se até nós e assegura ao soldado incredulo que perdemos mesmo, tanto para os norte-americanos como para os alle-mães.

Olho a physionomia do soldado. E' de grande tristeza.

— Mas não é possível! Então, os brasileiros perderam? — fala ainda, ao deixar-nos.

Sexta-feira, 12 de Agosto

Procurei, hoje, á tarde, no Q. G., o general Góes Monteiro. Elle me falara do telegramma que dirigira ao sr. Arthur Bernardes, interrogando-o sobre a authenticidade do manifesto que eu lhe trouxera. Desejava, pois, saber se o chefe mineiro já lhe havia respondido.

O general pede ao tenente Celso de Oliveira Lobo para ir buscar a resposta do sr. Bernardes. O tenente sae e, dentro em pouco, traz um telegramma. O general

pega-o, colloca os oculos e lê para eu ouvir mais ou menos o seguinte:

“Viçosa, 11 — General Góes Monteiro. Rezende — Manifesto authenticico. Retardei o mais possivel a sua publicação afim de nos entendermos. Certo, este entendimento não poderia ser feito por carta nem telegramma, uma vez que ha censura para a correspondencia do commandante das forças dictatoriaes. Em vista disso e não devendo, nem podendo retardar mais o meu pronunciamiento, resolvi divulgal-o aqui, em Bello Horizonte e no Rio, dando, assim, uma satisfação moral á população mineira, que é quase toda constitucionalista. Movimento paulista não é nem reaccionario nem separatista. Não visa, o que seria impossivel, a volta do paiz ao regime derrubado pela Revolução de 1930, nem objectiva o desmembramento da Patria. O meu manifesto não annulla a minha carta em resposta á que me dirigiu. Estou animado do mesmo espirito de pacificação, desde quando esta seja possivel, mas não quero que se julgue a minha intervenção como oriunda de interesses subalternos ou pessoas. Não ha mesmo nenhum brasileiro que não deseje para a sua Patria dias melhores do que ella tem vivido e está vivendo, mesmo com o regime instituido pelo movimento de outubro — *Arthur Bernardes.*”

— “Na carta que me dirigiu — esclarece, em seguida, o general — o sr. Arthur Bernardes diz, entre outras cousas, que acompanha com satisfação as “demarches” em-

prehendidas pelo dr. Wencesláo Braz afim de ver se encontra uma formula accetivel, que ponha tempo á luta.”

E, depois de mandar guardar o telegramma do chefe do P. R. M.:

— “Estamos jogando uma partida. Tanto o Governo pode ganhar, como perder. Empatar é que, já neste momento, não é mais possivel. Toda paz que se fizer agora será ou a paz da victoria ou a paz da derrota. Dahi, não ha fugir.”

Um soldado aproxima-se, com uma garrafa de agua mineral. O general não tem passado bem do estomago. Diz-me isso e volta a falar sobre a pacificação:

— “Observa-se, entre os meus officiaes, um facto interessante. A maioria já não quer a paz por entendimento. Prefere conseguil-a pela força das armas, achando talvez que ella será assim mais duradoura. O drama horrivel que estamos vivendo, os brasileiros matando-se uns aos outros, o nosso sangue derramado lastimavelmente, o Brasil esgotando-se, é que dá margem a esse estado de animo. Tambem tenho a impressão de que os officiaes sejam, neste ponto, influenciados pelos soldados, nos quaes deposito toda confiança. Chego mesmo a garantir que um official, que deseje fazer a paz á minha revelia, não contará com o seu apoio.”

Pergunto agora ao general se é exacta a noticia corrente do seu pedido de demissão do commando do Exército de Léste. Elle puxa uma bolsa de mão, que está ao lado, e tira de dentro um papel:

— “Está aqui. E’ a copia da carta que dirigi no dia 5 ao dr. Getulio, pedindo para dar-me um substituto. Elle, porém, não me quiz attender.”

— E quaes os motivos da sua attitude?

— “Divergencias com o general Tasso Fragoso que, na chefia do Estado Maior do Exercito, está tolhendo a minha liberdade de acção.”

*

* *

Na visita que fiz hontem ao destacamento do flanco direito, soube da morte do bravo capitão Manoel de Freitas Novaes. Ao chegarmos a Engenheiro Passos, já encontramos as tres unicas pessôas que ficaram em Queluz, com a retirada dos paulistas: um portuguez e sua senhora e um preto que servia na estação da Estrada de Ferro. Foi o preto quem contou o facto, na minha presença, ao coronel Daltro Filho.

— Era necessario virar uma agulha da linha ferrea, entre Engenheiro Bianor e Queluz, parece que para dar passagem a um trem blindado. As forças dictatorias já dominavam a região, de modo a varrer a metralhadora um bom pedaço da estrada. Um tenente, indicado para a missão, mostrou-se receioso. Foi quando o capitão Novaes falou, irritado:

— Vocês são uns covardes. Pois vou eu.

E lá foi, sozinho, virar a agulha. Alguns metros

adiante, encontrou o capitão um sargento e um cabo, que vinham em sentido contrario:

— Capitão — disse o sargento — não ha nada em Engenheiro Bainor. Vim de lá agora mesmo.

— Eu não disse que não havia razão para medo? — frizou o official. Pois voltemos lá, sargento.

Os tres foram, então, andando juntos. E mais adiante, o sargento, empunhando uma pistola, faz ver ao capitão:

— Capitão, eu não sou das suas forças. O senhor está preso!

O capitão Novaes fica devéras surprehendido e exalta-se, como se tivesse perdido a cabeça:

— Sargento canalha, você me enganou!

E avança para o sargento, que, em resposta, lhe dá tres tiros. Dá o primeiro, dá o segundo e, ao dar o terceiro, ouve a sua voz:

— Não atire mais que eu já estou morto.

O sargento e o cabo correm, então. Com os tiros, uma patrulha paulista, que estava por perto, dirige-se ao local. Encontrando o capitão ainda com vida, arranja um trolley e o leva para Queluz. Lá é o preto quem o recebe. E ao olhar para elle, sustentando-lhe a cabeça, grita, espantado:

— Chi! O home tá grelando os óio!

— Cale a boca, preto — diz, já agonizante, o capitão

Novaes. Morro, mas morro satisfeito, porque morro por S. Paulo.

Quando o preto terminou de contar a parte do facto que conhecia, o coronel Daltro fez-lhe algumas perguntas sobre a situação dos paulistas, seus effectivos, os rumos que tomaram, sua disposição de animo. O preto respondia a tudo como lhe era possivel. E o coronel indaga, por fim, de que maneira elle conseguira ficar em Queluz.

— Foi simples. Na manhã do dia em que elles deixaram a cidade, um major veio a mim e disse que eu arumasse as cousas, pois deveriamos partir á tarde. Sabedor disso e não querendo acompanhal-os, porque desejava ver minha mãe que ficou aqui, em Engenheiro Passos, eu me metti no matto. E, quando os tiros cessaram, appareci nas ruas, já occupadas pelas forças do Governo.

O coronel Daltro olha-o e diz:

— Preto, toma cuidado! Se tu estiveres me vendendo, eu mando fuzilar-te!

A morte do capitão Manoel de Freitas Novaes, cujo corpo transportaram para Cruzeiro, onde reside sua familia, e ali o sepultaram, foi bastante sentida nos meios governistas. O capitão Daemon, seu collega de turma, lamentando a occorrença, falava delle com a maior sympathia. As suas qualidades de bravura e de caracter não deixaram de ser exaltadas durante a nossa viagem.

O major Zenóbio, a cujo destacamento pertencia o sargento que atirou no capitão, foi quem nos deu, em

Queluz, as informações que completam a narrativa do preto.

Sabbado, 13 de Agosto

Acordo com um barulho tremendo. Accendo a luz e olho o relógio. Uma e meia da madrugada. Um ruído de avião está furando os ares e a violencia de uma explosão faz tremer Rezende inteira. A explosão se repete algumas vezes e o rumor do avião vae pouco a pouco se distanciando. Que será? Abrindo a janella do meu quarto, que dá para a rua Nilo Peçanha, vejo passarem, em direcção ao Q. G., os capitães Frederico Buys e Pulcherio Serra, além de outros officiaes que não reconheço. No corredor do Hotel, tambem ouço passos apressados, de um para outro lado, e interrogações que não variam:

— Que teria acontecido?

Metto-me dentro de minha capa e deixo o quarto. Na sala, encontro, entre outras pessoas, o coronel Moreira Lima, o major Maurillo Alves e o capitão Ricardo Hall. Ninguem sabe ainda ao certo o que occorreu. Uns acham que houve explosão de algum deposito de munições. Outros acreditam que Rezende foi bombardeada pela aviação paulista.

Saio á rua. Faz uma noite maravilhosa. O céu está limpo, sem nuvens. A lua mostra-se em toda a sua plenitude.

Na pracinha da Estação, aqui e ali, grupos de militares e paizanos. Chego-me a um delles. Um rapaz moreno é quem fala:

— Eu vi. O avião passou a uma altura de cerca de quatrocentos metros. Não chegou até á Estação. E deve ter deixado cair as bombas para o lado de lá.

— Bem — accentúa um militar. Neste caso, elle não visava nem o Q. G., nem o campo de aviação.

— Talvez visasse a ponte — atalha outro.

O official chama, então, um soldado e manda-o verificar se a ponte que liga as duas partes da cidade não fôra destruida.

O rapaz moreno continúa com a palavra e friza, quando não ha mais militares na roda:

— Eu não lhe disse, João? Confirmou-se o que eu lhe disse. Quem me informou foi pessoa de confiança. Os paulistas teem muita aviação. Compraram até não sei quantos aparelhos á Argentina.

Aproximo-me de outro grupo, todo de officiaes. O capitão Affonso de Carvalho está indignado com a coragem dos aviadores paulistas:

— Tambem elles fazem isso porque nós não tomamos precauções. Parece que eu adivinhava. Ha muito tempo que vinha falando de uma surpresa desse genero, a que estariamos sujeitos. Mas é isso. Não tomam providencias!

A pracinha apresenta, assim, um aspecto animado. Grupos e mais grupos. Officiaes aborrecidos com o ataque que, de qualquer maneira, vem abter moralmente o

Governo. Officiaes criticando a aviação dictatorial, que devia estar a postos numa hora destas. Officiaes indifferentes, que nem se zangam, nem criticam ninguem.

Um capitão, que volta do Q. G. e a quem pergunto se não sabe nada sobre o verdadeiro local onde caíram as bombas, conta-me o seguinte:

— Alguns officiaes, logo que ouviram a explosão, foram ter ao Quartel General para saber o que acontecera. Lá, no carro salão, ficaram falando, commentando o facto. Esperava-se a volta do avião ou a chegada de outro e acreditava-se que os aviadores paulistas queriam visar o Q. G.. O general Góes já estava recolhido á sua cabine. O coronel Pantaleão Pessoa foi, então, avisal-o disso. E, ao voltar, transmittia-nos o seguinte recado do general:

— “Diga a esses rapazes que não conversem muito alto. Estou bastante cansado e preciso dormir.”

A's 2 horas, o movimento da praça já se acha muito diminuido. Teme-se um novo ataque, mas ninguem quer ficar acordado, ao ar livre, esperando por elle. As luzes da cidade, por medida de precaução, teem ordem para descansar, para dormir. Recolho-me tambem ao Hotel. E, de manhã, procuro logo inteirar-me do occorrido. Sei, então, da verdade: as bombas, em numero de doze, foram jogadas em duas salvas e caíram na fazenda do sr. Oliveira Botelho, ex-Ministro da Fazenda do sr. Washington Luis, a qual serviu por algum tempo de campo de

aviação do Governo. Era intenção dos paulistas, portanto, destruir os aviões dictatoriaes. Das doze bombas, onze explodiram. Uma somente deixou de rebentar por ter caído num pantano. O general Góes mandou retirá-la cuidadosamente dahi e atiral-a no rio Parahyba. Quanto ao novo bombardeio, não houve.

Vou, ás 9 horas, á fazenda do sr. Oliveira Botelho, com o capitão Pulcherio Serra, no auto da policia militar. E verifico que não foram grandes os estragos causados pelo ataque paulista. No terreno, apenas pequenos buracos, que uma chusma de garotos cava mais e mais, á cata de estilhaços.

Ao voltar do campo, encontro, no Hotel, o tenente Alberto Bittencourt, ajudante de ordens do general Gócs Monteiro.

— As bombas jogadas -- informa-me elle -- foram de quatorze kilos.

— E quem teria sido o aviador?

— Acho que foi o Orsini (6). Elle é um dos nossos pilotos que melhor vôam á noite. Aliás, nós já esperavamos essa proeza sua. Tanto que, ainda esta semana, o Mello, que é seu rival, dizia:

— “O Orsini não deixará de fazer um vôo nocturno.

(6) O aviador que voou sobre Rezende foi o tenente João Gomes Filho. O tenente Orsini Curiolando, ao chegar a S. Paulo, depois de iniciado o movimento, teve a incumbencia de ir ao Chile comprar aviões para os revolucionarios.

até Rezende. Mas eu quero ver se, antes d'elle, irei, á noite, até Cachoeira.”

*
* *

De vez em quando, apparece por aqui uma figura graúda da ala extremista. Essas visitas causam aborrecimentos á maioria dos officiaes, que as interpretam como acto de desconfiança para com o general Góes.

Hoje, aqui estive, acompanhado do sr. Virgílio de Mello Franco, o capitão João Alberto. Commentario de um official que o viu sair do Hotel Alliança, onde almoçou com o general:

— Esse João Alberto anda mais pelo nosso sector do que pelo d'elle, que é Paraty.

E, com um gesto de maior desprezo:

— Parece estar esquecido de que, ao falar-se no seu nome para commandar, com o general Góes, o Exército de Léste, varios officiaes se declararam dispostos a não combater sob a sua direcção.

Domingo, 14 de Agosto

Os paulistas estão desenvolvendo uma forte offensiva, a primeira que realisam neste sector. O vôo nocturno a Rezende foi o inicio. Durante o dia inteiro, apesar de

ser domingo, dia consagrado ao descanso pela Igreja e pouco respeitado pela humanidade, os soldados, os fuzis, as metralhadoras e os canhões trabalharam incessantemente. Todos os destacamentos dictatoriaes, o do coronel Collatino Marques, o do coronel Guedes Fontoura e o do coronel Daltro Filho, receberam fogo cerrado dos revolucionarios, que tiveram a sua acção efficazmente apoiada pela aviação. As posições governistas foram, assim, bem castigadas, attingindo o bombardeio aereo de hontem o P. C. do coronel Collatino e o 4º Batalhão da Brigada Militar Gaúcha, que perdeu dois homens e teve outros feridos.

Em consequencia dessa offensiva, os paulistas avançaram na região de Silveiras e chegaram até muito perto de Queluz, que, segundo um communicado official lido pelo radio, não occuparam novamente por não lhes offerecer importancia estratégica.

Esses successos tiveram aqui grande repercussão, provocando certas apreensões. Elles demonstraram, além de tudo, que S. Paulo possui aviação, facto este sempre negado pelo Governo.

A' tarde, em conversa com o capitão Othelo Franco, falei-lhe sobre a aviação paulista, que a todos surpreendeu pelo seu arrojo, e elle me disse:

— O general Góes declarou-me ter informações de que os paulistas compraram varios aparelhos na Argentina.

A offensiva de hontem dos revolucionarios e a de-

monstração da força da sua aviação levaram as tropas do Governo a tomarem varias medidas de precaução. Uma dellas foi a transferencia do Q. G. do comboio em que se encontrava, na estação, para o predio do Grupo Escolar da Cidade. Do Rio, vieram tambem alguns holophotes para o campo de aviação. Esses holophotes, julgados indispensaveis á defesa da séde do alto commando do Exercito de Léste, foram hoje mesmo, á noite, experimentados, tendo um avião, para isso, voado sobre Rezende, precisamente ao terminar a sessão do cinema. Eu vinha, a essa hora, pela ponte da cidade, com o major Maurillo Alves e o capitão Cavalcanti, quando um soldado, muito nervoso e agitado, passou por junto de nós e disse:

— Avião inimigo! Convem abrigarem-se!

Risos. E o soldado soube, então, da verdade, por um camarada seu que ia ao lado.

Ha ainda ordem do Q. G. para que se apaguem as luzes á aproximação de qualquer ruido de avião. Hontem mesmo, á noite, cerca das 21 horas, Rezende esteve ás escuras durante 5 ou 10 minutos, em virtude de haver o E. M. recebido communição de que passara pelas linhas da frente um avião adversario. Esse avião, porém, não chegou até aqui.

Hoje, depois de ouvir o radio, saí com o major Estillac Leal. Commentavamos as noticias que o "radio-jornal" havia transmittido, entre as quaes a da prisão do

tenente Souza Aguiar. E o major me informa, alludindo á offensiva desenvolvida pelos paulistas:

— Elles fortificaram as linhas de frente neste sector com o regimento de Castro, que foi reconstituído.

*

* *

Appareço diariamente na Chefatura de Policia Militar. Quero saber novidades e o coronel Avila Lins é um dos meus melhores informantes. Hoje, estive lá e elle contou-me este episodio, verificado em S. Paulo, quando a 2ª Região Militar estava sob seu commando interino:

— O dr. Pedro de Toledo era quem governava S. Paulo. Eu substitua o general Góes Monteiro, que tinha ido ao Rio. A frente unica não havia feito ainda accordo com o Interventor. Uma noite, passei mal, pensando em qualquer cousa que não sabia definir. Pela manhã, estou no quartel, quando entra um official meu amigo.

— Sabe, coronel, que o senhor quase era hontem Interventor?

“E explica: alguns politicos haviam resolvido, numa reunião, realizada á noite, depôr immediatamente o sr. Pedro de Toledo e convidar-me a assumir o Governo. Mas, depois, deliberaram adiar a realisação da idéa, esperando que o Interventor fizesse o secretariado de conformidade com os anseios do povo paulista. Como vê,

desde aquelle tempo, o ambiente em S. Paulo era fervente, agitado.

Uma nova passagem, narrada pelo coronel Avila Lins, que mostra o estado de animo em que se achava S. Paulo, sob o relho da Dictadura:

— O povo estava tão irritado, que os occupantes dos Campos Elyseos não tinham socego. Pregava-se abertamente a Revolução e se esperava a qualquer instante a explosão de um movimento. Ainda no commando interino da Região, recebi do Palacio do Governo, certa manhã, um telephonema. Era o interventor quem falava. Queria saber a significação dos tiros successivos que ouvia naquelle momento. Lembrei-lhe de que estavamos num sabado de Alleluia e tranquillizei-o, dando-lhe esse esclarecimento, que era, aliás, verdadeiro.

*

* *

Tive oportunidade de conversar com um voluntario das forças constitucionalistas, preso e ligeiramente ferido, na região de Queluz. Elle se mostrava confiante na victoria, mas me falava com moderação. Disse-me do entusiasmo reinante nas cidades paulistas e do animo combativo das tropas. E referindo-se, depois, aos soldados das Policias nortistas que os combatem, frizou:

— Esses homens são uns inconscientes ou inconsci-

entes os que os commandam. Avançam para morrer de verdade. Avançam desprotegidos, perfeitamente ao alcance das nossas metralhadoras, como se as nossas balas nada representassem para elles. Avança uma linha e quase toda elle é abatida por consecutivas rajadas. O mesmo se dá com outra e mais outra e mais outra. Porque terminamos acabando a munição, tomam-nos as posições, mas á custa de muitas e muitas vidas. São homens desta forma que procuram a morte, que, por assim dizer, pedem, encarecidamente, que os matem. São carne facil para as nossas armas. E que pena esse sangue frio todo tão mal aproveitado!

Segunda-feira, 15 de Agosto

O general Góes Monteiro, com o tenente-coronel Pantaleão Pessôa, o major Paquet e o tenente Celso Lobo, faz as suas refeições numa mesa reservada do Hotel Alliança, onde, desde alguns dias, estou hospedado.

Hoje, depois do almoço, encontrei-o sozinho, na porta. Saimos juntos. Elle se dirigia para o Q. G., mas antes passou pelo Hotel dos Viajantes. E ao chegar ao Hotel, onde se achavam o coronel Moreira Lima e o major Estillac Leal, recommçou as suas considerações sobre o assumpto de que me falava — a incapacidade dos politicos para o Governo:

— “Nós aqui estamos nos matando por causa dos políticos. Elles preparam a guerra, mas não morrem. Arranjam, quando muito, plutocratas que a custeiam confi-antes nas suas promessas sempre indecorosas. E ficam, finalmente, de fóra, sem se importarem com a nossa sorte. Absurdo! E’ uma situação que vem se eternizando e que não deve durar muito.”

O general está de pé, andando de um lado para outro. O major Estillac acha-se tambem de pé, junto á porta. O coronel Moreira Lima e eu estamos sentados. O commandante do Exercito de Léste pára agora, deante de nós dois, e declara, num gesto energico:

— “A continuar assim, se os politicos se mostram incapazes de dirigir o paiz, como têm dado provas durante quarenta e tantos annos, levando-nos a perder o nosso sangue e sacrificando o paiz, só, ao meu ver, o remedio extremo da dictadura militar, talvez de caracter fascista, adaptada ás condições do nosso meio, fará melhorar a nossa situação. Como acontece no Japão e em Portugal. Porque o Brasil o que precisa é de um governo forte, que imponha respeito e possa acabar com os politicos ambiciosos, os quaes, para alcançar o poder, estão dispostos a fazer tudo, a lançar mão de todos os meios. Com uma dictadura militar forte, organizaríamos um grande Exercito e instituiríamos de vez o verdadeiro nacionalismo. Dariamos fim tambem ás grandes fortunas, aos plutocratas, que sempre ficam a serviço dos aventureiros. Já tivemos uma Revolução politica e não é de admirar que

tenhamos agora uma Revolução social. Creio que, desta maneira, assegurariamos mais ordem e mais tranquillidade á Nação, cuja vida e cujo progresso já não soffreriam esses abalos e sobresaltos funestos a que temos assistido.”

O general, depois de dizer isso, numa voz firme e revoltada, continúa a andar de um lado para outro, sem, no entanto, deixar de falar:

— “Isso seria muito melhor do que o que está acontecendo. Em vez de morrerem milhares de brasileiros, como se verifica actualmente, morreria apenas um punhado de mãos brasileiros. E esta idéa é, no momento, de facil realização, porque estamos em pé de guerra e todos, portanto, de sangue quente.”

— Realmente, o momento é propicio — intervem o major Estillac.

— “Mas para que mesmo continuarmos a lutar? — prosegue o commandante do Exercito de Leste. Se, tanto do lado de cá, como do lado de lá, somos brasileiros, se, tanto do lado de cá, como do lado de lá, somos Exercito, para que sustentarmos, por mais tempo, esta luta ingloria, em favor dos politicos e em prejuizo do paiz?”

E, com um riso nos labios, a espantar a severidade anterior de sua physionomia:

— “Eu estou doido para que haja uma “bagunça” no Rio, porque, assim, faremos isso com mais vigor.”

— Mas era necessario, antes de tudo, que todos nos unissemos, todos quantos tivessem armas e fossem capazes de brigar — aparteia, de novo, o major Estillac.

— “Sim. Nós todos nos uniremos” — redargue o general.

E, falando para mim:

— “Vocês vão ver. Erraram o passo. O Exercito não serve para alimentar odios de quem quer que seja, nem póde estar sendo dividido de vez em quando, mercê do trabalho destruidor da politicagem. Hão de ver que não estamos mesmo mais dispostos a nos matarmos, servindo ao interesse dos politicos amantes do mando.”

O coronel Moreira Lima apoia as idéas do general e accentúa:

— Claro. Os politicos sempre são iguaes. E carcomido tanto ha do lado de lá, como do lado de cá.

— Pois não — concordam o general e o major.

O assumpto morre com o “pois não”. E já agora se trata do avanço das forças dictatoriaes. O coronel Moreira Lima manda buscar um mappa. O general olha-o:

— Dentro de pouco tempo, os nossos canhões estarão attingindo Cruzeiro.

Trata-se, a seguir, de munições. E o major Estillac, com o seu espirito *blagueur*:

— Está ahi um dos beneficios desta revolução. Faz-nos gastar a munição velha que o Exercito possui, o que quer dizer que vamos ter nova e melhor.

*

* *

O capitão Corrêa Lima, do Estado Maior do coronel Daltro Filho, contou-me, quando eu estive em Engenheiro Passos, varios factos interessantes por elle presenciados no decorrer do actual movimento armado. Falou-me dum aspirante morto, em cujos bolsos haviam sido encontradas cartas da noiva bem commoventes. Alludiu ao capitão Caixeiro, que tentara um envolvimento das forças do coronel Daltro precisamente quando os de cá procuravam fazer o mesmo. E narrou-me, por fim, o seguinte:

— Um nosso official foi incumbido de um largo reconhecimento, acompanhado de alguns soldados. A sua missão era arriscada, porque se sabia que os paulistas estavam por perto. E, de facto, elle não tardou em avistar, no caminho, uma trincheira. Corajoso e confiante, aproximou-se muito e verificou, então, com surpresa, que o numero de soldados ali existentes era maior do que o seu. Vendo, porém, que não podia mais afastar-se sem correr perigo, apesar de ainda não ter sido visto, recobrou seu sangue frio para, falando alto e com decisão, intimar o tenente que commandava os soldados adversarios a render-se: era inutil qualquer resistencia — accentuou — uma vez que dispunha, bem perto dali, de mais de cem homens, os quaes avançariam immediatamente, dado um signal combinado. O tenente, com uma physionomia serena e grave, pensou, reflectiu, e, por fim, resolveu entregar-se com os seus homens. Desarmados, o

official trouxe-os todos para o P. C. do commandante do Destacamento, onde o tenente veio a perceber o "truc". E quase enlouqueceu:

— Matem-me, por favor! — gritava elle, exaltadissimo, uma pilha de nervos. — Matem-me que eu não sou digno de viver mais! Entreguei-me miseravelmente com quarenta soldados, sem que nem pra que! Matem-me!

Terça-feira, 16 de Agosto

Mais uma vez infringi as ordens da Policia de campanha, indo, sem salvo conducto, até o Morro da Lapa, onde, no momento, se trava a luta entre as primeiras linhas do flanco esquerdo governista e as do flanco direito revolucionario.

A viagem foi feita de automovel, com ligeiras paradas pelo caminho. Paramos no Club dos Duzentos, que visitamos em alguns minutos. Paramos em S. José do Barreiro, muito manso, muito calmo, muito triste, com o capitão Paraguassú, poucos soldados, varias ruas e o seu cemiterio impiedosamente rasgado pelas granadas dictatoriaes. Paramos no rio Sant'Anna, cuja ponte, victima da dynamite, está sendo medicada por quatro ou cinco technicos da pá e do tijolo.

Mais adiante, numa elevação do terreno, o "chauffeur", que conhece bem a zona, mostra-me uma "camou-

flage" (7) feita pelos paulistas. Olho-a e ouço, quase ao mesmo tempo, um barulho de motor. Encaro o céu. São seis aviões que furam as nuvens, a uma altura immensa.

— Nossos! — grita, tranquillizando a todos, um soldado que está na estrada.

O automovel vae agora vencendo as distancias, numa impassibilidade revoltante, indifferente por completo ás notas de belleza que, pelo caminho, frequentemente lisongeiam e encantam as nossas vistas. E, até Arêas, não se detem mais, como era de esperar, nem mesmo deante do Morro Frio, onde já se lutou muito e de onde se divisa um panorama simplesmente maravilhoso, em que a Natureza parece ter empregado todo o poder do seu genio artistico.

A "Texaco", porém, está ali, mais á frente, annunciando as proximidades de Arêas, que não nos deixará passar sem uma demora de continencia á autoridade do capitão João Palmeira, prefeito militar. E, de facto, dentro de alguns minutos, estamos parados na cidade, de frente do edificio da Cadeia Publica, improvisado em Prefeitura. O capitão não está, mas chega logo depois, com dois officiaes. Apresentações. Troca de amabilidades. Pedidos de noticias. Offereço-lhe um numero do "Diario da Noite", dos muitos que trago para distribuir aos soldados do "front". O grupo já está, então, mais

(7) — Cobertura de matto para occultar as peças de artilharia das vistas dos aviadores.

crescido. Noto, em meio aos militares, um tanto afastados, dois paizanos, que logo me despertam a curiosidade. Pergunto de quem se trata. É o tenente Flavio, delegado militar, informa-me:

— São antigos moradores daqui.

— O senhor esteve com os revolucionarios? — indago de um, aproximando-me.

— Estive, sim senhor. Servi mesmo no Correio Militar. Passei ahi tres dias. Certa vez, porém, o capitão encarregado do serviço me disse que eu não dava para o trabalho, porque era muito vagaroso. Respondi-lhe que, na minha vida, só havia entrado em correio para botar cartas. E elle resolveu dispensar-me.

O outro paisano é pharmaceutico. É, mais desembaraçado do que o seu companheiro, conta-me episodios da Revolução:

— Pouco depois de rebentado o movimento, aqui estiveram o dr. Waldemar Ferreira e o coronel Marcondes Salgado. Visitaram a cidade e foram até á minha pharmacia. Disseram-me ahi da animação existente em S. Paulo, falando sempre com o maior enthusiasmo. Pouco depois, tomaram o automovel e se dirigiram para S. José do Barreiro. Quando voltaram já era noite.

— O senhor serviu ás tropas?

— Sim, senhor. Prestei-lhe os meus serviços como pharmaceutico.

— E quando ellas se retiraram daqui?

— No dia 10, de madrugada, tarde da noite, o co



ronel Andrade mandou chamar varios moradores e disse-lhes: — “A cidade talvez seja bombardeada pela manhã. Nós vamos deixal-a. Quem quizer acompanhar-nos, tem conducção”. Todos foram com elles, mas eu e dois outros ficamos por aqui mesmo.

Quando o homem acaba de falar, eu me disponho a deixar Arêas. Não é necessario nem conveniente demorar mais: a exigencia da Policia Militar já está cumprida e o tempo não espera por ninguem. Faço, então, as despedidas. E, ao me dirigir a um official que está mais proximo do edificio da cadeia, vejo, sentada a um canto, ao lado de um tenente muito joven, uma moça, cuja phisionomia é só tristeza e soffrimento.

— E’ esposa delle — diz-me o tenente Flavio. Não ha meio de deixal-o.

E um do grupo friza:

— Ella não quer talvez que o marido combata S. Paulo.

Ouçõ isso e, sem querer, vem-me á lembrança o entusiasmo da mulher bandeirante, que manda seus entes queridos para o fogo do “front”.

— Pois imagine que nem siquer botam luto pelos que morrem! — falava-me, outro dia, um official do 1º R. I.

Já estamos em marcha para a Fazenda S. Domingos, onde o coronel Guedes da Fontoura tem o seu P. C.. A estrada está toda riscada por soldados, caminhões e automoveis que passam, successivamente, de um lado para

outro. E, de vez em quando, surgem ás suas margens barracas pequenas e toscas, onde só se vêem homens de farda. A Revolução deu a este quase deserto muita vida e movimento, que crescem á medida que nos aproximamos da frente. A Fazenda São Domingos apresenta um aspecto de campo de concentração. Caminhões e mais caminhões, cada um mais alto, cobertos por largos pedaços de lona. Soldados e mais soldados, uns animando o ambiente, com as suas pilherias e o seu temperamento alegre, e outros cheios de preocupação, graves e esquivos. O nosso carro penetra na porteira da Fazenda com o salvo conducto da audacia. Entramos. E eu me lembro de jogar alguns jornaes para um grupo de soldados, creio que em agradecimento ao seu respeito pela nossa liberdade de locomoção. Mas para que fiz isso? Foi o bastante. O automovel quase não pôde mais andar. O pessoal, que era muito, cercou-o logo e, faminto de noticias, estava disposto a matar-nos asphyxiados em troca de um numero do "Diario da Noite".

— "Me dá um!"

— "Me dá um!"

Eram as unicas palavras que se ouviam daquelles homens que, com tanta violencia e com tanta decisão, nos atacavam:

— Calma! — gritava o chauffeur, já impaciente.

Mas os soldados só deixaram o carro, quando viram desaparecer o ultimo jornal.

— E jornaes de S. Paulo, nãc têm ahi? — perg un-

to depois, com interesse, como a querer offerta idêntica á que lhes fiz.

— Não senhor — responde-me um rapazelho vivo. Um dia, encontrei um numa trincheira, mas um official tomou-o.

Da Fazenda S. Domingos, sigo, com o tenente Appelt, para o Morro da Lapa, poucos kilometros antes de Silveiras e cerca de quatrocentos metros distante das primeiras linhas de fogo. Desde cêdo que se luta nesta zona. E quando chego, o combate ainda vae bem rude e intenso.

E' pela primeira vez que assisto de tão perto a este espectáculo impressionante. Está anoitecendo, o sol já se esconde e as sombras já se espargem, indefiniveis, sobre a terra. O ronco do 75 se faz ainda mais pavoroso dentro da noite. As metralhadoras, no seu cacarejar irritante, não têm licença para descanso. Os fuzis trabalham tambem incessantemente, mas a sua palavra só se escuta melhor quando se calar, por alguns momentos, os seus companheiros de guerra.

Sou todo ouvidos para essa musica selvagem, — "jazz-band" bravo, junto ao qual a invenção norte-americana é creança de peito. Os sons são geralmente descontrolados e não conhecem as doçuras da harmonia. A voz soturna do canhão, austera e autoritaria, abafa, de vez em quando, ostensivamente, a petulancia das armas de menor calibre. Mas a falta de homogeneidade dos musicos e a indisciplina dos instrumentos terminam formando um conjuncto pitoresco, que nos enche de impressões

fortes. E, ás vezes, mesmo, um ou outro ensaia, na sua linguagem barbara, uma cadencia qualquer, que se ouve com a cumplicidade do silencio de todos e que se assemelha a musicas nossas conhecidas.

— Venha ouvir o “zé-pereira” — diz-me, amavel, o coronel Carneiro da Fontoura, commandante da Brigada Militar Gaúcha, em cujo P. C. de campanha me encontro.

O “zé-pereira” é feito pelo fuzil. E o coronel Fontoura explica-me como elle se faz. O soldado deixa sahir o primeiro tiro e depois mais tres, num sopetão, para, em seguida, apertar novamente o gatilho. Esses movimentos dão em resultado um ruido mais ou menos assim, que eu tento traduzir no alphabeto mas que não garanto pela sua fidelidade: tá-tátátá-tá.

Estamos, o coronel Fontoura, o capitão Sayão, o tenente Appelt, o tenente Alcino Linhares, o tenente Alcides Pereira, eu e outros officiaes do Exercito e da Brigada, numa elevaçãozinha de terreno, de onde ouço e vejo melhor.

O capitão Sayão pede-me que escute o silvo da granada que a bateria commandada pelo capitão Alcides Etchegoyen atira para as linhas adversarias.

— E' este o silvo — diz-me elle.

A granada passa, rapida, zunindo pelas nossas cabeças, em direcção de Silveiras.

— Escute o estrondo.

E ouço perfeitamente a explosão do projectil, que

atravessou as primeiras linhas paulistas, sem receio de ser incommodado. Mas que coragem! hein, medrosos?

— É a artilharia delles? — indago. (Não sei se os leitores já notaram que os paulistas são aqui geralmente tratados por “elles”).

— Esteve em actividade apenas hoje pela manhã — informa-me o coronel Fontoura. Lançou-nos 23 shrapnells que caíram bem por aqui. E calou-se até agora.

O tenente Pereira, então, nos adverte:

— E' melhor que saíamos deste canto. O combate já está quase no fim e não vale a pena sermos alvo de alguma bala perdida.

— Bom, neste caso, vamos churrasquear — convida a todos, muito bem humorado, o coronel Fontoura.

Quando desço da elevação do terreno em que me encontrava, escuto uns gritos fortes, partidos das trincheiras. Pergunto o que significam e o tenente Appelt me diz:

— Os gritos são communs nas trincheiras. Uns soldados gritam para os outros, de parte a parte, muitas vezes descompondo-se. São as saudações de guerra...

Sigo, em companhia dos demais officiaes, para um ponto, onde uma barreira nos abriga de qualquer surpresa. É ahi fico, em conversa, mais algum tempo, a ouvir a barulhada infernal dos canhões, das metralhadoras, dos fuzis, dos VB e dos soldados, ferindo, barbaramente, o silencio da noite, perturbando a doce tranquillidade

da região, espalhando terror, abalando tudo. Os ruidos, saindo das cristas dos montes, parecem até gritos energicos de protesto da Natureza ferida, contra a loucura dos homens.

O coronel Fontoura fala-me, com animação, da sua tropa:

— Minha tropa, ou melhor, minha gente, parece que é baptisada para não ser attingida pelo fogo. São minimas as perdas que temos tido. E são muitos os casos de verdadeiro milagre que se têm verificado connosco. Imagine que, hontem, eu me dirigi, depois do meio dia, para as bandas daquella bananeira. Achei um lugar magnifico e resolvi logo estabelecer ali o meu P. C., mandando dar conhecimento disso ás linhas de frente. Pois bem. Tomava as ultimas providencias neste sentido, quando ouço uma voz do lado de cá. Venho ver de quem se trata e, ainda em caminho, recebo uma rajada de metralhadora. Deito-me e consigo escapar. Não é ser de sorte? De outro modo, ou elles me matariam ou me prenderiam. Quer ver novos casos? Este soldado aqui teve o seu capote furado a bala e não recebeu ferimento algum. Um official meu, muito cansado, de noite, deitou-se transversalmente, na trincheira. Veio uma rajada de metralhadora. Uma bala entrou-lhe pela botina e feriu-lhe apenas o dedo grande do pé. Tambem o Appelt, que não é da minha tropa, mas é lá da terra, recebeu não uma rajada de metralhadora, mas tres. E nada lhe aconteceu de grave: apenas rasgou a roupa e teve uns leves ferimentos.

— E' que os gaúchos estão de sorte — diz alguém.

E o coronel Fontoura, risonho:

— E não é que não “peleamos”. “Peleamos” muito.

Peço, depois, impressões sobre os revolucionarios. E quem me fala é o tenente Arlindo Pereira:

— Elles luctam muito. E' verdade que estão bem entrincheirados e se acham na defensiva. Mas resistir como teem resistido, não é brincadeira. Olhe que a nossa artilharia e a nossa aviação batem por lá o dia inteiro. E nada! Elles não cedem. São, realmente, grandes luctadores e possuem um enthusiasmo formidavel.

Ninguém discorda das palavras do tenente. E o coronel Carneiro da Fontoura reclama, agora, contra o facto de não chegarem jornaes até as linhas de frente.

— Os jornaes que aqui veem — friza o commandante da Brigada Gaúcha — contam tantas mentiras que chegam a aborrecer-nos. Que elles contem mentiras no Rio, não digo nada. Mas que as tragam para cá, é que não approvo.

— Isso até causa mau effeito — observa o tenente Appelt.

— Pois é — torna o coronel. Imagine que já se publicou que nós haviamos tomado Silveiras, quando a verdade é que só agora nos estamos aproximando de lá.

— E ainda de um dos morros que circundam a cidade — aparteia o tenente Arlindo Pereira.

Quarta-feira, 17 de Agosto

Voltei hontem mesmo do Morro da Lapa. De lá sahi ainda cedo, deixando os officiaes da Brigada Gaúcha a churrasquearem em plena escuridão, porque é perigoso accender luz nos acampamentos: a aviação inimiga pode localizal-os e bombardeal-os.

— Somos capazes, com isso, de errar a boca — pilleriava um tenente.

Embora não houvesse ainda jantado, recusei o convite que me fez o coronel Fontoura para participar do churrasco. Tinha, na Fazenda S. Domingos, uns amigos á minha espera e precisava chegar a Rezende o mais cêdo possível, afim de pegar o trem das 3 horas, que me levaria uma correspondencia para o Rio. Em Arêas, porém, como a fome já estivesse muito crescida, maltratando-me, tenazmente, o estomago, resolvi fazer uma parada ligeira para um *lunch* ainda mais ligeiro na unica “venda” da cidade, esta mesma aberta á tarde com mercadorias chegadas de Rezende. O meu *lunch* foi linguiça assada, pão duro e café. Fiquei satisfeito, comi tudo de bom gosto e tornei, agradecido, ao meu Fordzinho devorador de distancias. A’ porta, encontrei o sargento Demetrio Masson Jacques, que desejava offerecer-me uma lembrança. Era um pedaço de helice de bomba de avião, formandoo o perfil do sr. Washington Luis. O sargento queria explicar-me como encontrou aquillo. Mas eu não podia demorar-me muito. Convidei-o, então, para ir commigo

até S. José do Barreiro. Elle estava de folga e accitou o convite, narrando-me, em viagem, o seguinte:

— Quando os aviões paulistas estiveram, sabbado ultimo, nas linhas de frente, eu fui talvez o primeiro a distinguil-os. Logo que os avistei no céu muito claro, tive um presentimento e fui ao commandante da minha companhia:

— Capitão, aquelles aviões estão me parecendo que não são nossos: são paulistas.

— Que paulistas! — responde-me o commandante. São nossos. Você já ouviu dizer que os paulistas tivessem aviões?

“Mas nem por isso eu deixei de tomar as minhas precauções. Procurei um abrigo e disse das minhas suspeitas a varios soldados gaúchos que se encontravam perto, lavando roupas num pequeno riacho. Poucos concordaram commigo. Continuei, porém, a observar osapparelhos. Elles deram varias voltas pelo nosso acampamento, na estrada de rodagem. Parecia que procuravam qualquer cousa. E, de repente, um, virando a helice para a terra, num movimento rapido, desceu até uma altura regular, de onde jogou um grosso volume, para subir novamente. Percebi que aquillo era bomba e tive, então, a certeza de que se tratava mesmo de aviões paulistas. Corri immediatamente para o meu abrigo já escolhido e gritei para os soldados mais proximos afim de que se abrigassem tambem. Cada qual procurou guardar-se me-

lhor. Nisto, houve a explosão. A bomba cahiu no leito da Rio-S. Paulo, a 15 metros de onde eu me encontrava, attingindo logo um gaúcho, que se deitára na estrada. Ouvi, em seguida, outras explosões, depois das quaes notei que o ruido dos aviões diminuia. Olhei para o céo. Osapparelhos se retiravam e, lá longe, no horizonte, repontava a nossa esquadrilha. O soldado gaúcho, ferido, gemia alto, com um rombo horrivel no corpo. Deixei o meu abrigo para soccorrel-o e levei-o para um carro de saúde. Depois, voltei ao local onde me achava para verificar os estragos provocados pelo bombardeio. E encontrei varios estilhaços, entre os quaes este pedaço de helice que lhe offereço. Repare que é mesmo o Washington.

O sargento pede-me phosphoros. Não tenho. Mas um companheiro de viagem tem e o attende. E elle fala agora do effeito causado pelas outras bombas paulistas:

— Foi medonho. O pessoal, como viu, não estava avisado de que os paulistas possuiam aviação. De maneira que, ao serem jogadas as bombas, muitos foram esperal-as, julgando que se tratasse de boletins do Governo, porque o general Góes manda, ás vezes, distribuil-os nas linhas de frente.”

Trago para Rezende a lembrança do sargento e mostro-a na mesma noite ao capitão Agenor Leite Aguiar, ao major Estillac Leal e a outros officiaes, no Hotel dos Viajantes. Elles tambem acham aquelle estilhaço parecido com o presidente deposto em 30. E um quer explicar, citando Freud, o motivo da semelhança:

— Naturalmente, o aviador, ao jogar a bomba, pensava no sr. Washington Luiz.

— E este aviador — intervem outro — não podia deixar de ser o Lysias.

*

* *

O capitão Pulcherio Serra, ex-delegado de Policia Militar em Rezende, estava em S. Paulo quando rebentou o movimento revolucionario. Isto, no dia 9. No dia 10, já o capitão estava de viagem para aqui.

Hoje, á tarde, conversando commigo a esse respeito, contou-me elle como conseguira sahir de S. Paulo:

— Eu não sabia de nada. Amigo do general Góes Monteiro, a quem não podia faltar com a minha lealdade, os meus camaradas, que prepararam o movimento, não quizeram dizer-me cousa alguma. E é assim que só na manhã de 10 tive conhecimento do facto. O entusiasmo da cidade era formidavel. As ruas estavam cheias e o povo dava “vivas” delirantes aos chefes do movimento. Fui ao Quartel General em busca de informações. E, quando lá cheguei e vi alguns politicos, com os quaes não vou de maneira nenhuma, pensei immediatamente em deixar S. Paulo. Tendo, então, recebido ordens para ir commandar o 6º B. C., acceitei de bom grado a iacumbencia e, em vez de tomar o rumo de Goyaz, tomei o rumo de Barra do Pirahy. Podem, agora, explorar minha atti-

tude, dizendo que eu vim para cá porque sabia que o Governo estava mais forte. Convem, no entanto, accentuar que, quando sahi de S. Paulo, se contava como certo não só com o apoio do Rio Grande, mas tambem com c de outros Estados.

Depois disso, peço a sua opinião sobre a resistencia dos paulistas.

— Ao meu ver — responde-me o capitão Pulcherio — elles teem possibilidades para uma resistencia bem prolongada, porque o Exercito e a Força Publica estão, realmente, lutando a seu favor. Essa minha impressão é, aliás, antiga. Logo depois de eu haver chegado a Barra do Pirahy, o dr. Getulio Vargas esteve no Q. G. e eu lhe fui apresentado. Elle me perguntou como ia S. Paulo. E a minha resposta foi que havia muito entusiasmo e que, mesmo S. Paulo combatendo sozinho, a luta ia ser ardua. O Ministro da Guerra, que acompanhava o chefe do Governo, perguntou-me tambem porque eu não entrei no movimento. Dei-lhe as mesmas razões que já lhe expuz.

Quinta-feira, 18 de Agosto

Rezende recebeu, hoje cedo, uma visita amavel: a da Alliança Nacional de Mulheres. Tendo adquirido, no Rio, donativos para os soldados do "front", quizeram as senhoras que a compõem trazel-os até aqui para, pessoal-

mente, distribuil-os. Isto mesmo declararam, no Hotel Central, ao general Góes Monteiro, que, no entanto, só lhes deu salvo conducto até Engenheiro Bianor. Dahi em deante, a ordem era do coronel Daltro Filho.

As senhoras mostram-se confiantes na bôa vontade do coronel Daltro e, depois de visitar a Igreja, o campo de aviação e o Hospital, se dirigem, cerca de 15 horas, para a estação, onde tomam o trem que deverá levá-las mais para a frente e no qual viajam, além de outras pessoas, o dr. Silvestre Pericles de Góes Monteiro, o capitão aviador Carlos Brasil, o capitão Braga, o tenente Faria Lemos e eu.

Um apito e a locomotiva deslisa pela linha ferrea, indo parar, pouco tempo depois, em Itatiaya. Ahi, todos descemos para vêr mais de perto o effeito produzido pelo bombardeio dos paulistas. O aspecto da estaçõzinha é triste e desolador. Emquanto o coronel Daltro Filho teve, installado dentro della, o seu Posto de Commando, o canhão revolucionario a alvejou inflexivelmente, arrancando-lhe o telhado e esburacando as suas proximidades.

Um soldado do 3º R. I., vendo a curiosidade das senhoras por tudo aquillo, approxima-se e relata, apontando para as telhas quebradas do pequeno edificio:

— No dia em que essa granada explodiu ahi, quase que fui attingido tambem. Era cerca de meio dia. Cuidavamos, então, da boia. Eu estava cortando a carne numa bacia de banho, quando um dos estilhaços bateu fortemente nesta e por um triz não me feriu.

Antes do soldado terminar a sua narrativa, já as senhoritas Ilka Labarthe e Marina Rodrigues chamavam a atenção dos presentes:

— Coitados! Imaginem só! A carne que elles comem é cortada em bacia de banho!

Tomamos novamente o trem, que novamente pára mais adiante, em Engenheiro Passos. Salto e vou, com alguns companheiros de viagem, ao outro lado da estação, occupado pelo armazem de cargas. A granada paulista tambem havia arrancado ahi um pedaço de telhado. Alguem nos mostra isso e um official deixa escapar esta exclamação:

— Puxa! que elles teem mesmo optimos artilheiros!

O trem parte, em seguida. Pelo caminho, conversa-se, olha-se o terreno, chupam-se as laranjas magnificas com que Rezende pretende fazer concorrência á Bahia. E algumas senhoras manifestam ainda sua tristeza deante do ambiente, daquellas regiões deshabitadas, reavivando o espectaculo da guerra, com a visão de sangue, de morte, de luto. Afinal, chegamos a Engenheiro Bianor, até onde o general Góes Monteiro permittiu que se fosse.

Eu converso com o dr. Silvestre Góes Monteiro, que se acha fardado de coronel, quando a senhorita Ilka Labarthe se aproxima:

— Coronel, nós já estamos na ultima estação antes de Queluz e queremos pedir-lhe a fineza de telephonar para o coronel Daltro Filho, perguntando se o nosso trem

pode ir até lá. Desejamos distribuir pessoalmente os donativos aos soldados.

O dr. Silvestre, attendendo o pedido, vae até á estação e volta, depois, com esta resposta :

— Podemos ir a Queluz, mas temos de esperar aqui duas horas porque as linhas estão, no momento, apinhadas de carros.

As senhoras concordam com a espera e algumas descem do trem para passar o tempo melhor, dando biscoitos e cigarros aos poucos soldados ali existentes, procurando curiosidades de guerra e fazendo perguntas. Uma praça do 3º R. I. informa :

— Ali foi encontrado um soldado morto, com um tiro na testa. Achava-se de fuzil á mão e, se não fosse o fio de sangue que lhe escorria pela face, ninguem diria que estava sem vida, mas dormindo. A sua physionomia era calma como a de um santo.

Um soldado offerece a uma senhorita uma caixa de alimentação de emergencia, das que os paulistas distribuem aos homens que passam muito tempo na trincheira. Esta caixa é levada para o carro e mostrada ás senhoras que ahi ficaram em conversa com os officiaes. Uma dellas admira-se da perfeição do serviço de abastecimento dos revolucionarios e indaga :

— O Governo também mandou fazer destas caixas para os seus soldados?

— Não, minha senhora — responde um official. Os

nossos soldados não precisam. Elles passam sempre muito bem, recebendo a comida, na trincheira, em horas certas.

Outro official, ouvindo isso, deixa escapar um sorriso expressivo. E eu tenho agora minha atenção voltada para d. Anna Bastos, que entra no carro e se dirige ao coronel Silvestre e a mim:

— Tomem cuidado! Sabem o que ainda ha pouco me disseram? Que os paulistas, ao pegarem os prisioneiros, os deixam vivos, mas arrancam-lhe os olhos, as orelhas, as unhas! Uma cousa seria!

As duas horas de espera se passam assim, entre conversa e “blagues”. E o trem já corre em demanda de Queluz, onde chega quase á noite. Um grupo enorme de soldados está na estação, aguardando a visita gentil da associação presidida pela doutora Natércia Silveira. E logo innumerous braços se levantam para as janellinhas dos carros, de onde é feita a distribuição de donativos.

Um soldado, que recebera uma medalha de Nossa Senhora de Lourdes, uma carteira de cigarros, uma caixa de phosphoros e um punhado de biscoitos, presentea-me com alguns estilhaços de granada e declara, muito contente:

— Eu não me importava que a guerra demorasse mais de um anno, se tivéssemos sempre a visita de senhoras boas como estas.

O capitão Ariosto Daemon, prefeito militar, aproxima-se do trem. Os officiaes vindos de Rezende apre-



sentam-no ás senhoras, que logo manifestam o desejo de dar uma volta pela cidade. Elle accede e as acompanha nesse passeio curto e sem graça, que só provoca melancolia. Queluz, violentamente afastada de seus filhos, está de luto e chora a fatalidade do destino que a faz abrigar os seus proprios inimigos... Ella soffre e, ainda neste anoitecer bem pardacento, a sua dôr se reflecte em tudo: na poeira que o vento levanta, como crepes; no aspecto compungido que as suas casas fechadas apresentam; na monotonia e na tristeza que as suas ruas sem movimento despertam. Balzac, para quem as ruas de Paris tinham expressões humanas, que não diria destas ruas graves de Queluz!

Um estampido forte. Interrogações.

— Shrapnell — informa-me, calmamente, um soldado. Os canhões paulistas ainda nos alcançam por aqui.

Esse tiro é uma ordem de partida que o trem obedece sem protestar. E logo estamos furando a noite para só chegar a Rezende depois das 20 horas. O general Góes Monteiro determinara que a commissão da Alliança Nacional de Mulheres jantasse em Barra Mansa. Mas, com o atrazo do trem, muitas senhoras não concordam:

— Se fôr assim, a que horas iremos jantar?

O tenente Faria Lemos vae falar sobre o assumpto ao general Góes Monteiro. Outros officiaes promettem fazer o mesmo. E, depois de alguns minutos de incerteza, todos seguem para o Hotel dos Viajantes, onde se realizará sempre o jantar marcado para Barra Mansa. Um col-

lega curioso pergunta á d. Maria Beltrão como haviam conseguido isso. E ella ironicamente, referindo-se á attitudão conciliadora do almirante Protogenes:

— Ora, como! Com o Ministro da Marinha.

Sento-me numa meza onde tambem se sentam d. Maria Rosa Ribeiro, paulista de nascimento, d. Maria Beltrão, pernambucana, e o dr. Silvestre Pericles.

O assumpto da nossa conversa é o movimento armado. D. Maria Rosa faz perguntas constantes ao dr. Silvestre:

— Quanto tempo durará a guerra?

— Acho que, se não houver algum inesperado, durará ainda muito.

— Quantas pessoas já morreram?

— É' difficil saber-se.

— Quanto temos gasto por dia com a luta?

— Com as despesas de um lado e do outro e com o decrescimo das rendas, avalia-se em cerca de vinte mil contos.

— Que horror! — exclama d. Maria Rosa. Olhe aqui: acho que o culpado de tudo foi o sr. Flores da Cunha. S. Paulo, estimulado por elle para a guerra, foi por elle proprio traído. Não posso tolerar a sua attitudão, que, se fosse outra, mesmo já depois de irrompido o movimento, teria evitado a luta e o derramamento de sangue.

Sexta-feira, 19 de Agosto

Foi uma surpresa para mim. O official nunca deixara transparecer na minha presença sua sympathia por S. Paulo. Sem atacar o movimento revolucionario, tambem não o defendia, mantendo-se numa attitude de discreção que era mais facil levar em conta de bom senso e prudencia do que admiração e applauso ao gesto dos paulistas.

Hoje, á tarde, porém, na porta do Hotel Alliança, elle, depois de uma bôa meia hora de conversa sobre a situação, declarou-me com uma segurança de admirar :

— S. Paulo venceu, indiscutivelmente. É para affirmar isto, basta recordar que, no mesmo dia em que rebentou o movimento armado, o Governo Provisorio nomeou varios juristas para elaborarem o projecto constitucional, tratando, assim, de conceder ou de facilitar a maior aspiração dos revolucionarios e confessando, desde logo, a sua derrota. Creio que, deante deste facto, os paulistas já podiam até largar as armas: a sua victoria é tão clara, tão flagrante, que só os cegos não a percebem.

O official dissera isso de tal maneira, tão inesperadamente, que eu cheguei a desconfiar da sua sinceridade. Mas logo verifico que elle me fala mesmo com a alma nos labios, num destes desabafos que tanto aprazem a nós, jornalistas.

— Fique certo de que — continúa, accentuando

agora outros beneficios da attitude de S. Paulo — se não fosse a Revolução, a Constituinte não viria tão cêdo. Era isso, pelo menos, o que tentava e queria o Club 3 de Outubro. E a prova está na morosidade em que caminhavam os serviços eleitoraes e nas difficuldades de toda a sorte que iam encontrando. Agora, porém, a cousa mudou. Os preparativos para as eiecções se apressam: os jornaes noticiam quase diariamente providencias governamentaes visando o estabelecimento do regime da lei. E eu aposto com quem quizer como não haverá, depois da Revolução, qualquer que seja o seu resultado, força capaz de impedir a eleição, em Maio, da Constituinte. O sangue paulista não se está derramando inutilmente, pode crer. E' um povo que combate e a um povo é impossivel subjugar.

Agora, elogia o meu caro interlocutor o heroismo de S. Paulo:

— S. Paulo, que luta com ardor e com fé, é o heroismo em pessoa. Attente-se no seguinte: nós temos aqui, em cada destacamento, cerca de tres mil homens; temos muita aviação e temos muita artilharia; elles não teem em cada destacamento nem 2.000 homens, não teem muita aviação nem teem muita artilharia. E, no entanto, é esta resistencia formidavel que estamos vendo, neste quase mez e meio de luta. E este enthusiasmo extraordinario que faz dos seus prisioneiros authenticos triumphadores. Sabe o que disse um aspirante de artilharia, preso na

zona da via ferrea, em resposta a uma pergunta sobre quem déra os tiros na estação de Itatiaya? Disse isso, com uma altivez imperturbavel:

— “Fui eu. E o que desejava era que as granadas caissem na cabeça do coronel Daltro Filho.”

Alludo agora ao avanço das tropas dictatoriaes e peço a impressão do official sobre a resistencia paulista.

— S. Paulo ainda resistirá muito — diz-me elle. Esses retraimentos que se teem verificado, ahi na frente, são, ao que se acredita, calculados. São linhas avançadas que lutam para dar tempo a que se organize a verdadeira resistencia. E essa resistencia, segundo já assignalaram, mesmo, os nossos aviadores, terá lugar em Cachoeira. Ali estão sendo construidos abrigos de cimento armado, que supportarão, por muito tempo, o bombardeio da artilharia e da aviação.

E, despedindo-se:

— S. Paulo pode, materialmente, perder a luta, talvez por falta de armas. Mas não tenha duvidas de que será a palmo e palmo e com muito esforço.

*

* *

O capitão Othelo Franco seguiu para S. Paulo. Esta noticia, que ainda é quase desconhecida de Rezende, não

me surpreendeu. Elle aqui vivia torturado pela idéa de incorporar-se ás forças constitucionalistas. Quando d. Alice Tibiriçá esteve em Barra Mansa, mandou mesmo dizer isso á sua familia, ouvindo, dias depois, pelo radio, a voz de seu filho de 8 annos de idade, que lhe pedia que fosse para lá o mais depressa possivel.

No inicio desta semana, falou-me novamente o capitão Othelo da sua viagem, chegando a convidar-me para acompanhal-o:

— Parto por estes dias. Sinto que o meu dever é bater-me ao lado de S. Paulo. Aqui estive até quando verifiquei que não era mais possivel encontrar-se uma solução honrosa para a lucta.

Todo mundo sabia das suas convicções. Porque elle tinha a coragem de external-as abertamente, não apenas na vista de officiaes e até de soldados, mas na presença do proprio general Góes Monteiro. E que ninguem lhe falasse mal do movimento revolucionario. São Paulo era o santo da sua devoção que não podia ser atacado e para o qual todos os elogios eram poucos. Encontrava-se com qualquer pessoa conhecida, agarrava-lhe no braço e lá ia a defender a attitude dos paulistas, a deixar bem claras as razões que a originaram.

Uma tarde, eu estava no Hotel dos Viajantes com o coronel Moreira Lima e o coronel Avila Lins, quando elle surgiu com o major Estillac Leal. O coronel Moreira Lima aponta-os:

— Lá vem o Othelo convencendo.

O capitão Othelo aproxima-se. Mostra-se interessadíssimo por livros communistas e pede-me para emprestar-lhe alguns. Convida-me, depois, a ir até uma casa de ferragens, onde também se vendem livros. Vamos os tres. Elle entra lá e compra dois volumes.

No outro dia, encontro-o com uma serie de artigos de Lenine que a Empresa Unitas, de S. Paulo, reuniu em livro, sob o titulo "No caminho da insurreição". Estavamos na Estação, conversando num grupo de que fazia parte o capitão Buys. Dentro em pouco, chega o general Góes Monteiro. E a um official que o acompanhava, apresenta assim, com um sorriso, o capitão Othelo:

— Aqui está um pacifista, que pretendo mandar, como aos demais, para a linha de frente.

Em seguida, despede-se. Mas, antes, vê o livro de Lenine e apossa-se delle:

— Está confiscado!

O capitão Othelo reclama, mas o general se dirige calmamente para o Q. G., sem se importar com a reclamação.

Sabbado, 20 de Agosto

Encontrei hoje, perto da Chefatura de Policia, um soldado que me chamou a attenção. Vestia uma farda de casemira clara e tinha á cabeça um capacete de aço. A vestimenta era do soldado paulista. Mas não havia du-

vida de que aquelle era da Dictadura, tão serena estava a sua physionomia e tão despercebida passava a sua pessoa. Aproximo-me delle e pergunto-lhe, sem maiores rodeios, se o capacete é mesmo de aço.

— E', sim senhor — responde-me.

E tira-o logo para mostrar-me esta inscripção, que se acha por dentro:

“O povo paulista ao soldado da Constituição.”

Depois, satisfazendo a minha curiosidade, diz-me como o conseguiu:

— Eu fazia parte de um pelotão de reconhecimento. Já andamos muito, sem nada haver encontrado. E a tarde estava desaparecendo, quando avistamos, afinal, uma trincheira. O nosso tenente pediu-nos o maior silencio, a maior calma, as maiores precauções. Deveríamos tomar de surpresa aquella posição, aproximando-nos pelos lados e collocando a nossa metralhadora de modo a varrel-a com segurança. Fizemos isso e depois assestamos todos os nossos fuzis.

— “Rendam-se com todas as honras!” — gritou o tenente.

Quem commandava os soldados da trincheira era um jovem aspirante. Elle olhou-nos com um olhar muito severo e, rapido, saccou do seu revolver.

— “Morro, mas não me rendo!” — exclamou, ao mesmo tempo que atirava contra nós.

Um dos nossos fez fogo e elle deu dois passos para

cahir morto, a mão no peito, num gesto de dôr aguda. O corpo de um soldado tambem se estendeu por terra. Avançamos, então, para os outros e os prendemos. Tirei, em seguida, o capacete de aço do aspirante e fiquei com a roupa do soldado que tombou.

O homem narra o facto sem emoção, friamente. E depois accentúa:

— Coitados! Morrem porque querem. Se se entregassem, não fariamos mais do que prendel-os. Mas não se entregam e ainda nos querem matar...

Agora, dá um novo depoimento sobre a disposição de animo dos adversarios:

— Mas eu gosto dos paulistas, porque elles são mesmo valentes. Valentes e dispostos. Quando as nossas trincheiras estão mais ou menos perto, gritam de lá:

— Carioca! Bota a cabeça de fóra que eu quero fazer o teu cabelo! Bota, carioca!

A's vezes, pela manhã, ouvimos, igualmente, os seus gritos:

— Acorda, carioca! Lá vae a alvorada!

A alvorada delles é ou uma granada ou um shrapnell ou uma rajada de metralhadora.

— Carioca! — dizem tambem —. Ainda havemos de fazer a barba do Getulio e do Aranha! Cadê o João Alberto, carioca? Manda o João Alberto p'ra cá!

Um dia, um sargento nosso se aborreceu com o desafio delles para botar a cabeça de fóra e botou mesmo.

O resultado foi preder parte do craneo e morrer instantaneamente.

— E vocês respondem a esses gritos? — indago.

— Nem sempre. A policia sergipana é que gosta mais de responder.

O soldado cala-se e, esboçando agora um ligeiro sorriso:

— Estou me lembrando da policia pernambucana. Ella chegou aqui bastante afoita. Um dia, ha quatro dias, foi avançar muito e ficou quasi toda prisioneira, perdendo ainda não sei quantos homens. Pelo mesmo motivo, tambem foi preso, ha pouco tempo, com o seu pelotão, o tenente Souza Aguiar.

Depois disso, o soldado tira do bolso um cartão e me mostra. E' do Correio Militar de S. Paulo, a cargo da M. M. D. C.. De um lado, um soldado com a bandeira paulista e as seguintes palavras: "Tudo para um S. Paulo forte no Brasil unido." Do outro lado: "O entusiasmo das tropas apressa a victoria. Paes, mães, irmãos, amigos, escrevei aos vossos soldados queridos, despertando-lhes o entusiasmo." O cartão é dirigido ao sr. Carlos A. Rodrigues de Moraes, do Batalhão Piratininga. E' o seu pae quem lhe escreve, dizendo, entre outras cousas, aguardar sua "volta victoriosa".

Quando eu termino de lê-lo, o soldado informa-me:

— Temos encontrado innumeradas cartas pelo caminho. Numa, um pae dizia a um filho que preferia vel-o

morto na trincheira a vel-o vivo com S. Paulo vencido.
Uma cousa tremenda!

*

* *

O coronel Avila Lins, como sempre acontece, foi hontem visitar as linhas de frente. Ao chegar a Engenheiro Passos, um homem apresenta-se a elle para reclamar contra os soldados, que puzeram a sua fazenda em cacarcós.

— Mas que hei de fazer? — diz o Chefe de Policia Militar. Não podemos punil-os. Elles são revoltosos e estão do lado de lá.

— Não, senhor — retruca o homem. Não foram os revoltosos, não. Foram soldados do 3º R. I.

Domingo, 21 de Agosto

Estou, de novo, no Rio, depois de sete longas horas de soffrimento num trem da Central. O ambiente que aqui deixei não se modificou. Os applausos ao movimento e a confiança na sua victoria têm o mesmo calor e a mesma intensidade.

Um amigo meu, alto funcionario publico, dava-me hoje as suas impressões sobre a situação:

— Acho que este governo não se aguentará em pé por muito tempo. Elle cahiu de tal maneira no conceito publico que a sua manutenção representará mesmo uma

grande affronta á vontade do povo. E, para se verificar este facto, basta considerar-se a attitude actual do Rio, do mesmo Rio que foi dos mais decididos partidarios da candidatura Getulio Vargas, em 30. Lembro-me bem do dia 27 de Outubro, quando correu na Avenida a noticia de que um Batalhão da Policia Militar se havia revoltado contra o triumpho do movimento revolucionario. Foi um caso serio. Quasi todo mundo correu para o Quartel General e para o 3º R. I., afim de buscar armas e combater os rebeldes. Populares invadiram e arrombaram casas de armas, tomando, em seguida, automoveis que os conduziam ao local da luta. Outros atacavam, em plena rua, os soldados da Policia, procurando vingar-se, assim, do gesto dos seus camaradas insurgentes. É tudo isso para sustentar o sr. Getulio Vargas. Hoje, que differença! O carioca faz conflicto na Avenida, mas faz precisamente contra o actual chefe do Governo.

*

* *

O general Góes Monteiro chegou hoje ao Rio ás 2 horas da tarde. A sua viagem, inesperada como foi, constituiu uma surpresa e deu margem a que a imaginação do carioca trabalhasse incessantemente na descoberta dos motivos que a determinaram.

Dia de domingo, sem vespertinos, a noticia era, de inicio, apenas conhecida por um reduzido numero de pes-

soas. A' noite, porém, já se havia espalhado por todo o Café Bellas Artes ou, melhor, por quasi todo o Rio. Muitos governistas, deante della, amainaram um pouco o seu enthusiasmo dictatorial, emquanto os partidarios do movimento armado exultaram.

Palavras de um extremista :

— O Góes está dansando em corda bamba. Mas elle tome cuidado! O João Alberto está ahi mesmo para matal-o. No seu proprio Estado Maior, ha, aliás, gente incumbida de assassinal-o á primeira manifestação positiva sua, contraria ao Governo.

Opinião de um confrade, exaltado amigo de S. Paulo :

— Acho que o Góes veio expôr lealmente ao Getulio a gravidade da situação. Elle deve estar certo de que a frente paulista não é tão facil de romper-se e quer, assim, falar, pessoalmente, ao Governo sobre a conveniencia de fazer quanto antes a paz.

Não digo nada. O meu confrade olha-me e parece que vê no meu silencio uma divergencia :

— Sim, porque cada dia que se vae é mais uma victoria para S. Paulo e mais um passo para a morte do Governo. Demonstra, pelo menos, a sua incapacidade para dominar um "movimentozinho" que, como diziam no começo os communicados officiaes, se circumscrevia apenas á capital paulista, porque Santos fôra tomada pelo irmão do general Miguel Costa e as guarnições do interior haviam ficado com a Dictadura. Até hoje, no

entanto, já se foram quarenta e tres dias de guerra e o Governo não conseguiu sequer attingir Silveiras.

E, em seguida, referindo-se a um dos conflictos da Avenida:

— O João Alberto estava num automovel, nas immediações do Jockey Club. Ali se achava tambem um tenente com metralhadoras. Vendo a agitação popular, o João Alberto impacientou-se e mandou avançar as metralhadoras. Sua ordem não foi executada. Elle, então, gritou:

— Avancem! E' um coronel do Exercito que está mandando; não é paisano, não!

Mas o tenente não obedeceu á ordem e disse:

— Coronel! Pense na sua responsabilidade!

*

* . *

Seguiu hontem para S. Paulo mais um aviador, o capitão Adherbal de Oliveira, levando o ultimo "Newsport" do Campo dos Affonsos.

O facto causou grandes aborrecimentos nos arraiaes governistas, tendo sido demittido o director da Aviação.

Segunda-feira, 22 de Agosto

Hoje, pela manhã, vou ao Hotel America afim de falar com o general Góes Monteiro. Elle está, no momen-

to, conversando com o coronel Lucio Esteves, commandante da Policia Militar. Espero. A conversa dura ainda cerca de meia hora, depois do que o coronel se despede e sae. O general está tambem de saida e convida-me a sair com elle. Vamos a pé, pela rua Carvalho Monteiro. Pergunto-lhe, primeiramente, o que ha de novo.

— Conspirações, mas que não dão futuro — diz-me.

Conto-lhe, depois, o que ouvira ao radio na noite anterior, a um radio installado na Gavea, porque os da cidade são inutilisados por ordem do capitão João Alberto. Segundo a “Platéa”, de S. Paulo, o capitão Othelo Franco, chegado a Cachoeira, declarara ao coronel Euclydes de Figueiredo que elle, general Góes, não gosava da confiança da Dictadura, que tinha a sua correspondencia violada e que estava sendo vigiadissimo pelo Club 3 de Outubro, cujo pessoal era, finalmente, quem dirigia a luta.

O general declara-me que já conhecia os termos da entrevista, porque a ouvira tambem, e accrescenta:

— “Realmente, de vez em quando, vejo que alguma correspondencia minha é violada. Attribuo essa medida policial ao facto de receber eu muitas cartas, solicitando a minha intervenção afim de fazer a paz. Não me aborreço, entretanto: acceito-a até de bom humor, porque, assim, ficará demonstrada a minha lealdade, caso haja, a esse respeito, desconfiança de alguém. Sou incapaz de qualquer traição e, no cumprimento do meu dever, ar-

riscarei a propria vida. Não sei, agora, se outros poderão dizer o mesmo.”

O general faz-me estas declarações parado á esquina da rua Carvalho Monteiro. Dobramos, em seguida, a rua Bento Lisboa, e elle prosegue:

— “O Othelo falou em Club 3 de Outubro... Para mim, o Club 3 de Outubro está morto desde Maio, quando delle me retirei com os meus amigos, por vermos desviadas as finalidades em nome das quaes o fundamos. Não tomo conhecimento da sua existencia. E vou mesmo contar-lhe o que disse ao dr. Pedro Ernesto, na sua recente visita ao sector que dirijo. Elle foi primeiro á frente de Silveiras e depois passou em Rezende. Tivemos, então, oportunidade de conversar.

— “Peço ao senhor — declarei-lhe — para não me apparecer mais aqui na qualidade de presidente do 3 de Outubro. Isso causa, evidentemente, muito máo effeito na tropa. Tambem não me fale mais nesse Club. Elle está desaparecido quer o Governo vença, quer não.”

— E que respondeu o dr. Pedro Ernesto?

— Nada.

O general accende um cigarro e continúa, incisivo:

— “Tambem não precisa muita intelligencia para verificar-se a origem dos actuaes acontecimentos. Elles são fruto do extremismo outubrista, que, por muito tempo, pôz o paiz em sobresalto, com a propaganda das suas idéas exóticas e com a pratica dos seus processos violentos. Está claro que não podemos viver mais nos

extremos. O Brasil não comporta esta politica, que é, além de tudo, contraria ás proprias leis naturaes. A violencia, por outro lado, nada constróe. Violencia talvez seja até synonymo de fraqueza. Só a emprega, realmente, quem não possui a seu favor a razão e o bom senso, quem quer fazer tolices e loucuras. Ao Club 3 de Outubro, cabem, sem duvida, culpas enormes no transe horriavel que atravessamos.”

Estamos na esquina de Corrêa Dutra, falando agora da situação militar de S. Paulo. Pergunto ao general quantos homens, ao seu ver, tem, em armas, o Exercito Constitucionalista.

— “Uns cem mil, mais ou menos.”

Alludo á confiança do Rio no triumpho militar do movimento.

— “Não está fóra das possibilidades” — accentúa.

Transmitto-lhe, então, uma pergunta que um amigo me fez ainda hoje, depois de saber de sua chegada e deante das noticias desencontradas que corriam sobre os seus objectivos:

— Por que o general ainda continúa defendendo o Governo?

— “Mas que attitude deveria eu tomar? — indaga-me elle. Entregar os pontos, sem mais nem menos? Passar-me para o lado de lá?”

Dou ao general a mesma solução que já me dera aquelle amigo:

— Demittir-se do commando das forças.

— “Não! Isso nunca! — exclama. E a tropa? E os meus officiaes? Que não diriam elles? Eu me tornaria, para toda a vida, um chefe desmoralizado. Não, prefiro ser vencido.”

O assumpto agora são as operações militares. O general declara que ellas vão andando bem e, referindo-se ao ultimo combate de Cunha, em que as tropas do Governo foram derrotadas, diz que já estudou um novo plano de ataque áquella forte posição paulista.

Interrogo-o sobre a offensiva revolucionaria na região de Pedreiras.

— “Sim — informa-me elle. Os paulistas tomaram o morro das Pedreiras depois de tres dias de ataque, mas nós estamos lutando para retomal-o.”

Agora, é a resposta do general Klinger a um radiogramma seu que o commandante das tropas dictatoriaes commenta:

— “O Klinger só fala ali em cousas metaphysicas, enquanto eu apresento casos concretos. Elle allude muito, por exemplo, a constitucionalização, constitucionalização, regime da lei, etc.. Pois bem: se se fizesse a paz neste momento, eu me comprometteria a bater-me perante o Governo por que a Constituinte fosse convocada dentro de tres mezes.”

*

* *

Encontro, mais tarde, na Livraria Garnier, os srs. Carlos Pontes e Flexa Ribeiro. Encontro-os optimistas e ansiosos por noticias. Dou-lhes as que tenho e ouço os seus commentarios sobre a situação.

— Eu não sei porque — observa o sr. Flexa Ribeiro — o sr. Getulio Vargas ainda não se dispoz a deixar o Governo. Além dos exemplos que lhe fornece a nossa historia, como o de Pedro I e o de Deodoro da Fonseca, que abandonaram o poder ao verificarem a incompatibilidade existente entre elles e o povo, ha o exemplo recentissimo de Affonso XIII, que, pertencendo a uma dynastia cheia de tradições, preferiu descer do throno a ver a Hespanha lançada numa guerra civil. E a cousa toda, entre nós, quasi que gira apenas em torno de sr. Getulio Vargas. A paz talvez só dependa delle.

*

* *

Pela manhã, eu ouvira falar que a Marinha encabeçaria, ás 14 horas, um movimento contra a Dictadura, aqui no Rio, e que o inicio desse movimento seriam duas fortes explosões.

A' tarde, antes da hora marcada, fui á Avenida. As minhas vistas de conhecedor previo de um facto tão grave e tão importante notaram logo, ahi, um movimento desusado. Para ellas, todas as physionomias denunciavam preocupação. Para ellas, todos já sabiam do que ia, den-

tro em pouco, succeder. E tanto mais quanto os cafés estavam cheios de gente de gravata preta, que falava baixinho, olhando para os lados (a gravata preta é o distinctivo dos partidarios de S. Paulo e, segundo me informaram, quer dizer luto pelos que tombam em defesa da Constituição). Comecei, dahi em diante, a desconfiar da actividade do meu relógio. Os seus ponteiros miudos e dourados como que tinham preguiça, não andavam, não cumpriam o seu dever. E o proprio tempo parecia-me haver interrompido a sua marcha.

Mas, finalmente, chegaram, a muito custo, as duas horas da tarde. E, com ellas, as duas explosões annunciadas, partidas da Esplanada do Castello.

— O Forte de Villegaignon içou bandeira vermelha e o Governo está deposto — era o que se dizia por todo o canto.

E não tardou muito a que surgisse pela Avenida, saindo não se sabe de onde, um grupo enorme de pessoas, com uma moça á frente, vivando, entusiasticamente, S. Paulo e dando “morras” á Dictadura. A Policia logo appareceu para fazer debandar a multidão, para prohibir que se ficasse parado pelos passeios e para ameaçar-nos com os seus revolvers selvagens. De repente, tiros, vindos das bandas da Galeria Cruzeiro. Gritos. Corrierias. Confusão. Nas linhas de combate, ao brado rouco das armas de guerra, a defesa é deitar-se. Aqui, na Avenida, a defesa é correr. Uma senhora e um cavalheiro, que se achavam nas immedições do Café Bellas Artes, ao primeiro re-

cúo da massa, recuaram tambem para a esquina do Club Naval, onde eu me encontrava.

— Vamos para casa — dizia muito suado, o cavalheiro — Esta inquietação é horrivel! Vamos embora!

— Se você quizer ir, vá, que eu fico — falava a senhora. Só saio daqui quando vir em que dá isso. E sou até capaz de, antes, quebrar a cara de um desses policias miseraveis que estão matando o povo.

Pouco depois, cessava o tiroteio. Mas o sangue carioca já molhava a Avenida, num vehemente protesto contra o prolongamento da Dictadura e numa vibrante affirmação de ideal constitucionalista.

A' noite, o Governo fazia divulgar, alegremente, uma nota, explicando o que occorrera: as explosões ouvidas haviam sido provocadas por duas bombas collocadas na Esplanada do Castello e a bandeira vermelha içada pelo Forte de Villegaignon era signal de visita medica.

Terça-feira, 23 de Agosto

Estou de regresso a Rezende, dentro do mesmo trem vagaroso e agora apinhado de passageiros que não acharam mais logar e vão de pé. Novas paulificancias, com muitas paradas e muitos solavancos. E Rezende apparece-me ás 11 horas da noite, toda triste, toda embuçada em neblina.

Lembro-me do Rio. Deixei-o ancioso por uma atti-

tude que a Marinha até agora não tomou. A voz das ruas affirma que ella está contra o Governo e adianta que um grupo de officiaes já foi mesmo ao gabinete do almirante Protogenes Guimarães para declarar que se achava de corpo e alma com o movimento paulista. Mas o que ha até agora de mais verdadeiro é que o commandante Durval Guimarães se dirigiu, em longa carta, ao Ministro da Marinha, convidando-o, em nome dos seus camaradas, a negar o seu apoio á Dictadura para ficar com a maioria de sua classe.

O carioca não perde, assim, as esperanças na Marinha, como ainda não perdeu em Minas e no Rio Grande. Ainda hontem, depois do conflicto da Avenida, foram distribuidos boletins em que se aconselhava a todas as tropas obediencia apenas ás ordens emanadas do almirante Protogenes, cuja figura apparece, deste modo, capaz de conciliar as forças divergentes.

Na manhã de hoje, um recatado adepto da Revolução, de intelligencia viva e de raciocinio claro, depois de me dar noticias sobre a disposição de animo da Marinha, a que falta apenas, ao seu ver, um grande chefe, á altura do momento, chamava-me a attenção para o espectáculo a que estamos assistindo:

— Quem não reconhece o triumpho de S. Paulo? O Codigo Eleitoral que, por assim dizer, havia sido posto de parte, já está sendo cumprido, de maneira a podermos ter eleições a 3 de Maio. A maior unidade da Federação, a mais civilizada, a mais culta, a mais rica, encontra-se,

como um só homem, em pé de guerra. O Exercito e a Marinha estão divididos. A maioria das populações e as politicas de Minas e do Rio Grande do Sul, que fizeram a Revolução de 30, e as de quasi todos os Estados, estão ao lado de S. Paulo. As mais altas expressões da vida publica brasileira, como os srs. Arthur Bernardes, Wenceslão Braz, Borges de Medeiros, Raul Pilla e o proprio ex-presidente Epitacio Pessôa, sem falar nos paulistas e nos homens dignos que caíram em 1930, apoiam o movimento e são sympathicos a elle. O Rio que, como dizem, é o thermometro da opinião nacional, já excommungou os actuaes senhores do poder. Attente você para este quadro e me responda como, com que cara, depois disso, este governo se apresentará ao povo. Pois se ninguem o quer? Aliás, elle já havia sido julgado pelo paiz, desde quando perdeu o credito para as nossas mais ponderaveis forças politicas, que, apesar dos seus insistentes appellos, não lhe confiaram sequer um ministro para a pasta da Justiça, até agora vaga. Recorde a nossa historia. Nunca houve o caso de um Estado recusar um Ministerio e um Ministerio tão importante como o da Justiça. Este factó é bastante, effectivamente, para definir um Governo.

*

* *

Apesar de estar Rezende militarmente occupada, os seus hotéis não se fecham antes da chegada do trem. E

ha sempre, a essa hora, pelas suas salas, officiaes a palestrarem. Hoje, encontro dois no Hotel Alliança. Um delles, que me conhece, chama-me para perguntar como vae o Rio. Digo-lhe sinceramente do enthusiasmo da Capital Federal pela causa tão bravamente defendida por S. Paulo. O official commenta as minhas palavras, fala da situação e, de assumpto em assumpto, já se refere á attitude do sr. Arthur Bernardes.

— Eu, se fosse o Governo — accentúa — já teria mandado prender o Bernardes. Indiscutivelmente, elle tem prestigio em Minas. E, se quizer fazer uma bagunça, faz mesmo.

Agora, trata do discurso que o sr. José Americo pronunciou no Radio:

— Sempre admirei o José Americo. Acho-o um homem honesto e digno. Mas não gostei, francamente, do seu ultimo discurso. Para mim, antes de tudo, elle deveria tel-o feito logo que chegasse ao Rio e não agora. Depois, ali se percebe uma certa indecisão, o desejo de agradar a gregos e troyanos, a geito de quem quer accender uma vela a Deus e outra ao Diabo. Um discurso, enfim, um tanto opportunistas, que o sr. Antonio Carlos, com o seu malabarismo, poderia ter pronunciado.

Quarta-feira, 24 de Agosto

O coronel Avila Lins gosta sempre de conversar

com os jornalistas. A gente chega á Chefatura de Policia, elle recebe com amizade e dentro em pouco já o estamos ouvindo. Fala-nos sobre varios assumptos. Parahybano, refere-se á Parahyba e critica alguns dos seus homens publicos, entre os quaes o Ministro José Americo. Recorda a sua permanencia na 2ª Região Militar e dá-nos o seu testemunho sobre a situação em S. Paulo. Trata dos combates do dia e mostra-se sempre optimista quanto á victoria do Governo.

Hoje, porém, elle não me falou de nada disso. Contou-me apenas o seguinte facto:

— Eu fôra informado de que, na Fazenda Riachuelo, nas immediações de Formoso, havia uns barris de aguardente, com a qual varios soldados já se tinham embriagado. Deante da denuncia, tomei logo as providencias necessarias, mandando para lá um sargento com a incumbencia de destruir os barris. O sargento, que foi acompanhado de alguns soldados, entendeu-se com o dono da Fazenda e, intelligente e palrador, logo desenvolvia considerações sobre os males provocados pelo alcool. Disse que, principalmente para os soldados, o alcool era uma infelicidade. O soldado vive da disciplina, que deve presidir-lhe todos os actos. Pois bem — frizou — a embriaguez é inimiga irreconciliavel da disciplina. E o soldado que bebe torna-se, fatalmente, um indisciplinado. Nestas condições, os camaradas que ali estiveram, embebedando-se e commettendo tropelias, procederam mui-

to mal, tanto mais quanto a Nação está em guerra e é terminantemente prohibido o uso de alcool.

O coronel Avila Lins narra este episodio entre risos, adiantando que elle é, realmente, pittoresco. E prosegue:

— Mas o sargento não ficou ahi, não terminou, assim a sua preleção. Foi mais adeante, frizando que o mal advindo para o soldado do uso do alcool não consistia apenas na quebra da disciplina. Havia ainda outro lado da cousa a considerar. Podia ser tambem que a aguardente estivesse viciada ou, melhor, que, na sua fabricação, houvessem posto ingredientes prejudiciaes á saude. Assim, não estando em condições de ser ingerida, ella deveria, mais tarde, fazer soffrer horrivelmente o organismo dos soldados e de todos quantos a bebessem.

Alem do jornalista, havia na sala mais dois officiaes. Até ahi, o factó era banal. Um sargento com ares de mestre escola e nada mais. Onde, pois, o pittoresco que o coronel Avila Lins promettera? O chefe de Policia Militar parece ter percebido a minha impaciencia:

— Depois de dizer isso, o sargento quiz ver desde logo se os seus camaradas que se embebedaram não iriam soffrer para o futuro.

— “Vamos experimentar esta aguardente — falou. Eu saberei, então, se ella é bôa ou ruim e poderei dizer alguma cousa, com segurança, sobre o futuro que espera os meus camaradas!”

“Começou, assim, o sargento a beber a aguardente. Bebeu muito. Bebeu até não poder mais. Os donos da Fa-

zenda ficaram embasbacados. Nunca tinham visto beber tanto. É o doutrinador, continuando a ingerir o alcool:

— “Não. Esta não é ruim. Mas se fosse? Que não seria dos soldados que a beberam?”

“Era de tarde. O sargento ficou inteiramente embriagado. Não queria, no entanto, que se dissesse isso. E, para provar o contrario, para provar que estava com a sua “cabeça no lugar”, alinhou umas tantas garrafas, das quaes tirou, um a um, com a sua magnifica pontaria, todos os gargalos. Mas, depois, desmanchou a figura que fizera: vendo umas vaccas, achou de transformal-as em soldados, e haja de dar-lhes ordens de marchas, meia volta, alto. A cousa chegou a tal ponto que foi preciso que eu, avisado, mandasse buscal-o.

Quinta-feira, 25 de Agosto

Os soldados gaúchos são aqui olhados com certa curiosidade, pelas suas maneiras e pelos seus habitos bem differentes dos de seus camaradas de outras regiões. E esses habitos lhes permitem até, na frente, uma situação um tanto privilegiada. Mesmo debaixo de fogo, por exemplo, elles não dispensam, ao que me informam, um certo tempo para o seu churrasco.

— O coronel Guedes Fontoura — dizia, ainda outro dia, a esse respeito, o coronel Moreira Lima — anda muito aperreado com a Brigada Gaúcha. De manhã, ella

só briga depois do churrasco. E desse costume não ha quem a afaste.

Os gaúchos tambem não gostam da luta de trincheiras. Acostumados com a planicie, com o pampa, onde os combates se fazem corpo a corpo, a golpes de baioneta, elles acham simplesmente detestavel esta região, cheia de montes e de montanhas para transpôr. Um soldado riograndense, com quem conversei numa das minhas viagens ás linhas de frente, assim a definiu:

— Arre! Este terreno chega a dar corcovos!

— Eu preferia — accrescentou um cabo — estar no Exercito Sul. Lá, pelo menos, ha mais planura.

Outra cousa que tem egualmente atormentado muito aos gaúchos, como, aliás, a todos os soldados, são os carrapatos.

— Estes desgraçados — falava-me um official da Brigada — são os nossos peiores inimigos. Parecem até contractados pelos adversarios. Agarram-se com unhas e dentes aos soldados e os deixam quase em petição de miseria. Depois do seu ataque, o soldado está cheio de dôres e pelo menos durante alguns dias fica inutilizado para o combate com os paulistas, porque vae combater os carrapatos. O! bichinhos infames!

Apezar disso, porém, e ao contrario do que se deu no começo (8), a Brigada tem lutado muito, ultimamente.

(8) — O 4.º Batalhão, por exemplo, com os seus officiaes muito amigos do dr. Borges de Medeiros, manteve-se, até pouco antes, numa attitude de resistencia passiva, sem querer atacar os constitucionalistas.

O coronel Carneiro da Fontoura contou-me, mesmo, ha alguns dias, que os paulistas, deante da acção dos seus soldados, não se cansam de gritar:

— O! gaúchos! Vocês não são mais gaúchos! Vocês já são jagunços!

*

* *

Duas novidades apresentou aqui o Governo nesta ultima semana: os canhões 120 da Marinha e os novos aviões comprados na America do Norte.

Os canhões 120 teem passado quase o dia inteiro em actividade, mandando os seus tiros formidaveis para as linhas de Cruzeiro. Estão collocados em Engenheiro Bianor, sob a direcção do capitão Ricardo Hall, e já foram localizados pela aviação paulista, que, ainda ha poucos dias, lhes atirou algumas bombas.

Os aviões americanos, para quem os vê voando, pouco se distinguem dos outros que aqui já se encontravam. Apenas, alguns teem motores mais silenciosos.

*

* *

O general Góes Monteiro não regressou directamente do Rio para Rezende. Esteve primeiro em Minas,

visitando os destacamentos do coronel Christovam Barcellos, que opera no Tunnel, e do general Jorge Pinheiro, que actúa na zona de Itajubá.

Só hontem, deste modo, chegou aqui e, segundo me dizem officiaes que já o ouviram, chegou muito bem impressionado e muito optimista.

Fala-se, com insistencia, numa offensiva que elle ordenara por Itapira, visando Campinas. O seu plano é apertar S. Paulo por Minas e pelo Sul, aguentando a defensiva no valle do Parahyba. E a opinião geral é de que, bem succedida a offensiva por Minas, os paulistas não poderão mais sustentar a luta.

— A viagem do general ao Rio, como vê, não poderia proporcionar satisfação aos amigos de S. Paulo — observa-me um major, a quem conto as versões correntes sobre a attitude do commandante do Exército de Léste.

Sexta-feira, 26 de Agosto

De vez em quando, eu descubro aqui um official franco, que me fala com toda a sinceridade — pontos claros na noite escura da discreção militar. Hoje, descobri mais um. Era cerca das 20 horas. Saimos juntos do Hotel dos Viajantes, atravessamos a linha ferrea, passamos pela Chefatura de Policia Militar, entramos no beco que lhe desemboca bem em frente, dobramos tres vezes

á direita mais adiante, tornamos a passar pela Chefatura e ficamos, então, a andar ao longo da rua paralela á Estação.

Gorki conta que um siberiano, organizador de um destacamento de guerrilheiros para combater Koltchak, lhe declarara, certa vez, com tristeza:

— “Tinhamos derrotado um destacamento de Koltchak, tomando-lhe tres metralhadoras e um canhão pequeno, depois de havermos abatido uns cincoenta homens. Quanto a nós, não ia além de setenta e um o numero de baixas. Pois bem: mais tarde, estavamos descançando, quando os meus rapazes deram para indagar de mim:

— “Mas a verdade não estará com o Koltchak? Não estaremos marchando contra nós mesmos?”

Percebo no official com quem estou conversando agora esse mesmo estado de espirito, essa mesma duvida que levou um destacamento de camponeses de Koustanai a passar mais de vinte vezes dos bolchevistas para Koltchak:

— No início — fala-me elle, com a sua voz calma — dizia-se que o movimento era reaccionario e visava elevar os homens da Republica Velha. Achando um crime a volta ao regime antigo, não tive duvidas, deante disso, em apoiar o Governo. Mas, agora, depois de passados tantos dias, é outra cousa o que se observa. Ninguém ouve mais sequer allusões a politicos. E o general Klinger, no seu discurso do dia 9, chegou a accentuar que os partidos que prepararam o movimento foram a isso forçados

pelas circumstancias, porque, ou o canalizariam, ou seriam por elle tragados. Dizia-se tambem que os officiaes que ficaram com S. Paulo, ficaram enganados. Mas, hoje, já não se pode dizer o mesmo. Do contrario, as proclamações do general Góes Monteiro e as noticias que o Governo espalha diariamente pelo radio teriam surtido outro effeito.

E, no mesmo diapasão de voz:

— Isso tudo não nos deixa de abalar. Não terá um ideal nacionalista um movimento assim, recebido com tantas sympathias pelo paiz inteiro e tão difficil de ser dominado?

Paramos ligeiramente num poste, defronte da composição, onde, até ha poucos dias, estavam installados os serviços do Q. G.. O official fala agora com mais firmeza:

— Segundo noto, a Dictadura não possui o apoio do povo e está vivendo até hoje por causa de alguns chefes militares que, contando com seguras amizades no Exercito, se mantêm ao seu lado. O general Góes Monteiro, por exemplo, é um dos seus maiores esteios. Nós aqui estamos lutando, não pelos bonitos olhos do chefe do Governo Provisorio, mas porque o general, em quem reconhecemos um chefe merecedor da nossa admiração e da nossa confiança, nos ordena que lute. Acredite, porém, que, no dia em que elle deixar o commando das forças, a cousa mudará de figura. Será um passe-passe dos diabos.



Retomamos o caminho, já agora para regressar ao Hotel. E o official diz-me ainda:

— A grande maioria dos officiaes que aqui combatem, pode crer, estão com os seus corações em S. Paulo, que é, realmente, um motivo de orgulho para todos os brasileiros. Mesmo entre o pequeno numero de apaixonados pela Dictadura, encontram-se admiradores da bravura, da resistencia, da fé e do enthusiasmo dos soldados paulistas. Tambem o facto de estarem lá nas trincheiras o que ha de mais fino na sociedade bandeirante leva os defensores do Governo a considerarem melhor a causa que combatem e a respeitarem mais os adversarios.

Sabbado, 27 de Agosto

Eu já disse que as noticias de S. Paulo são aqui procuradas com a maior soffreguidão, como mercadorias raras, como generos de primeira necessidade em casa de pobre. Todos desejam, effectivamente, conhecer o que se passa no grande Estado. E agora, então, com a retirada, depois da partida do capitão Othelo Franco, do radio da Chefatura de Policia Militar, a ansiedade augmentou. Os jornaes paulistas, encontrados nas trincheiras, mesmo aos pedaços, são lidos da primeira á ultima palavra por um sem numero de pessoas e ainda enviados ao Q. G.. E os revolucionarios prisioneiros recebem aqui como que um

vomitorio: os officiaes incumbidos de interrogal-os só os deixam mesmo quando percebem que elles nada mais teem a dizer de novo sobre S. Paulo.

Foi um voluntario preso quem trouxe até Rezende esta informação a respeito do alto commando das forças constitucionalistas, a qual um tenente me transmittiu:

— Ha crise no alto commando constitucionalista. O general Isidoro afastou-se desde o começo da chefia do movimento por não concordar com a orientação seguida pelo general Klinger. Elle queria que a luta se decidisse em Cachoeira, onde se deveria preparar uma tremenda resistencia, deante da qual o Governo entregasse os pontos, certo da impossibilidade de transpô-la. O coronel Euclydes de Figueiredo tambem não ficou satisfeito, pois o seu plano era avançar desde o inicio, mantendo-se em offensiva permanente. O commandante geral das forças revolucionarias, porém, não quiz nem quer nada disso: acha que os paulistas devem ficar sempre em defensiva, esperando o auxilio de outros Estados. Tomou esta deliberação e dahi ninguem o tira. Quando foi da primeira visita do dr. Getulio Vargas á frente de operações em Formoso, o coronel José Joaquim de Andrade, avisado, desejou fazer uma manobra afim de ver se prendia o chefe do Governo. Mas, consultado, o general Klinger discordou e a manobra não se fez. Partidario da defensiva, disse o prisioneiro, elle não admite nem contra-ataques. E, se algum tem sido feito, não o foi, pode-se di-

zer, com o seu assentimento. A sua palavra de ordem é: "sustentar o fogo que a victoria é nossa."

*

* *

Como já assignalei, não ha enthusiasmo entre as forças governistas. Lutando mais por dever do que por gosto, muitos officiaes já agora se recusam a ir para a frente, dando parte de enfermos ou apresentando outros motivos.

Sentado commigo num dos bancos da praça da Matriz, um official, muito ligado ao general Góes Monteiro, falava-me hoje assim, a esse respeito:

— E' claro que lutamos com muito mais bôa vontade como revolucionarios, porque estamos fazendo uma revolução para nós, além de não contarmos com os embaraços que contamos como governistas. Mas é preciso saber tambem que, se o Governo remunera os officiaes, é para que elles, nos momentos necessarios, cumpram, de qualquer maneira, as ordens que recebem. A vida não lhes pertence. Pertence ao Governo, que a adquire com o soldo pago, religiosamente, durante toda a existencia.

*

* *

A offensiva paulista, na região de Pedreiras, produ-

ziu os seus effeitos, tendo sido retomado o morro de que os dictatoriaes se haviam apossado.

Um soldado espiritosantense, pertencente ao 3º R. I. e chegado do "front", dava-me, na porta do Correio Militar, noticias sobre a situação daquella zona:

— Aquillo lá é horripilante, tetrico mesmo. São innumerados os cadaveres que se estendem pelo chão, despreendendo um cheiro excessivamente máo. Nós tomamos o morro e os paulistas o retomaram. Na luta, morreu muita gente. Conseguimos enterrar alguns soldados. Mas os que ficaram, entre as nossas linhas e as linhas adversarias, tiveram de permanecer á flôr da terra, porque a região é dominada não só pelas nossas armas, como pelas dos revolucionarios.

Um soldado aproxima-se e cumprimenta-o, com effusão. Elle pede-lhe que espere um pouco e, respondendo a uma pergunta minha, sobre os paulistas, declara com vivacidade:

— São muito corajosos. Tambem são bem alimentados, bem vestidos e possuem, além de tudo, capacêtes de aço, que lhes augmentam bastante o moral. Elles podem, pelo menos, levantar a cabeça, na trincheira, mais do que nós.

— Para combater na maior guerra que já tivemos — intervem, gravemente, o outro soldado — o Governo dá-nos capacêtes de papelão...

Domingo, 28 de Agosto

Neste domingo calmo, appello para os livros e para os jornaes. Nos jornaes, esta novidade: a proxima partida de uma commissão de intellectuaes e de commerciantes, que vae a S. Paulo tratar da paz.

A noticia causa aqui muita sensação. E a attitude do Governo, consentindo na viagem dos pacifistas, provoca mais tarde, na sala do Hotel dos Viajantes, commentarios desencontrados. Uns officiaes acham que, com isso, o Governo dá, indirectamente, o seu apoio aos propósitos da Commissão e dá, ao mesmo tempo, uma prova de fraqueza. Outros, porém, são de opinião que elle age muito bem, pois demonstra a sua bôa vontade em solucionar dignamente a grave situação que se creou para nós.

Quanto aos resultados da missão pacificadora, ha tambem divergencias. Alguns julgam que a Commissão nada arranjará em S. Paulo, como nada arranjou o sr. Mauricio Cardoso. Outros acreditam que os paulistas concordarão em procurar uma formula honrosa que ponha termo á guerra.

*

* *

Quando terminará a luta? E' isso que todo mundo deseja saber e ninguem sabe. Já interroguei, neste sen-

tido, varios officiaes, que me affirmaram, sinceramente, a sua ignorancia. E um até me contou a historia do chauffeur que, tendo sido encarregado de indagar a opinião de Joffre sobre o fim da Grande Guerra, foi, antes, surprehendido com a mesma pergunta partida do marechal:

— Então, chauffeur, quando acabará isso?

O que se pode assegurar, porém, é que todos desejam a terminação da luta. Hoje, em seguida ao jantar, eu e um official conversavamos sobre o assumpto, depois de alludirmos á tentativa de pacificação dos commerciantes e intellectuaes do Rio. A palestra começou na Estação e foi ter ao outro canto da cidade.

— Quase dois mezes já bastam — affirma o official — para demonstrar a força do movimento armado que combatemos. Se até agora o Governo não conseguiu dominal-o, para que continuar a luta, para que continuar sacrificando vidas e esgotando o paiz? Se se tratasse de communismo ou de separatismo, está claro que deveriamos empenhar todas as nossas forças para vencel-o. Mas, não é isso o que se dá. S. Paulo bate-se por uma Constituição para o Brasil: as declarações dos chefes revolucionarios são muito positivas e esclarecem bem as finalidades do movimento, movimento nacional, porque os seus objectivos são, realmente, os do resto do paiz.

Estamos caminhando pela longa rua onde fica instalada a agencia do Correio. E' ainda o official quem fala, referindo-se agora á actuação do Governo Provisorio:

— O Governo Provisorio devia ter aproveitado me-

lhor as sympathias publicas de que era senhor, em outubro de 1930. Mas o triumpho facil como que o deslumbrou, levando-o a esquecer as promessas feitas á Nação e a ficar á margem das esperanças do povo. Foi o motivo do seu descredito, este de não haver pesado as graves responsabilidades que assumira, com a victoria da Revolução. Derrubara-se uma ordem de cousas, que já não se podia conter de pé, e era preciso crear-se outra, de accordo com as aspirações nacionaes. Não foi isso, porém, o que se viu. Pode-se dizer que quase não se fez construção nova sobre os escombros da Republica Velha. Num arrogante demonstração de incapacidade, a Revolução continuou, depois de vencedora, a destruir, não já os homens e as cousas do regime deposto, mas os homens que a pregaram e as idéas graças ás quaes se tornou triumphante. Estabeleceu-se, então, um regime militarista, em que só mandavam as baionetas. E o programma da Alliança Liberal, que mereceu os applausos do povo e que o levou a apoiar o movimento armado, foi logo posto de lado para dar logar aos "principios" revolucionarios, que nada mais significam do que estrangulamento das liberdades publicas, despotismo, dominio completo da força material. Com esses "principios", nada de bom, evidentemente, se poderia fazer. E o facto é que a desordem começou a tomar conta do Brasil.

Voltamos, depois, para a praça da Matriz. O official deseja ir ao cinema, que é uma das unicas distracções

de Rezende. Acompanho-o, calado, a ouvir, com atenção, as suas palavras de critica severa aos dominadores:

— Durante este anno e tanto de Dictadura, o Brasil, apesar de nominalmente governado pelo sr. Getulio Vargas, foi dirigido por varios inexperientes e exaltados, cuja acção se identifica perfeitamente nos acontecimentos que se desenrolaram durante esse tempo. Diz-se, no Rio Grande, que o actual dictador é um “magnifico segundo e um pessimo primeiro”. De facto, elle nunca dispôs, no Cattete, um responsavel mais directo pela acção governamental. O major Juarez Tavora, puro mas intolerante e intoleravel, foi quem primeiramente manobrou os destinos do paiz. Em seguida, veio o sr. Oswaldo Aranha, muito intelligente, mas muito arrebatado, cuja influencia foi repartida com o Club Tres de Outubro. Depois, o sr. Mauricio Cardoso, que não pode demorar-se muito no Governo, ameaçado como estava de afogar-se na onda violenta do outubrismo. E, por fim, o capitão João Alberto, que continúa firme com o seu prestigio. A direcção do paiz tem, desta forma, passado, em dois annos, de mão em mão, levando-nos a viver num constante zigzaguar, cujas consequencias só poderão ser-nos maleficas. De todos esses homens a quem o sr. Getulio Vargas, ou por commodismo, ou por perfidia, ou por incapacidade, entregou o bastão governamental, o que melhor serviu ao paiz foi, indiscutivelmente, o sr. Mauricio Cardoso. Figura respeitada, a quem ninguem negava “espirito revolucionario”, elle conse-

guiu, com a sua autoridade, soffrear por algum tempo a inquietação dos jovens outubristas. Mas estes não deixaram nunca de, ás escondidas, á socapa, continuar a desferir os seus golpes contra a tranquillidade do paiz, até que, assignado o Código Eleitoral, se lançaram, em represalia, ao empastellamento do "Diario Carioca", trincheira de combate de um jornalista que, ha não sei quantos annos, antes delles, se vinha batendo pela Revolução e que não podia, evidentemente, applaudir os seus desatinos.

Estamos á porta do Hotel Central, bem proximo do cinema.

— Não! — declara-me, por fim, o official, num gesto de revoltado — A Revolução actual era inevitavel, como um protesto violento contra o estado de cousas a que nos conduzirem. Ou S. Paulo a faria ou outro Estado. E S. Paulo, fazendo-a, reafirmou, mais uma vez, as suas tradições: elle é o mais anti-militarista dos Estados do Brasil e, ante continuar assistindo ao dominio do militarismo, não só no resto do paiz, como dentro das suas proprias fronteiras, preferiu o sacrificio, nesse gesto de heroismo que a Historia ha de fixar como uma das mais brilhantes affirmações de dignidade patriótica.

Segunda-feira, 29 de Agosto

E' a primeira vez que me dirijo ao Grupo Escolar de Rezende, onde agora se acham installados os serviços

do Quartel General. Elle fica escondido, ao lado da Igreja da cidade, com uma porção de arvores a rodeal-o. Um soldado, de fuzil em punho, guarda-lhe a porta e barra-me a entrada. Peço-lhe para chamar o tenente Faria Lemos, ajudante de ordens do general Góes Monteiro. E, enquanto elle vae chamal-o, fico observando o movimento ali, a estas horas da noite, 20 horas. Vejo o commandante Ary Parreiras, interventor do Estado do Rio, que aqui veio conferenciar com o chefe das forças dicatoriaes. Vejo o coronel Pantaleão Pessôa, que passa, com a sua cabelleira grisalha, de um lado para outro. Vejo o major Paquet. E vejo agora o tenente Faria Lemos que vem ao meu encontro. Digo-lhe o que desejo: falar ao general. Elle me adianta que o general tem andado doente, mas vae, comtudo, saber se eu posso ser recebido. Nova espera, menor que a outra. E o tenente volta para mandar-me entrar.

O predio do Grupo, é claro, nunca pensou em hospedar tantos officiaes. Fôra feito para abrigar creanças, cuja intelligencia deveria ali ser aberta com a machadinha da carta de ABC. O Exercito de Léste não tinha, nestas condições, direito de exigir-lhe accomodações promptas e boas, de onde o seu E. M. pudesse, á vontade, expedir ordens aos soldados para matarem ou morrerem, a varios kilometros adiante. Os officiaes naturalmente se conformaram. E as salas amplas do edificio, onde as professoras davam as suas aulas, estão hoje divididas em pequenas secções e cheias de homens fardados.

O gabinete do general Góes Monteiro tem tres paredes de tijolo e uma de panno. Entra-se nelle por esta ultima, levantando-se um grosso e largo cobertor. Dentro, o que ha de mais simples: uma cama de casal, duas cadeiras, uma meza e uma mala. Em cima da meza, ao centro da qual se levanta, ostensivo, um espelho grande, que me olha fixamente, como a desconfiar das minhas intenções, varios papeis em desordem, exemplo de indisciplina que eu não acho muito conveniente. Entre os papeis, importantes e bohemios, alguns livros. Leio-lhes os titulos: "A vida mysteriosa de Mata Hari", "No caminho da insurreição", de Lenine, "Technique du coup d'État", de Malaparte, e outros.

Quando chego, o general está de pé, sozinho. Percebe a minha curiosidade, olhando os livros, e fala:

— E' preciso lêr de tudo.

Senta-se e indaga-me, com a physionomia serena:

— "É a offensiva da paz? Ao meu ver, ella não surtirá os effeitos desejados. Já estou mesmo tomando as providencias que, no caso, me competem. Acabo de enviar ao dr. Getulio as minhas memorias numero 4, em que dou francamente meu ponto de vista sobre o assumpto, e ainda hoje escrevi ao almirante Protogenes."

Manda chamar, então, por um soldado, o major Paquet, a quem pede a copia da carta que enviou ao ministro da Marinha. E, depois, lê para mim trechos das

suas memorias, ao chefe do Governo, em que declara que a paz não deve ser feita como querem os constitucionallistas.

A carta ao almirante Protogenes é logo trazida ao general e elle abandona as memorias para me mostra-la. Começa dizendo, nesse documento, que já teve opportunidade de tratar da pacificação enviando mesmo ao coronel José Joaquim de Andrade, em Julho, uma proposta concreta para a terminação da luta. Agora, com a noticia da partida para S. Paulo, num vaso de guerra, de uma commissão destinada a tentar a paz, apressava-se em transmittir ao almirante, por escripto, o seu pensamento, já, aliás, externado no decorrer da conversa telephonica que tiveram pela manhã. Julga que se deve respeitar a memoria dos que bravamente tombaram no campo da luta, em defesa do Governo, sendo, por isso, necessario pesar bem as condições em que se deve acceitar a paz, a fim de que esta não constitúa uma derrota integral para a Dictadura. E formúla, por fim, os itens que, na sua opinião, devem ser enviados aos paulistas, os quaes são, com excepção de um ou outro, os mesmos que elle me dera a conhecer no dia 20 de Julho.

Falo, em seguida, das propostas de paz que, segundo soube, foram mandadas do Rio para S. Paulo e pergunto se o general Klinger já as respondera.

— “Ao que estou informado — diz-me o chefe dictatorial — já respondeu, mas com umas contra-propostas

que absolutamente não podem ser acceitas. A primeira, por exemplo, impõe a entrega do Governo á Junta Militar de 24 de Outubro. A segunda indica o almirante Protogenes para a chefia do novo Governo. E a terceira quer a constituição de uma junta governativa, composta de tres membros, um civil e dois militares, sendo um da Marinha e outro do Exercito. O Ministerio seria, em qualquer caso, de concentração nacional, devendo o Ministro da Guerra ser elle, Klinger, ou uma pessoa de sua escolha. Estabeleciam tambem as contra-propostas a deposição das armas por parte do Governo Provisorio, mudança de interventores, Constituição immediata, etc.. Como vê, isso é um absurdo e nós não devemos acabar a guerra por esta forma. E' melhor que continuemos a lutar: pacificação dessa natureza não é pacificação, é anarchia. E eu lhe asseguro que terminaremos ganhando."

O general fala como quem está aborrecido. Tira os olhos, que puzera para lêr a carta, e levanta-se. Pela primeira vez o vejo assim, irritado e muito optimista quanto aos resultados da luta. E a sua irritação provem, naturalmente, desse optimismo, dessa certeza na victoria das armas dictatoriaes, que elle demonstra agora, depois da sua viagem a Minas, de onde passou varios telegrammas a autoridades, exaltando o animo dos soldados que ali combatem. Alludo a essa viagem e elle me diz:

— "A frente mineira, que faz parte do Exercito de Léste, estava em pouca actividade. Fui lá para verificær o estado da tropa e as condições do terreno, afim de dar,

com mais segurança, as minhas ordens. A estas horas, já deve ter começado a offensiva que ordenei por ali, visando o rompimento da linha paulista na direcção de Campinas. ”

Refiro-me á população mineira, que, conforme me dizem, se tem mostrado hostil ás tropas federaes.

— “Não é tanto assim — friza o general. Ha algumas cidades que, de facto, fazem resistencia passiva á acção das tropas dictatoriaes, como Itajubá, por exemplo. Mas todas, não.”

No sul de Minas, quem tem mais influencia politica é o sr. Wencesláo Braz, que, embora não tomando attitude muito saliente contra o Governo Provisorio, apoia o movimento paulista. Alludo ao facto e trago, em seguida, á conversa o nome do sr. Arthur Bernardes, de cujo prestigio, não só na zona da Matta, como em todo o Estado, dou o meu testemunho.

O general, que já se acha novamente sentado e que me ouvia com attenção, fala agora:

— “Eu escrevi aquella carta ao dr. Arthur Bernardes porque sou seu amigo e queria salvá-o.”

Pergunto-lhe, depois, se são verdadeiras as noticias correntes á tarde, segundo as quaes o Tunnel havia sido abandonado pelos constitucionalistas.

— “Se elles já o abandonaram, não sei — responde-me. A informação que tive foi de que o Tunnel está minado. E, nestas condições, já dei até ordens ás forças que

ali operam, sob o commando do coronel Barcellos, para que não avancem senão com muito cuidado.”

A minha curiosidade não se satisfaz deante da accessibilidade do general. Deixo que o coronel Pantaleão Pessôa, que vem consultal-o sobre qualquer cousa, se retire, e o interrogio, logo em seguida, sobre a situação do Rio Grande. Ao que eu soubera, havia rebentado lá um movimento armado.

— “Não foi bem um movimento armado — declara o general — porque o Flores conseguiu evital-o. O Celler, o Luzardo e o Pilla tentaram, realmente, uma perturbação de ordem em Sant’Anna do Livramento, mas não obtiveram o exito que desejavam. Elles estavam, ao que parece, em ligação com tropas gaúchas que aqui combatem, pois alguns officiaes da Brigada procuraram tambem revoltar os seus camaradas. Já mandei até para o Rio varios desses officiaes. E, no Exercito Sul, a mesma cousa tem succedido, em maiores proporções.”

Da situação do Rio Grande, passamos a falar do seu Governo e do sr. Mauricio Cardoso, que esteve no Rio, como enviado do general Flores da Cunha. E o commandante das forças dictatoriaes relata-me o seguinte:

— “Tive occasião de conversar, no Rio, com o sr. Mauricio Cardoso e ouvir as suas impressões sobre S. Paulo. Elle me disse que o Estado em peso apoia o movimento. Agora, quanto ao desfecho que deve ter a luta, teme tanto a victoria do Governo como a victoria de S. Paulo. Teme a victoria do Governo por causa do “Tres

de Outubro” e teme a victoria de S. Paulo por causa dos politicos da Republica Velha.”

Refiro-me, finalmente, á situação do Rio, cujo movimento, ao que se affirma, deveria ser dirigido pelo general João Gomes.

— “Não acredito — atalha o general Góes Monteiro. O general João Gomes, depois de deixar o commando da 1ª Região, declarou ao dr. Getulio que não queria commissão e que não temesse attitudes suas contrarias ao Governo, pois cumpriria apenas ordens do Ministro da Guerra. O general é um homem de character e eu creio na sua palavra.”

Terça-feira, 30 de Agosto

O almirante Protogenes Guimarães chegou aqui hoje, cedo, logo se dirigindo para o Q. G., onde esteve em conferencia com o general Góes Monteiro. Só depois do almoço, cerca de duas horas da tarde, é que o Ministro da Marinha deixou Rezende com destino ao Rio.

Motivo da sua viagem: a ida a S. Paulo, para tratar da paz, da commissão de commerciantes do Rio. Veio saber o minimo de condições que o general desejava para que se fizesse um entendimento.

Impressão de alguns officiaes com quem conversei: não se fará entendimento algum.

*

* *

A' tarde, commenta-se, no Hotel dos Viajantes, a situação do Rio Grande. Todos acham que, sem elle, o Governo estará liquidado. O general Góes já declarou que o sr. Flores da Cunha é o fiel da balança. Os officiaes se referem a isso, mas não são unanimes em applaudir a attitude do interventor. Ha quem o elogie e ha quem o ataque tambem. E, a proposito, conta-se até este episodio, verificado em Porto Alegre:

— Antes da sua ultima viagem ao Rio, o Flores, falando ao Luzardo, em Palacio, sobre a revolução, pediu-lhe para entender-se com o general Andrade Neves, afim de ver se este dava ao movimento a sua solidariedade. O Luzardo esteve com o commandante da Região e alludiu ao assumpto. Mas o general Andrade Neves se recusou desde logo:

— Já assisti a duas Revoluções: uma em 89, quando ainda era cadete, e outra em 30, como general. Poupe-me, dr. Luzardo, o desgosto de assistir a uma terceira.

*

* *

A offensiva de que o general Góes Monteiro me falava hontem, á noite, não se verificou somente em Minas, mas se estendeu por todas as frentes do Exercito de

Léste. O dia inteiro foi um gasto immenso de munições e de vidas. Os paulistas, porém, repelliram com vigor os ataques dictatoriaes, não havendo sido rompida nenhuma das suas linhas mais importantes.

Nos combates de hoje, na região de Silveiras, tomou, atingido por um estilhaço de granada no coração, o capitão Cicero de Góes Monteiro, commandante de um batalhão do 9º R. I., de Pelotas, e irmão do chefe das forças do Exercito de Léste. Era um homem digno e bom, esse, a quem a morte procurou precisamente pelo coração que, generoso, nunca deixou de acolher ninguém...

— Motivos de saude trouxeram-me, neste dia, ao Rio. Não podendo regressar immediatamente a Rezende, para lá seguiu, em meu lugar, um companheiro do "Diario da Noite". A sua demora foi, porém, muito curta. E a explicação do facto está num bilhete que a Mario Magalhães dirigiu o coronel Avila Lins. Nelle, o chefe da Policia Militar declara que, "tomando parte, como tomou, na rebelião de Minas, o sr. Assis Chateaubriand lançára a desconfiança sobre os Diarios Associados e levára o Governo a não consentir mais na permanencia de representantes dessa organização jornalística na zona de operações militares".

**A Palavra do Commandante das
Forças Dictatoriaes**

Logo depois que a Revolução terminou, eu procurei o general Góes Monteiro afim de pedir-lhe uma entrevista para o livro que agora publico. Desejava a sua opinião sincera sobre as condições e as possibilidades materiaes dos paulistas e do Governo para a luta armada. Queria a sua palavra autorizada, de chefe das forças dictatoriaes, sobre a guerra e sobre o desfecho natural que ella deveria ter tido.

Encontrei-o no seu appartamento do America Hotel, ouvindo esplendidas musicas classicas e lendo o caderno de referencias que a “Lux-Jornal” distribue aos seus assignantes. O general refere-se, antes, á critica que lhe é feita num dos artigos ali presentes:

— “Criticam-me porque falo muito. Interessante. . . Falo para defender e propagar minhas idéas. Se eu não as defender, se eu não as propagar, quem o fará neste paiz de vaidosos, confusionistas e rabiosos, que não toleram aos outros terem idéas? Acredito que esta attitude seja a mais certa e a mais aconselhavel e não me importo que me censurem por isso. No dia em que verificar que a minha palavra já é desnecessaria, então saberei man-

ter-me em silencio. Pois não passei quarenta annos calado? Mas ainda ha outra cousa a considerar. Estando, como estamos, num regime de dictadura, sem parlamento e sem outro meio de communicacão com o povo, acho que os homens publicos, os que possuem certas responsabilidades no actual estado de cousas, teem, ainda mais, o dever de falar, pela imprensa, aos seus patricios, dizendo-lhes sinceramente o que pensam disto ou daquillo, deste ou daquelle problema, desta ou daquella idéa, procurando, enfim, oriental-os. Se a sua opiniao não fôr aceita pela maioria, está direito. Devemos ser dynamicos. Nada no mundo é estatico. Tudo muda. E por que os homens, principalmente os homens politicos, que necessitam acompanhar as aspirações populares, não podem modificar os seus pontos de vista? Com isso, dão até um exemplo de superioridade: quem se contradiz, evolue; e quem não se contradiz, ou é imbecil ou é divino. E eu sou apenas humano."

Uma verdadeira guerra civil

A victrola cala-se agora, definitivamente, para que eu ouça melhor as palavras do general. Elle levanta-se e começa a andar de um lado para outro. Colloca, depois, o caderno da "Lux" em cima de uma pequena mesa, onde já se encontram os "Colloquios com Mussolini", de Ludwig, e um livro sobre Napoleão, a affirmarem-nos alegremente que estão sendo lidos.

Entro, então, no assumpto que ali me leva. É a primeira pergunta que lhe faço é sobre se considera uma verdadeira guerra civil os oitenta e tantos dias de luta a que acabamos de assistir. A sua resposta é immediata:

— “Pois não. Do ponto de vista restrictivo e attendendo-se, naturalmente, aos nossos recursos e ás nossas condições mesologicas, foi uma verdadeira guerra civil a que tivemos, tal o vulto dos elementos postos no tablado da luta. S. Paulo, que é, sem duvida, a principal unidade da Federação, além de contar com o concurso de outros elementos em varios pontos do paiz, sobretudo em Minas, no Rio Grande e no Rio de Janeiro, mobilizou, de facto, a totalidade das forças vivas de que poderia dispôr no momento para lançar-se contra o Governo Provisorio.”

A Dictadura á mercê de São Paulo

O assumpto, já trazido á conversa, ainda vae render muito. O general acha que presenciámos a uma verdadeira guerra civil e fala, com firmeza, da força de S. Paulo. E as possibilidades da Dictadura? Ella estava em condições de se oppôr efficientemente ao movimento?

— “Não, não estava e o recebeu com grande surpresa. Ninguém esperava que S. Paulo pudesse encabeçar uma revolução. Embora o sr. Flores da Cunha garantisse ao dr. Getulio que de qualquer forma manteria a ordem em seu Estado, temia-se mais, a esse respeito,

o Rio Grande do Sul, cuja frente unica romperá, dias antes, com o Governo Provisorio."

E, em seguida, respondendo a uma pergunta minha sobre a phase mais difficil da Dictadura, no decorrer do movimento armado:

— "A phase realmente difficil para a Dictadura foi a do inicio. S. Paulo teve a vantagem da iniciativa, da mobilização e da concentração dos elementos de que dispunha, podendo, assim, graças aos seus excellentes meios de transporte e outros recursos de natureza diversa, com que não contava o Governo, lançar, num menor tempo e pelo caminho mais curto, uma massa consideravel sobre o Rio de Janeiro. Estava mesmo em condições de obter a decisão favoravel da luta, se, dentro de 48 horas, tivesse jogado elementos avançados para a região dos tunnels da Serra do Mar e para a estrada Rio-S. Paulo. Porque uma operação nesse sentido, decidida, preparada e executada com rapidez, daria resultados imprevistos e lhe asseguraria todas as possibilidades de exito, interrompendo praticamente as communições com Minas, cujo auxilio era para nós indispensavel, perturbando e difficultando muitas providencias do Governo e produzindo effeito de grande alcance moral. Sim: todas as vantagens iniciaes, inclusive a surpresa, no terreno militar, e um grande numero de factores ponderaveis, no terreno politico, estavam com os paulistas. A Dictadura poderia até ser esmagada logo no primeiro choque. E, se não o fosse, sentiria grandes difficuldades para sustentar-se. Em meio

às incertezas, duvidas e confusões provocadas por qualquer golpe militar, a sua situação naturalmente continuaria precaria, dando margem ao surto de outras desordens. Como combater, enfim, um inimigo poderoso que se apresentava inesperadamente ás portas da cidade? Não ha duvida que a Dictadura esteve mesmo, no inicio do movimento, inteiramente á mercê de S. Paulo. A sua sorte só dependeu delle.”

S. Paulo em 32 e a Allemanha em 14

O general faz agora um parallelo entre a situação de S. Paulo, em 1932, e a da Allemanha, em 1914:

— “Guardadas as proporções, a posição de S. Paulo tornou-se identica á dos Imperios Centraes, na Grande Guerra. Embora não pudesse communicar-se com o exterior, em virtude do bloqueio, elle era capaz de atacar, em muitas frentes simultaneas, um inimigo cuja preparação seria mais lenta e não podia, desta forma, concentrar-se, ao mesmo tempo, nessas varias frentes. Mas os seus chefes militares não souberam aproveitar-se da situação excepcional que se lhes offerencia e se mantiveram sempre, inexplicavelmente, em defensiva, esgotando todas as suas energias. Em vista de tal inacção, o Governo teve tempo bastante para, concentrando meios poderosos, neutralizar os effeitos da surpresa, estabelecer o equilibrio das forças, romper esse equilibrio em seu fa-

vor, fazer refluir o adversario sobre S. Paulo e depois vencel-o, apertando-o numa tenaz. Estrategia de esmagamento contra estrategia de esgotamento.”

A Revolução de 30 e a de 32

Ha agora uma pequena interrupção com a chegada de um visitante. E o general prosegue, depois, nas considerações que vinha desenvolvendo sobre as consequencias da inacção do commando constitucionalista:

— “Já quando houve as tentativas de levantes parciaes no Rio Grande, Minas e no Norte, todas as contra-medidas estavam tomadas, só servindo, assim, esses levantes tardios para augmentarem as forças moraes e materiaes do Governo. Desde que S. Paulo não obteve a decisão dentro dos primeiros dez dias de luta, estava, salvo imprevisto, definitivamente perdido. Tanto que, em 19 de Julho, me communiquei com o dr. Getulio, assegurando-lhe a victoria final.”

— Mas a revolução de 30 não passou vinte e um dias para conseguir o triumpho? — observa alguém, que assiste á nossa conversa.

— “Sim — replica o general. Mas, em 30, nós nos lançavamos rapidamente sobre o Rio de Janeiro, do Norte, do Centro e do Sul. O Governo, surprehendido, perdeu o sangue frio e não se poude oppôr efficazmente a nenhum golpe nosso. Agora, não. A cousa foi differente, porque os chefes revolucionarios trocaram os papeis connosco,

do Governo: ao envez delles avançarem, nós é que avançavamos.”

Os erros dos chefes constitucionalistas

— Acha, então, que os paulistas commetteram grandes erros?

— “Erros — pondera o general, com a sua autoridade de chefe militar e de commandante do Exercito de Léste — sempre são commettidos na guerra, quer pelos chefes, inclusive os mais notaveis generaes, quer pelos executantes. A guerra tem principios fundamentaes, cuja violação sempre produz os peiores effeitos, as mais das vezes insanaveis. A Historia nos mostra grandes generaes vencidos por mediocridades, que podem aproveitar-se de circumstancias favoraveis e até de simples obras do acaso. E’ natural, deste modo, que do lado dos paulistas tenham sido commettidos erros graves e irreparaveis, como tambem é possivel que do lado das tropas dictatoriaes tenha havido outros tantos, cujos effeitos não repercutissem tão fortemente no desenrolar dos acontecimentos. Está aqui, por exemplo, um erro dos paulistas de consequencias funestas: elles não deviam ficar inactivos nas primeiras quarenta e oito horas do movimento, mas jogar, ao contrario, na propria noite de 9 para 10 de Julho, o maximo da sua força disponivel contra o Rio, que era o inimigo mais perigoso. Esmagado este e se a decisão final não fosse logo obtida, então se voltassem contra os

outros elementos dictatoriaes, vindos dos Estados, cujos meios de transportes eram mais lentos.”

Para dar a mão ao Rio Grande

O general faz uma pausa para accender um cigarro. E agora allude a uma manobra que os paulistas poderiam ter feito:

— “Noutra phase da campanha, desde que se tornou impossivel romper a frente defensiva do Parahyba, ainda poderia ser tentada uma manobra, visando dar a mão ao Rio Grande do Sul. Essa manobra consistiria em cobrir-se defensivamente nos valles do Parahyba e do Mogy-Mirim e atirar o grosso das forças para o Sul afim de talhar em peças o Exercito do general Waldomiro Lima, abrir caminho para o Paraná e provocar acontecimentos novos no Rio Grande. Já em certa altura, porém, essa manobra seria perigosa e poderia trazer, entre outras consequencias irremediaveis, a perda da cidade de S. Paulo e dos centros vitaes do Estado, que o Exercito de Léste atacaria por muitas direcções, procurando desfogar a situação do Exercito Sul, se esta ficasse compromettida.”

As armas paulistas que mais se destacaram

O general detem-se um pouco na janella, olhando um casal de periquitos que brinca, alegremente, numa gaiola

de arame. Faça-lhe uma nova pergunta. Pergunto-lhe quaes foram, a seu ver, as armas paulistas que mais se destacaram na luta, e elle declara-me:

— “De um modo geral, apesar da sua inferioridade em relação ao inimigo, a aviação paulista se mostrou audaciosa e efficiente, no que era favorecida por certas condições peculiares á propria situação geral. Quanto ás demais armas, é indiscutivel que se batiam com grande ardor e com vontade de vencer, mas possuiam, geralmente, mais o espirito defensivo do que offensivo. Tambem são elogiaveis as organizações defensivas construidas sobre o terreno, principalmente as de Engenheiro Neiva, a despeito de certas imperfeições de ordem technica.”

Interrogo, em seguida, o general sobre as acções mais brilhantes dos paulistas durante a campanha.

— “Como já lhe disse — responde-me elle — os paulistas quase não fizeram offensivas, embora dispuzessem de meios capazes de garantir-lhes grande exito em varios movimentos dessa natureza. São, entretanto, de salientar, os contra-ataques realizados no valle do Parahyba, os quaes tiveram vigor e alcançaram algum resultado. Tambem não se pode deixar de exaltar, por outro lado, a resistencia delles, lutando mais de oitenta dias contra um inimigo que logo se lhes tornou muito superior em homens e em armas.”

As armas do governo

O general já discorrera muito sobre os paulistas. Na sua opinião, elles, possuindo elementos formidaveis, podiam, em resumo, ter vencido a guerra, se não fosse o espirito defensivo que, durante quase todo o tempo da Revolução, dominou os seus chefes militares.

Agora, alludo ás armas do Governo, perguntando-lhe tambem as que mais se destacaram no movimento. E noto que é com crescida satisfação que elle se externa sobre ellas:

--- “A despeito da diversidade de typos, que tiveram o seu emprego logico, conforme as circumstancias, a artilharia apresentou-se homogenea no pessoal e foi decisiva para quebrar as resistencias do adversario. A infantaria não se apresentou tão homogenea, mas foi a arma de sacrificio, destacando-se certas unidades de maneira realmente notavel. O 3º R. I., de espirito offensivo e gráo de resistencia physica e moral bastante elevados; o 1º R. I., o 22º B. C., as unidades policiaes de Sergipe, Bahia, Parahyba e Rio Grande do Sul, inclusive o 14º Provisorio; o 10º R. I., o 29º B. C., o 2º R. I., o 25º B. C., o 20º B. C., o 1º B. C., o 9º R. I., o 11º R. I., a infantaria de Marinha, emfim quase todas as unidades, apesar de algumas fluctuações proprias da guerra, cumpriram bem o seu dever. O mesmo se verificou com a cavallaria,—o 4º R. C. D., o Regimento Escola e o 1º R. C. D.. A engenharia foi verdadeiramente admiravel, so-

bretudo o 1º B. E.. A aviação, arma por excellencia dos bravos, foi incansavel e denodada e prestou relevantes serviços ao Exercito de Léste, a despeito de, embora superior em numero aos paulistas, ter de tripartir-se e lutar com serias difficuldades.”

Refiro-me ás acções mais destacadas dos dictato-
riaes e ouço a opinião do general:

— “As acções mais destacadas das forças que defenderam o Governo Provisorio foram a de Itararé, de grande effeito psychologico; a de Bury, que noz abriu o caminho para Itapetininga; a de Eleuterio, que facilitou o nosso avanço na direcção de Campinas; a de Silveiras-Pinheiro, que deixou a cidade de S. Paulo quase a descoberto pelo recúo das suas tropas; e numerosos combates travados continuamente em diferentes pontos da frente Parahyba-Tunnel-Mogy Guassú.”

Os novos generaes

Um bronze pequeno de Napoleão erectamente montado a cavallo prende uns papeis que se encontram sobre a meza. O general, que já está sentado, aproxima-lhe a mão e segura-o. Uma lufada de vento invade, neste instante, desrespeitosamente, a sala e dá azas aos papeis. Um official presente adianta-se para apanhal-os, emquanto Bonaparte volta ao seu lugar e o general me fala dos officiaes do Exercito de Léste que mais se distinguiram durante a luta:

— “São muitos os officiaes das differentes armas e serviços e de todos os postos, desde o general ao tenente, que cumpriram bem o seu dever militar e revelaram ainda faculdades e qualidades excepçionaes de conductores de homens. A maioria dos ultimos generaes é constituída por verdadeiros chefes, que conquistaram os bordados no campo de acção. Talvez fosse mesmo a unica occasião em que tivesse prevalecido, nas promoções ao generalato, o criterio da selecção profissional sobre o das injuncções de character politico, que ainda está arraigado nas nossas normas. Vamos ver agora se, daqui por deante, esse criterio de selecção de valores continuará a ser seguido e aprimorado para todas as promoções.”

Os sargentos e os soldados

O telephone do appartamento do general raramente está em silencio. Importuno e mal educado, não passa talvez cinco minutos sem fazer-nos escutar a sua voz tintante. Elle bate agora. O general attende ao seu chamado. E depois, sem ligar-lhe muita importancia, volta a sentar-se, retomando o fio das suas impressões sobre as tropas que commandou:

— “O corpo de sargentos mostrou-se, na sua quase totalidade, corajoso, capaz e disciplinado, merecedor, portanto, de todo elogio e de melhor aproveitamento e recompensa ao valor demonstrado. Tambem a materia prima, isto é, os soldados de qualquer procedencia, foi a me-

lhor que se poderia desejar. Em regra, o que lhe falta é instrucção, dados os defeitos da nossa organização e da nossa educação militar e geral. Mas são uns soldados bravos, valorosos, com espirito de patriotismo muito desenvolvido e aptos a se submeterem ás provas mais rudes.”

S. Paulo, 35.000; Dictadura, 100.000

Até agora, não se sabe ao certo quantos homens a Dictadura pôz em armas para combater o movimento de S. Paulo, cujos effectivos, segundo o testemunho dos seus chefes militares, não foram além de 35.000 soldados. A minha curiosidade se fixa neste ponto e eu não deixo de interrogar a respeito o commandante das tropas governistas. Elle me dá com a mesma naturalidade de sempre a informação pedida:

— “Na ultima phase da luta, o Exercito de L'éste apresentava cerca de 35.000 homens em linha e o Exercito do Sul mais de 18.000. Esses effectivos ainda estavam, no entanto, aquem do que fôra previsto pelo plano de operações por mim organizado, achando-se ainda numerosas tropas em curso de transporte para a zona de operações, vindas do Norte e do Sul. Contando-se as forças dos dois Exercitos com as que estavam de viagem e as das guarnições de segurança do Rio de Janeiro, de Minas Geraes, do Rio Grande do Sul, de Matto Grosso,

theatro secundario da luta, e de outros pontos do paiz, deviam elevar-se a 100.000 o numero de homens que o Governo pôz em armas."

A Critica e Arnon de Mello

“S. Paulo Venceu!”, que attinge, em tão pouco tempo, á 4ª edição, marcando, assim, um admiravel record de livraria, foi recebido, em todo o paiz, com os maiores elogios.

Os seus editores destacam abaixo algumas apreciações que lhe fizeram figuras de grande projecção intellectual e autoridade, entre as quaes se encontra o proprio commandante do Exercito da Dictadura.

...“Estas reflexões, embora fragmentadas, e a lembrança recondita dos conceitos de Vigny ocorreram-me ao recordar o nosso ultimo conflicto interno, nas suas causas e nos seus effeitos, lendo os episodios, observações e conclusões registradas nas notas de reportagem intelligentemente escriptas pelo jornalista Arnon de Mello, que acompanhou, durante algum tempo e em varias passagens, o desenrolar do drama cujo scenario se verificou no valle do Parahyba.

A narrativa desses acontecimentos, — cuja actividade e fertilidade se manifestam impressionantemente grandes no nosso meio, após o movimento de 9 de julho do anno findo — tem inspirado os nossos plumitivos, que tambem tentam certamente interpretar e descrever os factos, segundo as suas tendencias e a visão de cada um delles.

Em face da abundancia dessas producções, no terreno recente da historia do segundo semestre de 1932, arriscam-se a penetrar nos dominios do logar-commum e, quiçá, da inverdade.

Mas o livro “São Paulo venceu!” destaca-se, a meu ver, dessa vulgaridade.

Sob a forma de registro diario, o seu autor experimenta focalizar aspectos muito interessantes da campanha no Valle do Parahyba, com circumstancias proximas ou afastadas, relacionadas com a lucta sangrenta desencadeada pelos preconceitos, a incomprehensão e a ambição dos homens.

Com verdadeira argucia de espirito, o sr. Arnon de Mello

alliou a sua reconhecida technica de jornalista a um fino poder de observação.

Traduzindo os successos com fidelidade, tanto quanto lhe permittiram as suas faculdades de apprehensão, procurou revivel-os e interpretal-os com probidade literaria, embora sujeitos ás suas inclinações pessoaes e convicções politicas.

Não se trata, portanto, de obra deformavel e representa um forte subsidio para a analyse dos acontecimentos, no futuro."

General Góes Monteiro

("Correio da Manhã" — Rio, 21-5-933).

"Arnon de Mello publica em volume suas impressões das operações militares do chamado Exercito de Léste, nos acontecimentos de julho a setembro do anno passado.

São notas rapidas, verdadeiros instantaneos photographicos; mas o operador agiu e trabalhou com tanta frequencia que esses aspectos, reunidos, classificados, articulados, tomaram a feição de um film. E' realmente uma descripção minuciosa de tudo o que o autor nos faz. A narração empolga, pois Arnon de Mello não é só um reporter; é um escriptor que se firma, ainda aos vinte e poucos annos de idade. E ha, para o complemento do interesse de seu livro, a circumstancia de que Arnon de Mello esteve sempre em contacto com o estado-maior do commandante do Exercito de Léste, quando não com o proprio commandante, que o tomou em estima. Elle pôde, assim, vêr e surprehender muitos factos de alta significação, dos quaes se desprende uma philosophia lisongeira, que, mesmo a menos de um anno de distancia, despe na praça publica innumerous heroes e enaltece o espirito de sacrificio dos insurrectos paulistas.

Todas as paginas do livro teriam sido paginas de jornal: Arnon de Mello era, na frente de operações, o enviado especial de um consorcio jornalístico. Mas a grande Tolice Universal, quero dizer a Censura, impediu a publicação logo das primeiras correspondencias. Elle, então, adoptou o gracioso expediente de escrever duas especies de impressões: uma, de retalhos de communicados, que era a de que o governo tolerava o conhecimento; a outra, a de seu diario de guerra, que elle

guardava e não seguia para nenhum jornal, estando, como estavam, todos, em penitência de silêncio e os jornalistas em retiro espiritual.

São estas ultimas impressões, as reaes, aquellas em que o autor põe sua alma e, portanto, sua sinceridade, que constituem o livro.

Esse livro tem um titulo que é uma these. Chama-se: "São Paulo venceu!" Na vibrante introdução que lhe faz, Arnon de Mello desenvolve o pensamento do titulo, que é o seguinte: o movimento paulista de 32 completou o movimento de 30.

E', de facto, possivel sustentar este argumento. O movimento de 30 — sobre cujas intenções opponho todas as reservas — não era, a meu vêr, senão um golpe de cupidéz, em que se coordenaram varios factores de ambição e outros, subalternos, tanto que não teve programma, a não ser a distribuição immediata das fatias do poder e a proscricção violenta de todos os que pudessem ser não já um óbice, e sim um simples contraste, a este fim. Mas reconheço — e nem poderia, lealmente, deixar de fazel-o — que o que se acreditou, em muitas camadas da sociedade brasileira, foi que o movimento de 30 possuia um ideal de justiça e de reforma.

Partindo deste principio, chega-se a vêr que o movimento estava sendo corrompido por seus beneficiarios, que de justiça não curavam e muito menos de reforma, entregues, como se achavam, na phrase de João Neves da Fontoura, ao "caporalismo" mais evidente e desmedido. Foi, então, ahí, que São Paulo se levantou, para corrigir a obra. Os tres meses de luta que sustentou, se lhe não deram a victoria das armas, abriram, comtudo, o espirito dos dominadores para a realidade e os induziram a processar, quanto antes, o regimen constitucional.

Foi assim — é a conclusão do livro — que São Paulo venceu.

A these é suggestiva, como se vê. Eu chegaria, talvez, á mesma conclusão, por outros caminhos e sem aquelle ponto de partida. Mas não vale discutir, quando o livro é intelligente e revela, além de um escriptor, um character forte e independente."

Costa Rego

("A Tribuna" — Santos, 24-5-933).

...“Tenho aqui deante de mim mais um livro sobre a historica jornada. E’ *São Paulo venceu!* — de Arnon de Mello, o primeiro que apparece do lado de cá, contando o que se passou no sector mais ameaçado das forças dictatoriaes. E’ a voz de outro sino.

Mas, curioso, essa voz, longe de destoar, dissonante, harmoniza-se, funde-se, na orquestração dos carrilhões paulistas, que celebram o heroísmo e a victoria moral de S. Paulo.

Livro sereno, de instantaneos de momentos interessantissimos da lucta, dos seus minutos mais tragicos, *São Paulo venceu!* — é mais uma prova não só do talento, mas da bravura do jornalista adolescente que estreou na imprensa do Rio, em 1930, indo bater á porta dos vencidos, para conceder-lhes a palavra.

Aliás, nessa occasião, com o choque, a maioria delles havia perdido a voz.

E não a recuperaram, alguns, até hoje.

Arnon de Mello sustenta no seu livro a these de que *São Paulo venceu!* reintegrando a revolução de 30 em si mesma, e completando-a. E’ difficil saber, antes de tudo, o que foi essa revolução, para depois verificar se de facto ella conseguiu, com a reacção paulista, descobrir-se a si propria.

Fóra de duvida é, porém, que São Paulo mudou, com o seu rasgo, as directrizes do movimento “caporalista”, a que se refere o sr. João Neves no prefacio do livro de Arnon de Mello.

E começou a mudal-as a 9 de julho quando a dictadura foi escorar-se nas espadas dos generaes do Exercito. Desappareceu o 3 de Outubro. Começaram, apressados, os exames de consciencia. O sr. Getulio Vargas, no seu primeiro manifesto, adeantou que a sua estava tranquilla. Tal como o sr. Washington Luis a 4 de outubro.

S. Paulo, porém, não venceu só por isso. Venceu, tambem, mostrando aos vencedores que é impossivel não só viver sem elle, mas até mesmo com elle sem sua grandeza. Foi quando começou a absorpção dos vencedores pelos vencidos. Tambem a Grecia antiga, dominada pelos romanos, tornou captivos os vencedores, pela infiltração do seu saber, de sua arte, de sua cultura, do seu genio. São Paulo começou a assimila-

ção dos triumphadores mostrando-lhes o esplendor de sua grandeza, construída com o seu trabalho, o seu amor e o seu sangue.

No dia seguinte ao da victoria das armas dictatoriaes, fiz, nestas columnas, essa prophécia facil. Vejo-a agora, confirmada pelos factos e, noutra sentido, embora, pelos agudos conceitos do joven autor de *São Paulo venceu!*

Esse livro, em que Arnon de Mello observou tudo, desde o tonico do general Góes Monteiro, á sua mesa em Barra do Pirahy, até as duzentas e cincoenta grammas de manteiga de que o capitão Ricardo Hall se servia diariamente, por prescripção medica, é um documento precioso. Nelle se verifica ainda que São Paulo teria vencido materialmente pelas armas se, mallogrado o plano inicial, concertado com o Rio Grande e Minas, se houvesse improvisado outro, exigido pelas circumstancias.

Conforta o coração e alegra o espirito assistir á bravura das affirmações do intrepido jornalista dessas paginas serenas, mas viris."

Jayme de Barros

("Estado de Minas" — Bello Horizonte, 4-6-933).

"Não ha assumpto que enjõe quando tratado com talento. Assumpto é como a carne de vacca: depende da habilidade do cosinheiro para constituir sempre um prato saboroso e novo, apesar de ser banal e quotidiano.

A revolução paulista transformou-se, calados os canhões numa guerra literaria. Gastaram-se mais palavras para descrevel-a do que fitas de metralhadoras para sustental-a. Desde a declamação de grosso calibre, ao romantismo á Remarque, com todos os molhos foi ella servida ao publico brasileiro. De tanta bagaceira — perdão pelo plagio, caro collega José Americo! — alguma coisa forte e boa ficou. E quando se pensa que o assumpto foi totalmente banalizado, o talento apparece e nos offerta uma nova succulenta narrativa que nosso paladar mental aprecia tal qual se fôra uma novidade.

E' assim o *São Paulo venceu!* de Arnon de Mello. Arnon de Mello é um rapazinho que nasceu escriptor, como poderia ter nascido acrobata de circo, ou heróe de trincheira. Quem

é bom já nasce feito... Muito tenente "patria amada" bateu, na guerra, façanhudo militar de caserna. Arnon de Mello é uma intelligencia e a intelligencia é uma varinha magica que transforma uma velharia numa sensacional novidade.

São Paulo venceu! é um livro empolgante, sincero e persuasivo. Vê a guerra paulista do quartel do general Góes Monteiro, esse espirito interessante, politico e ao mesmo tempo desapaixonado. E' do lado de lá que Arnon acompanhou a epopéa sem par da gente bandeirante. E conta, com simplicidade e com justeza, o que houve do lado de lá, enquanto do lado de cá havia tanta bravura, tanto espirito de sacrificio e tanta gloria.

O que encanta nessa narrativa historica, cheia de revelações curiosas, rica de anedotas, de detalhes importantes, é a maestria com que foi realizada. Arnon tem olhos directos e puros: vê com a nitidez de um binoculo de longo alcance. atravez de lentes bem polidas, onde não ha argueiros, ajustadas num optimo fóco.

O drama vae-se desdobrando cinematicamente, empolgando num crescendo, escondido por um rythmo seguro. E, si nos persuade da nossa victoria, tambem nos demonstra como ella teria sido facil e integral si, á audacia do soldado paulista, se juntasse um golpe genial dos seus chefes militares. Vencemos moralmente. Com um minimo esforço teriamos vencido materialmente tambem.

O livro de Arnon de Mello é dos melhores que se escreveram sobre a guerra paulista. E — o sentimentalismo é um facto! — nós, que nos integramos tanto na nossa guerra, lendo certas paginas ha instantes em que...

Leitor: eu uso oculos. Ha certas paginas de certos assumptos que me obrigam, quando as leio, a conservar o lenço na mão. Por que será que, de quando em quando, os vidros dos meus oculos se embaçam?"

Helios (Menotti del Picchia)

("Diario da Noite" — S. Paulo, 5-6-933).

O primeiro livro de Arnon de Mello, apparecido em 1931, tambem obteve um grande exito de livraria e recebeu innumerous elogios da critica do paiz.

São alguns trechos de apreciações a elle feitas que os editores de "S. Paulo Venceu!", os mesmos de "Os Sem Trabalho da Politica", aqui desejam ainda transcrever.

"Ha tres ou quatro mēses recebi em casa uma visita que me fez sorrir no primeiro instante, mas que, em breve, me fazia recolher o sorriso como quem se arrepende de haver passado a um amigo uma nota falsa de 500\$000. Era um jovem jornalista que me vinha entrevistar sobre o momento politico, arrancando das células do meu cerebro, com a ponta do seu lápis, os intimos pensamentos que eu lá escondia. Ao fim de alguns minutos, eramos companheiros de infancia, êle com dezenove anos, eu com quarenta e quatro. Companheiros de infancia e colegas de escola.

"O môço que me visitava era, realmente, meu colega de escola. Tinhamos aprendido, os dois, no jornal. Curvâmo-nos sobre as mesmas bancas; poímos as calças pobres na palhinha das mesmas cadeiras. Havia, apenas, entre nós, um quarto de século. Êle era de um tempo e eu era de outro.

"Passam-se os mēses. E eis que me vem, agora, o resultado daquela entrevista no curioso livro que o sr. Arnon de Mello acaba de publicar sob o titulo "Os Sem Trabalho da Politica",

pequena obra em que resume as opiniões de dezesseis senadores e deputados destituídos do seu mandato pela Revolução de outubro de 1930, entre os que encontrou mais á mão ou lhe pareceram mais representativos. Prefaciando o volume, que podia ser um feixe de espinhos e é apenas um apanhado de flores com alguns ramos de sensitiva, que também tem o nome de "malícia", escreve o sr. Gilberto Amado: "Arnon de Mello tem dezenove anos, e mostra que os tem... na fácil profusão dos seus períodos, nas suas observações apressadas, na sua bôa-fé, no seu desinteresse. Com êste, afirma-se-lhe o caracter, a independencia moral. Estréando-se no jornalismo, não foi procurar os poderosos do dia, mas os abatidos da hora. Pena é que uns e outros, salvo poucas excepções, se pareçam tanto. Mas é facto que a sua simpatia se expande sobre as vítimas. Não interrogou os vencedores, mas os vencidos. E' interessante que êle se surpreenda de encontrar alegria em vez de tristeza nalguns dos que caíram."

Essas duas observações definem os entrevistados, na elegancia da sua conduta, e, com eles, o entrevistador, na dignidade do seu coração.

"Entre os livros que o movimento revolucionario de 1930 inspirou, directamente ou nas suas consequências, êste é um dos mais interessantes. Livro de piedade e de simpatia. Livro de sentimento e de historia. Livro, sobretudo, de um belo talento, que se está completando, e de um formoso coração, que está feito."

Humberto de Campos

("O Jornal" — Rio, 12-7-31)

"Além dos seus merecimentos, que affirmam um escriptor delicioso, na riqueza das imagens, na harmonia dos conceitos e na simplicidade do estylo, seu livro presta ao paiz o favor de guardar, para qualquer momento, as opiniões de alguns

homens que a elle serviram, marcando nellas a sinceridade que ninguem deixa de reconhecer nas almas no transe difficil do infortunio.

“O sr. Arnon de Mello não deve parar nesse livro. Continue. Sua literatura agrada immensamente. Elle se affirma uma expressão vigorosa e moderna do jornalismo.

João Lyra Filho

(“A Esquerda” — Rio, 27-7-31)

“Foi por isso (porque se tratava de politica) que esperel, em “Os Sem Trabalho da Politica”, um livro sem graça. Mentira. Arnon de Mello fez com este assumpto tão ingrato um livro muito interessante. Palpitante. Livro commodo, a commodidade está no formato e continúa na linguagem correnteia do escriptor. Simplicidade. Livro sem pretensões. Que não quer barulho. Que não quer ser consagrado pela Academia... Livro de um jornalista que é um escriptor elogiavel e de um escriptor que é um jornalista de primeira. Livro que tem toda aquella belleza imperfeita da mocidade.”

Dante Costa

(“Diario Carioca” — Rio, 19-7-31)

“Esta mesma secção já alludiu, ha dias, aos livros que pullulam a proposito da revolução. Entre elles, porém, o de Arnon de Mello é dos que merecem especial referencia. Quem, de futuro, quizer estudar esta confusa e inquieta phase da vida nacional, encontrará no seu trabalho, além da observação pessoal do jornalista, feita com segurança e finura, a narração do escriptor, urdida com sobria elegancia.

João Daqui (Domingos Barbosa)

(“A Batalha” — Rio, 13-6-31)

IRMAOS PONGETTI imprimam —
Machinas "Nebiolo" - Rolos "Cacique"

